

**Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia**

**O Movimento Folclórico Brasileiro
e seus desdobramentos na Paraíba:**

Uma aproximação a partir da trajetória de Hugo Moura (1960 a 1978)

Paulo Anchieta Florentino da Cunha

Recife,
2011

Paulo Anchieta Florentino da Cunha

**O Movimento Folclórico Brasileiro
e seus desdobramentos na Paraíba:**

Uma aproximação a partir da trajetória de Hugo Moura (1960 a 1978)

Recife, 2011

Paulo Anchieta Florentino da Cunha

**O Movimento Folclórico Brasileiro
e seus desdobramentos na Paraíba:**

Uma aproximação a partir da trajetória de Hugo Moura (1960 a 1978)

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Antropologia da
Universidade Federal de Pernambuco,
como parte dos requisitos para obtenção
do título de mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Sandroni

Recife, 2011

Catálogo na fonte
Bibliotecária Divonete Tenório Ferraz Gominho, CRB4-985

C972m Cunha, Paulo Anchieta Florentino da.

O movimento folclórico brasileiro e seus desdobramentos na Paraíba : uma aproximação a partir da trajetória de Hugo Moura (1960 a 1978) / Paulo Anchieta Florentino da Cunha. – Recife: O autor, 2011.

128 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Sandroni

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Antropologia, 2011.

Inclui bibliografia.

1. Antropologia. 2. Folclore. 3. Moura, Francisco Hugo Almeida de Lima e. I. Sandroni, Carlos (Orientador). II. Título.

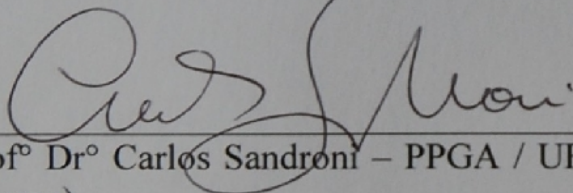
PAULO ANCHIETA FLORENTINO DA CUNHA

**“O MOVIMENTO FOLCLÓRICO BRASILEIRO E SEUS
DESDOBRAMENTOS NA PARAÍBA: UMA APROXIMAÇÃO A PARTIR
DA TRAJETÓRIA DE HUGO MOURA (1960 A 1978).”**

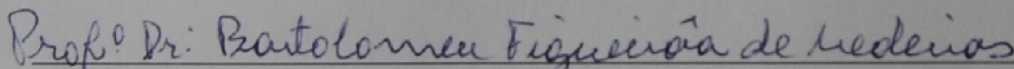
Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Antropologia da
Universidade Federal de Pernambuco como
requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre em Antropologia.

Aprovada em: 20/06/2011.

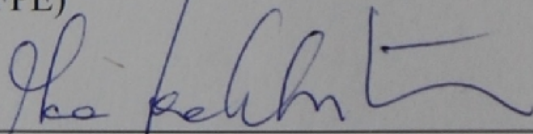
BANCA EXAMINADORA



Prof^o Dr^o Carlos Sandroni – PPGA / UFPE (Orientador/ Examinador Titular Interno)



Prof^o Dr^o Bartolomeu Figueiroa de Medeiros (Examinador Titular Interno-UFPE)



Prof^a Dr^a Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (Examinadora Titular Externa- UFRJ)

Resumo

A trajetória intelectual e institucional do professor Francisco Hugo Almeida de Lima e Moura é considerada nesta dissertação como chave de compreensão das ações empreendidas pelo Movimento Folclórico Brasileiro na Paraíba. Inicialmente apresentamos como a história dos estudos de folclore no Brasil vem sendo escrita, tanto pelos agentes do próprio movimento como pelos cientistas sociais. O tenso debate travado entre Florestan Fernandes e Edison Carneiro é exemplar para situar a compreensão deste campo de estudos no Brasil. A partir de documentos, artigos publicados, correspondências e entrevistas com familiares e colegas descrevo e analiso a trajetória de Hugo Moura. Procedendo assim observamos que no período entre 1960 e 1978 a atuação do então Secretário-Geral da Comissão Paraibana de Folclore e sua carreira docente se complementam. Desta forma, ações vinculadas a pesquisa e estudo, divulgação e articulação do folclore paraibano foram realizadas pelo movimento folclórico com apoio da universidade. É a partir desta inusitada parceria entre mundo universitário e movimento folclórico que a trajetória de Hugo Moura será aqui considerada.

Palavras Chaves: Antropologia, Folclore, Hugo Moura.

Abstract

The intellectual and institutional trajectory of the professor Francisco Hugo Almeida de Lima e Moura is considered in this dissertation as a key to understanding the actions undertaken by the Brazilian Folkloric Movement in Paraíba. Originally presented as the history of folklore studies in Brazil has been written both by agents of the movement itself as social scientists. The tense debate between Florestan Fernandes and Edison Carneiro is exemplary to place the understanding of this field of study in Brazil. From documents, published articles, correspondence and interviews with relatives and colleagues describe and analyze the trajectory of Hugo Moura. In doing so, we observe that in the period between 1960 and 1978 to the then acting Secretary General of the Commission Paraibana Folklore and complement his teaching career. Thus, actions related to research and study articulation and dissemination of folklore Paraíba were performed by the folk movement with support from the university. It is from this unusual partnership between academia and the folklore movement trajectory Hugo Mora will be described here.

Keywords: Anthropology, Folklore, Hugo Moura

Sumário

1. Da metodologia	7
1.1 Caminhos da pesquisa	7
1.2 A noção de trajetória	12
1.3 Plano dos capítulos	16
2. Contextualizando a reflexão sobre os estudos de folclore no Brasil	18
2.1 “Evolução dos estudos de folclore no Brasil”: a sistematização de Edison Carneiro	20
2.2 Florestan Fernandes e Edison Carneiro: um diálogo possível?	24
2.2.2. A crítica de Florestan Fernandes	24
2.2.2 O contrapondo de Edison Carneiro	31
1.3. Por uma visão antropológica dos estudos de folclore no Brasil	35
3. Descrição de uma trajetória	41
3.1 Perfil biográfico	42
3.2 IHGP	
3.3 IPAA	
3.4 Atuação docente	
3.5 Desdobramentos do Movimento Folclórico Brasileiro na Paraíba: a Comissão Paraibana de folclore e a participação de Hugo Moura	51
3.6 A participação de Hugo Moura no I Congresso Brasileiro de Folclore	55
3.7 Hugo Moura e a mediação entre o folclore e a universidade	56
4. Mapeando uma perspectiva etnográfica nos trabalhos de Hugo Moura	68
4.1 “Bibliografia do folclore paraibano”	
4.2 “Alimentação e linguagem popular”	72
4.3 “Folclore paraibano”	73
4.4 “Vocabulário folclórico do fumo”	75
4.5 “Contribuição ao estudo do linguajar paraibano”	78
4.6 “O que vendem os ervatários das feiras de João Pessoa”	79
4.7 Alguns pontos de contato entre o estudo do folclore e a antropologia nos trabalhos de Hugo Moura	78
5. Considerações Finais	83
Referências Bibliográficas	86
APÊNDICE A – Notícias sobre a Comissão Paraibana de Folclore e o folclore na Paraíba	89
APÊNDICE B – Correspondências Expedidas e Recebidas (1951-1978)	96
APÊNDICE C – Pasta Funcional UFPB	111
ANEXO A – Curriculum Vitae	115
ANEXO B – Relatório de Atividades UFPB (1967)	119
ANEXO C – Mapa Folclórico da Paraíba (1969)	122
ANEXO D – Atas da Comissão Paraibana de Folclore (1951)	124

1. Da metodologia

1.1 Procedimentos de pesquisa

O meu contato com a produção bibliográfica de Francisco Hugo Almeida de Lima e Moura aconteceu em 2006, quando participei da pesquisa “Patrimônio Imaterial da Paraíba – pesquisa documental”, para o levantamento de fontes bibliográficas e iconográficas do Patrimônio Imaterial da Paraíba. Este trabalho deu-se em virtude de um convênio celebrado entre o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a organização não governamental sediada em João Pessoa, Coletivo de Cultura e Educação Meio do Mundo, que desenvolve trabalhos de pesquisa com a cultura popular paraibana.

O trabalho tinha um cunho exaustivo e censitário, pois todas as referências encontradas nas bibliotecas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) e Fundação Casa de José Américo (FCJA) acerca da cultura popular na Paraíba deveriam ser registradas e catalogadas. Entre estas, algumas nos foram recomendadas previamente. A orientação recebida para o trabalho de pesquisa nos acervos era fazer um levantamento prévio pelos títulos que indicavam relação com a cultura popular na Paraíba. Além dos títulos deveríamos considerar alguns autores que nos foram expressamente recomendados. Rodrigues de Carvalho (1867-1935), Ademar Vidal¹ (1900-1986), Simeão Leal² (1908-1996) e Hugo Moura (1927-1978), até então ilustres desconhecidos para mim, eram tidos como pesquisadores que contribuiriam para o registro da cultura popular paraibana.

No decorrer do trabalho nas bibliotecas encontrei três artigos de autoria de Hugo Moura e que podem ser consultados na sessão *Coleção Paraibana* da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba. Os textos foram publicados em diferentes periódicos: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano*, revista *Paraíba Ontem Hoje* e *Revista da Faculdade de Filosofia da Paraíba*. Os títulos dos artigos eram os seguintes: “O que vendem os ervatários das feiras de João Pessoa”, “Bibliografia do folclore paraibano”, “Folclore paraibano”³. O que chamou a minha atenção nestes pequenos artigos, sobretudo no

1 Cf. ROSA, Maria N. B. **Usos, costumes e encantamentos**: a cultura popular na obra de Ademar Vidal. 2006. 338 f. Tese (Doutorado em Letras)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

2 Cf. OLIVEIRA, B. M. J. F. de. **José Simeão Leal**: escritos de uma trajetória. 2009. 241 f. Tese (Doutorado em Letras)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

3 Cf. Referências bibliográficas.

texto dos ervatários, foi a forma de escrever e relatar o processo de desenvolvimento da pesquisa, procedimento que eu reputava ser bem parecido com o da antropologia. Esta inquietação inicial transformou-se em curiosidade. Nos anos seguinte passei a procurar por outras referências que pudessem ajudar-me a compreender qual tinha sido a dimensão da contribuição de Hugo Moura aos estudos da cultura popular na Paraíba e assim entender um pouco melhor porque ele figurava entre os nomes dos intelectuais indicados para a busca nas bibliotecas.

O impulso para continuar buscando informações sobre Hugo Moura e sua produção nunca foi muito regular, mas a sensação de que era preciso pesquisar mais sobre ele sempre retornava em meus pensamentos. Em 2007 fui apresentado por um amigo em comum a Gustavo Moura, filho mais novo de Hugo Moura. Na primeira conversa que tive com ele perguntei se Hugo Moura escrevia em jornais, se tinha publicado algum livro ou se havia artigos ou trabalhos inéditos que pudessem estar guardados com ele ou outro familiar. A resposta foi negativa. Segundo Gustavo, Hugo Moura não escreveu em jornais nem deixou trabalho não publicado.

Além da produção intelectual perguntei sobre outras atividades que Hugo Moura tivesse desempenhado, além da de professor universitário. Foi nesta conversa que soube de sua inserção no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e de sua atuação como Secretário-Geral da Comissão Paraibana de Folclore. Mas em que anos? Ou melhor, em que período isto se deu? Não havia indicações precisas nem documentos que me mostrassem a movimentação de Hugo Moura nestes espaços institucionais, ao menos nestes momentos iniciais. Na conversa com Gustavo Moura, ele sugeriu que eu conversasse com seu irmão mais velho, Hugo Aníbal, pois este, quando do falecimento de seu pai, era um pouco mais velho e poderia dar-me um relato mais detalhado acerca da trajetória de Hugo Moura.

Ainda em 2008 estive por duas vezes no Instituto. Nas duas vezes perguntei às bibliotecárias sobre a participação de Hugo Moura naquela instituição. Elas não o conheciam. Poucas informações foram obtidas. Além dos artigos publicados na Revista do Instituto, eu sabia que ele era sócio daquela confraria, mas diferente de outros membros, ele não tinha uma nota biográfica sequer que pudesse ser consultada. Diante dos poucos dados levantados resolvi fazer algumas entrevistas que pudessem alargar os conhecimentos que eu já possuía sobre Hugo Moura.

Em abril de 2008 fui a São Paulo encontrar Hugo Aníbal Moura, o filho mais velho de

Hugo Moura. Nesta ocasião fiz a primeira entrevista de um total de três que foram realizadas antes de ingressar no mestrado em antropologia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O contato com Aníbal foi bem revelador. Durante a entrevista pude ter acesso a alguns dados biográficos, como ano de nascimento e falecimento, formação acadêmica e de sua atuação no campo da educação como professor universitário, membro do IHGP e Secretário-Geral da Comissão Paraibana de Folclore. Naquele momento os caminhos institucionais que Hugo Moura percorreu ao longo de sua trajetória começavam a desvendar-se, muito embora eu só os tenha percebido desta maneira algum tempo depois desta primeira aproximação com o objeto da pesquisa, já durante o curso do mestrado.

Após o falecimento em 1978, tanto sua biblioteca como os documentos pertencentes ao seu acervo não foram devidamente organizados, o que ocasionou na não preservação destes. Como bem disse Hugo Aníbal, filho mais velho de Hugo Moura, “isso foi ficando na família. E foi ficando em caixas. A umidade foi estragando e o tempo foi deteriorando e nós não tínhamos condição de manter, condição de bancar”⁴, a família não sabia muito bem o que fazer com aquele acervo de livros e de documentos. A sua biblioteca e os documentos existentes não resistiram às sucessivas mudanças de residência. E este acervo foi perdendo-se até restar apenas alguns poucos livros que se encontram, hoje, na casa de Gustavo. Neste momento eu já começava a perceber que o trabalho de levantamento de fontes para uma pesquisa não seria nada fácil, como de fato não foi.

A minha intenção inicial era verificar se na sua prática de pesquisa com a cultura popular ele utilizava procedimentos que eu julgava aproximados (para não dizer próprios) da abordagem antropológica dos estudos folclóricos, tal como citar os nomes dos “informantes” ou “colaboradores” de pesquisa, como é possível constatar no texto referente aos ervatários. Esta intenção foi modificando-se quando comecei a perceber que uma outra dimensão, sobretudo a sua atuação no sentido de promover o campo do folclore, passava a concorrer junto com esta dimensão da pesquisa para uma visão do papel institucional desempenhado por ele no campo do folclore Paraibano. O que quero dizer é que, muito mais do que através de pesquisas e publicações científicas, Hugo Moura contribuiu para a promoção do folclore paraibano através de articulações políticas possibilitadas pelo espaço que ele ocupava nas diferentes instituições por onde passou, com destaque para a Universidade Federal da Paraíba, Instituto Histórico e Geográfico e a Comissão Paraibana de Folclore.

4 Trecho transcrito da entrevista de Hugo Aníbal Moura concedida a este pesquisador em 16/04/2008.

Para que fosse possível descrever a trajetória de Hugo Moura foram utilizadas diferentes técnicas de pesquisa na coleta dos dados. Documentos pessoais e institucionais, artigos publicados em periódicos, notícias de jornal e revista, e entrevistas com pessoas que conviveram com Hugo Moura compõem o conjunto de informações que dão suporte a esta dissertação⁵. Entre os anos de 1960 e 1978 Hugo Moura atuou no campo do folclore paraibano como pesquisador da cultura popular e, sobretudo, como um articulador do movimento folclórico no Estado. É a ação institucional, ou seja, as várias atividades realizadas enquanto Secretário-Geral da Comissão Paraibana de Folclore e professor universitário, entre estes anos, que nos interessa como objeto de análise.

Entre 1974 e 1977 Hugo Moura se correspondeu com Bráulio do Nascimento, então Diretor Presidente da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Através das cartas trocadas entre os dois é possível compreender como se dava a relação entre a Comissão Paraibana e a Comissão Nacional de Folclore. Nestas, diferentes assuntos foram abordados, como por exemplo o interesse da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro em participar da elaboração e execução do Plano de Pesquisa para o Levantamento do Folclore Paraibano em 1975⁶.

Na Pasta Funcional⁷ de Hugo Moura, localizada no Arquivo Geral da Universidade Federal da Paraíba, observamos o percurso trilhado por ele enquanto professor. Entre os documentos foram encontrados certidões de tempo de serviço, ofícios, requerimentos e processos administrativos, como por exemplo o de sua ascensão funcional. Com as certidões de tempo de serviço foi possível saber quais foram as instituições de ensino nas quais Hugo Moura trabalhou. O Colégio Estadual de João Pessoa e as Faculdades de Ciências Econômicas e de Filosofia da então Universidade da Paraíba fazem parte de sua experiência docente desde meados dos anos 50 até 1978, quando ele falece. Estes documentos apontam para o surgimento de uma identidade sempre atribuída a Hugo Moura, qual seja, a de professor. Não é só na Pasta Funcional que se encontra o caminho institucional trilhado pelo professor Hugo Moura, as notícias de jornais mencionadas em meu trabalho também confirmam tal identidade. Em quase nenhum dos documentos a que tive acesso, considerando principalmente estas notícias, Hugo Moura é chamado de folclorista, apenas de professor ou

5 Cf. APÊNDICE A – Notícias sobre a Comissão Paraibana de Folclore e outras relacionadas ao folclore na Paraíba.

6 Carta enviada por Bráulio do Nascimento para Hugo Moura em 17/03/1975. Cf. Síntese da desta carta no APÊNDICE B.

7 APÊNDICE C – Tabela da Pasta Funcional.

de Secretário da Comissão Paraibana de Folclore⁸. Este fato é revelador do significado atribuído pelo inconsciente coletivo ao termo folclorista, sempre ligado à imagem do pesquisador e raramente ao, como chamaríamos hoje, ativista da causa. Mesmo o fator diletantismo, característica majoritariamente atribuída ao folclorista, relaciona-se sempre ao estudo diletante e nunca à ação diletante.

As entrevistas realizadas com os ex-alunos de Hugo Moura demonstram que ele se notabilizou como professor de História da América. Embora também tenha lecionado História Econômica e História Econômica do Brasil, entre outras disciplinas, ficou mais conhecido como professor daquela cadeira.

Outra fonte consultada foi a hemeroteca e a *Revista Brasileira do Folclore* que compõem a base digital de dados do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular no Rio de Janeiro. Ao digitar as palavras “Hugo Moura” no buscador desta base de dados as ocorrências encontradas indicam 10 recortes de jornais dos Estados da Paraíba e de Pernambuco e nestes se verifica a atuação do professor Hugo Moura à frente da Comissão Paraibana de Folclore, sobretudo na década de 1960⁹. Na sessão “Noticiário” da *Revista Brasileira de Folclore* constam também informes publicados entre 1963 e 1970 sobre as atividades daquela Comissão. Os assuntos abordados nestas notícias são os seguintes: cursos a serem realizados, palestras proferidas, comemorações pelo dia do folclore e outras ações promovidas no Estado. Ainda neste mesmo Centro tive acesso à Pasta da Comissão Paraibana de Folclore que se encontra na Biblioteca Amadeu Amaral no Rio de Janeiro. Nela constam as correspondências trocadas em meados da década de 70 do século passado entre Hugo Moura e Bráulio do Nascimento, o que também indica a participação ativa do secretário paraibano. O que chamou a minha atenção é que na pasta só encontramos documentos referentes ao período indicado acima, primeira metade da década de 1970. Diferente dos recortes de jornais que podem ser consultados através do *site* do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, as correspondências trocadas entre as comissões são de acesso restrito e só podem ser consultados nos terminais informatizados localizados na Biblioteca Amadeu Amaral.

No Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), além da hemeroteca foram consultadas algumas pastas que compõem o Arquivo Documental Flávio Maroja. Numa delas encontrei uma cópia do Mapa Folclórico da Paraíba e seu texto correspondente¹⁰. Encontrei

8 Cf. APÊNDICE 01.

9 Cf. APÊNDICE 01.

10 O Mapa Folclórico da Paraíba publicado por Hugo Moura em 1969 pode ser consultado na Pasta **A3G1P8** e o texto correspondente ao Mapa pode ser encontrado na Pasta **A3G1P1**. As duas pastas estão localizadas na

também documentos que indicam a participação de Hugo Moura no Instituto Paraibano de Arqueologia e Antropologia (IPAA). Ainda no acervo do IHGP encontra-se o material de um curso de folclore que foi realizado em 1975.

No Arquivo Afonso Pereira, localizado em João Pessoa, consultei a caixa arquivo “Folclore”. Nela é possível achar documentos relativos ao tempo em que o patrono do arquivo foi presidente da Comissão Paraibana de Folclore. Entre os documentos encontrados destaco algumas cópias da *Nota Bibliográfica*, editada pela Comissão Nacional e três Atas da Comissão Paraibana de Folclore, redigidas por Afonso Pereira em 1951¹¹. Ressalto ainda que na *Nota Bibliográfica* nº 48, de Dezembro de 1951, consta a notícia de uma entrevista concedida por Hugo Moura ao *Jornal Pedagógico* de João Pessoa, no dia 15/11, cujo título é “I Congresso Brasileiro de Folclore”. Infelizmente não consegui achar a cópia do jornal em nenhum dos acervos consultados.

Além da pesquisa nos arquivos realizei no total sete entrevistas. A primeira delas, como já indicado acima, foi com Aníbal Hugo Moura. Outras duas com os ex-alunos de Hugo Moura, José Nilton e José Octávio de Arruda Mello. O professor Iveraldo Lucena, que foi aluno e posteriormente colega de departamento na Universidade Federal da Paraíba, também me concedeu entrevista. Por fim, Bráulio do Nascimento e Vicente Sales também se dispuseram a conversar comigo. A seleção das pessoas deu-se sobretudo pela disponibilidade destas em colaborar com a pesquisa. Uma pessoa foi contatada mas recusou-se a falar alegando que não tinha como colaborar com a minha pesquisa por ter tido um contato superficial com Hugo Moura. Outros alegaram que em virtude do longo período transcorrido entre o falecimento e o meu contato para uma entrevista o tema era fator de poucas lembranças e que assim não poderiam colaborar.

Ao longo da descrição acima, em diferentes momentos fiz menção ao termo “trajetória” e não o defini ou sinalizei qual o seu significado e de que modo ele se aplica ao meu trabalho. No ponto seguinte exponho sucintamente como esta noção vem sendo tratada no âmbito das ciências sociais e como a apliquei nesta pesquisa.

1.2 A noção de trajetória

A justificativa para considerar a trajetória de Hugo Moura como forma de

Série 12 – Produção Intelectual, do Arquivo Documental “Flávio Maroja”.

11 Não foram encontradas outras Atas, apenas estas três.

compreender como o movimento folclórico brasileiro se deu na Paraíba entre os anos de 1960 e 1978 baseia-se justamente na percepção, à luz da documentação coletada, de que durante estes 18 anos ele articulou e promoveu este movimento no Estado. Se tomarmos conjuntamente as notícias em jornais locais que foram enviadas à Comissão Nacional de Folclore e os informes da sessão “Noticiário” da *Revista Brasileira de Folclore*, entre 1960 e 1970, não encontraremos outro sujeito responsável pelo movimento folclórico na Paraíba. Se considerarmos também as correspondências trocadas por Hugo Moura e Braulio do Nascimento entre 1974 e 1977 veremos mais uma vez que é ele o interlocutor local do movimento neste período. Assim, se analisarmos os períodos acima conjuntamente, com exceção do intervalo de anos entre 1970 e 1974, quando não encontrei nenhuma referência a Hugo Moura, mas também a nenhum outro que pudesse ocupar o seu lugar, notaremos que para poder entender como este movimento teve suas atividades desenvolvidas na Paraíba, será inevitável passar por sua trajetória. Não quero deixar transparecer com esta afirmação que somente Hugo Moura tenha atuado no campo do folclore na Paraíba. Muitos outros intelectuais antes dele o fizeram, como Arnaldo Tavares, Francisco Leon Clerot e Afonso Pereira, que integraram os quadros da Comissão Paraibana de Folclore no começo dos anos 50 e desenvolveram atividades de pesquisa no campo do folclore paraibano. Para termos uma dimensão aproximada do comprometimento destes intelectuais com o movimento, podemos constatar que Arnaldo Tavares e Leon Clerot estavam entre os integrantes da delegação paraibana que participaram do I Congresso Brasileiro de Folclore no Rio de Janeiro. Porém, estes não se empenharam tanto quanto Hugo Moura na consolidação de uma articulação mais intensa com a Comissão Nacional de Folclore e por conseguinte com os desígnios do Movimento Folclórico Brasileiro. Se quisermos um outro exemplo de intelectual que atuou neste campo na Paraíba, cito o folclorista alagoano Altimar Pimentel, contemporâneo de Hugo Moura que teve uma produção bibliográfica bem maior do que a dele, pois publica entre 1968 (ano de sua chegada à Paraíba) e 1978 oito livros abordando temáticas relativas ao folclore. Além de uma produção mais volumosa ele ocupa diferentes cargos na Câmara dos Deputados, no Ministério da Educação e Cultura, no Governo Estadual e na Universidade Federal da Paraíba que o inserem no campo do folclore¹². Porém Altimar só assume a secretaria da Comissão Paraibana de Folclore após o falecimento de Hugo Moura. Ressalto ainda que nesta Comissão, no intervalo entre 1948, quando foi fundada, e 1978, quando Hugo Moura falece,

12 Cf. <http://www.thesaurus.com.br/autor/altimar-pimentel/> nesta página é possível encontrar uma lista de publicações e dos cargos ocupados por Altimar Pimentel ao longo de sua vida.

diferentes intelectuais ocuparam este cargo, tais como o jornalista José Leal, Afonso Pereira e Leon Clerot, sendo Hugo Moura o ocupante que por mais tempo permaneceu no período estudado, pois os dados coletados nas fontes já mencionadas indicam isso. No capítulo que trato da trajetória de Hugo Moura todas estas referências serão descritas.

Ao analisar os documentos coletados fui percebendo que a parte mais extensa das referências ao movimento folclórico brasileiro na Paraíba convergiam para a atuação de Hugo Moura. Assim, fui percebendo que a melhor maneira para compreender um período relativamente longo desta história passava inevitavelmente pela trajetória de Hugo Moura.

Durante a elaboração do projeto para a seleção do mestrado fui notando, ao buscar a bibliografia que indicasse os melhores caminhos para realizar a pesquisa, que o meu trabalho poderia utilizar abordagem biográfica como recurso metodológico e desta forma procedi.

A utilização de “histórias de vida” pelas ciências sociais não é algo novo. Como nos demonstra Becker (1999, p. 101) “Thomas e Znaniecki publicaram o primeiro documento sociológico sobre história de vida” no final da década de 1920. Outros trabalhos seguiram-se a este primeiro e boa parte dos investigadores que se formaram na Universidade de Chicago utilizaram-se extensivamente de documentos pessoais em muitas outras pesquisas¹³.

Pierre Bourdieu (1996), um crítico muito severo da ideia de construção de uma biografia ou trajetória, chega mesmo a afirmar que a narração contida numa “história de vida” nada mais é do que um ato que só pode efetivar-se através de uma “ilusão”, pois o biografado cria artificialmente um sentido para a sua própria vida, selecionando fatos ou acontecimentos “significativos” que serão organizados coerentemente em sua narrativa a ser conferida ao biógrafo (BOURDIEU, 1996). Neste sentido a crítica de Bourdieu pode ser estendida também ao trabalho do pesquisador pois assim como uma pessoa que se deixa biografar, o pesquisador também seleciona fatos que julgue mais significativos ou coerentes para realizar a sua narrativa.

Ele chama a nossa atenção para as palavras que acabam sendo utilizadas em qualquer biografia, ou mesmo numa autobiografia: “caminho”, “percurso”, “trajeto”, “estrada”, “carreira”. Todas estas implicam diretamente na definição e na forma como uma biografia é narrada, na visão dele encerram uma “filosofia da história” (etapas bem definidas) que tem como pressuposto a sucessão de acontecimentos e fatos encadeados linearmente.

13 Cf. BECKER, Howard. S. A história de vida e o mosaico científico. In: **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. 4 ed. São Paulo: HUCITEC, 1999. p. 101-115.

Essa vida organizada como um história (no sentido de narrativa), desenrola-se segundo uma ordem cronológica que é também uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, e também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu fim, que é também um objetivo, uma realização (*telos*). (BOURDIEU, p. 74).

O autor ainda nos ensina que quando uma história é narrada ou relatada nestas circunstâncias, a cronologia ganha uma dimensão preponderante e tende a criar a ilusão de uma história sequenciada e totalizante, ou seja, é como se nesta narração não operasse seleções, omissões, lembranças e esquecimentos. Ao contrário, Bourdieu enfatiza a partir dos exemplos inspiradores do surgimento de uma nova forma de fazer romance que rompia com a ideia de linearidade e assim nem na ficção é possível se reconstituir todas as partes que compõem uma vida. O que se descobriu é que a vida é fragmentária, descontínua e impossível de ser considerada em sua totalidade.

Considerando as críticas do autor francês, acredito que há possibilidades de utilização do método biográfico tomando os cuidados indicados, sobretudo no que diz respeito à reconstituição de uma vida como totalidade e que possa ser apreendida linearmente. A vida de Hugo Moura poderia ser objeto de uma biografia e qualquer pesquisador que assim quisesse certamente teria condições de realizá-la, mas desde as primeiras ideias para realização deste trabalho quis compreender a partir de sua atuação como se conformou o campo de folclore na Paraíba e mais especificamente como o movimento folclórico brasileiro teve os seus objetivos realizados neste Estado.

Desta forma, ao ler o livro *Uma trajetória em Narrativas* de Suely Kofes (2001) encontrei um modelo, tomado aqui por empréstimo e de modo muito particular, para que pudesse me apropriar da noção de trajetória e assim abordar a atuação de um sujeito sem necessariamente fazer dele o objeto do trabalho, mas a partir de suas múltiplas inserções perceber como ele atuou para articular institucionalmente o movimento folclórico na Paraíba.

Diz Kofes (2001) acerca da trajetória de Consuelo Caiado: “não reconstituo a vida de Consuelo. Há muitos detalhes de sua vida cotidiana, de vários momentos de sua vida, sobre os quais nada sei: ou porque não é possível saber, ou porque não me disseram, ou ainda porque esta não foi minha intenção nesta pesquisa” (p. 14). Assim como a autora, não tenho a pretensão de reconstituir a vida de Hugo Moura. Pelos mesmos motivos que a autora alega não foi possível elucidar muitos pontos da trajetória de Hugo Moura. Se para Bourdieu narrar uma trajetória é uma “ilusão”, posto que se funda na falsa ideia de sentido e todo coerente e

organizado, para Kofes (2001, p. 27), a trajetória é “o processo de configuração de uma experiência”, ou seja é preciso considerar conjuntamente as dimensões objetivas e subjetivas que uma trajetória encerra. Isto significa reconhecer que é possível descrever uma trajetória sem necessariamente se deixar enganar pelos fatores já indicados por Bourdieu.

O trabalho de Kofes sobre Consuelo Caiado também articula as ideias de biografia e etnografia. Neste sentido a autora assevera que realizando o trabalho a partir do que ela chama de “intenção biográfica” é possível realizar “uma etnografia de uma experiência”. Para justificar tal recurso ela inspira-se na distinção entre etnografia e etnologia estabelecida por Levi-Strauss, qual seja a de que a etnografia pode ser entendida como a “descrição de uma particularidade”, enquanto a etnologia “utiliza de modo comparativo (...) os documentos apresentados pelo etnógrafo”¹⁴. É neste sentido de captar uma experiência e na possibilidade de descrevê-la levando em consideração a sua particularidade que emprego o termo trajetória ao longo deste trabalho. Ao descrever a trajetória de Hugo Moura quero demonstrar a sua contribuição e a partir dela posso compreender como o movimento folclórico se deu na Paraíba.

1.3 Plano dos capítulos

No segundo capítulo traço um panorama que visa compreender como a história dos estudos de folclore no Brasil vem sendo escrita e refletida. Considero as contribuições de Edison Carneiro e Florestan Fernandes para pensar inicialmente a relação entre os campos do folclore e das ciências sociais, a crítica empreendida por Fernandes e a resposta de Carneiro. Num segundo momento considero a revisão feita, sobretudo por antropólogos, no sentido de aproximar este campo de estudos das Ciências Sociais. Neste contexto são consideradas as contribuições de Vilhena (1997), Velho (2000), Peirano (2000), Cavalcanti (2000, 2009) e Cavalcanti e Vilhena (1990).

O capítulo três é dedicado à descrição da trajetória de Hugo Moura levando em consideração destacadamente sua ação institucional em dois campos distintos, qual seja, o universitário e o do folclore. Neste sentido, quero demonstrar como ele articulou a sua prática docente ao campo do folclore e assim pôde promover o movimento folclórico brasileiro na Paraíba tendo no espaço da universidade o “palco” de realizações de atividades relativas ao

14 Cf. KOFES, Suely. **Uma trajetória em narrativas**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2001. Tal distinção encontra-se na nota de rodapé 16 na página 28 da referência supra-citada.

folclore.

O quarto capítulo analisa a produção bibliográfica de Hugo Moura tentando nela enxergar os pontos de contato entre a prática de pesquisa folclórica e antropológica.

Nas considerações finais retomo os argumentos desenvolvidos ao longo do texto para afirmar que o movimento folclórico na Paraíba pode ser compreendido a partir da trajetória de Hugo Moura. Ao considerar a sua atuação é possível pensar como este campo se constituiu tendo como um espaço privilegiado de desenvolvimento a universidade.

2. Contextualizando a reflexão sobre os estudos de folclore no Brasil

A proposta desta parte do meu trabalho é abordar como a história dos estudos de folclore no Brasil vem sendo pensada e escrita. Neste sentido, localizo na literatura concernente ao tema os argumentos históricos, sociológicos e antropológicos que cercam o assunto. Assim, pretendo entender como este campo de estudos se configurou em nosso país, notadamente no século XX. Localizo nos trabalhos de Edison Carneiro, Florestan Fernandes, Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti e Luís Rodolfo Vilhena, e por fim Mariza Peirano e Gilberto Velho, os argumentos que serão considerados para efeito de minha descrição deste campo de estudos em nosso país.¹⁵

No artigo “A evolução dos estudos de folclore no Brasil”¹⁶, Edison Carneiro faz um balanço do que havia sido publicado sobre o folclore até 1962. Este trabalho configura-se como uma retrospectiva histórica dos estudos de folclore no Brasil de finais do século XIX até 1962. Entre outros pontos ele descreve as duas concepções que caracterizavam este campo de estudos que continuaram coexistindo no âmbito do movimento folclórico brasileiro. Neste texto, Carneiro reflete acerca dos limites e possibilidades que o futuro apontava para o desenvolvimento do campo a que fazia parte. A esta altura o Movimento Folclórico Brasileiro já tinha fundado a Comissão Nacional de Folclore em 1947 e criado a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro em 1958, o que o animava diante dos percalços enfrentados e superados pelos folcloristas brasileiros até aquela data.

Os primeiros cursos de ciências sociais são instalados no Brasil na década de 1930. Surgiram a Escola de Sociologia e Política de São Paulo, em 1933; a Universidade de São Paulo, em 1934, e a Universidade do Distrito Federal, em 1936, no Rio de Janeiro. Com o advento do espaço universitário uma nova abordagem do fenômeno folclórico será engendrada pelos quadros que aí serão formados. Como constataremos mais adiante, prevalecerá uma visão sociológica acerca dos fenômenos sociais em detrimento de outras formas de interpretação que foram denominadas de “pensamento social brasileiro”, ou seja, uma categoria que engloba os escritos não caracterizadas como ciências sociais.

15 Para uma descrição pormenorizada do surgimento do campo do folclore na Europa conferir o trabalho de ORTIZ, Renato. **Românticos e folcloristas**. São Paulo: Olho d'Água, s/d.

16 Cf. CARNEIRO, Edison. A evolução dos estudos de folclore no Brasil. In: **Revista Brasileira de Folclore**. v. 2, n. 3 e n. 4, 1962.

Após este momento iniciático vivenciado nos anos 30 do século passado, os anos seguintes serão de consolidação da sociologia. Esta disciplina ganhará destaque e crescerá ao ponto de tornar-se hegemônica perante a antropologia e a ciência política. Tamanha afirmação garantirá aos sociólogos um lugar privilegiado para estabelecer o quê, como, por que e quem pode estudar o social em nosso país. Uma das consequências de tal projeto intelectual resvalou nos estudos de folclore. No caso em tela coube a Florestan Fernandes a proeminência destas prerrogativas. Ao passo que a sociologia afirmava-se, intensificava-se a diferenciação entre as disciplinas e surgia assim um conflito entre cientistas sociais e folcloristas acerca de como pesquisar e estudar o folclore. A atuação da sociologia representada por Florestan Fernandes não passou despercebida pelos folcloristas. Edison Carneiro enfrentou e rebateu as críticas impingidas e desta maneira defendeu o ponto de vista dos folcloristas confrontando-se diretamente com o sociólogo paulista.

Neste debate, a acirrada divergência entre ambos deu-se no ponto mais caro à agenda dos folcloristas, qual seja, o desejo de tornar o folclore uma disciplina científica autônoma. Fernandes não só colocou-se frontalmente contra este pleito dos folcloristas como estabeleceu uma crítica que se efetivou e perdurou na formação de muitas gerações de cientistas sociais e deste modo impediu uma compreensão mais adequada do papel desempenhado por estes intelectuais até recentemente em nosso país.

É somente a partir da década de 1980 (aproximadamente) que este panorama começa a se modificar. Graças ao trabalho, sobretudo, de antropólogos, novas abordagens desta área de estudos foram empreendidas. Primeiro, verifica-se que é preciso considerar o movimento folclórico em seus próprios termos, neste sentido o trabalho de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti e outros apontam uma perspectiva de análise na qual o movimento folclórico brasileiro pode ser estudado e compreendido desde um ponto de vista antropológico. Assim, há uma reversão gradual da visão negativa que preexistia baseada nas críticas empreendidas pelos que seguiam a linha traçada por Florestan Fernandes na compreensão deste campo de estudos. Segundo, passa-se a encarar a relação entre folclore e ciências sociais não mais pela delimitação rígida de suas fronteiras disciplinares o que se constituiu em oposição entre folclore e ciências sociais.¹⁷

Tendo como aporte esta “guinada interpretativa” torna-se possível refletir sobre a

17 Cf. CAVALCANTI, Maria Laura. et. al. Os estudos de folclore no Brasil. In: **Seminário de Folclore e cultura popular**: as várias faces de um debate. 2 ed. Rio de Janeiro: FUNARTE/CNFCP, 2000. p. 101-112. (Série Encontros e Estudos 1).

história dos estudos de folclore no Brasil e enxergar, por exemplo, que até a década de trinta do século XX havia uma relação de proximidade entre os intelectuais dos dois campos. Se considerarmos a experiência da Sociedade de Etnografia e Folclore (1937), as atividades do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo e as primeiras reuniões da Associação Brasileira de Antropologia anos mais tarde, notaremos como era comum a participação mútua de cientistas sociais e folcloristas¹⁸ nos mesmos espaços institucionais.

Assim, muito do que já escrevi aqui se inspira nas contribuições dadas por Luís Rodolfo da Paixão Vilhena em seu livro “Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)”, que, desde sua publicação, constituiu-se em obra de referência sobre o assunto, por engendrar em profundidade uma visão menos negativa e mais nuançada da atuação dos folcloristas brasileiros. Sua argumentação joga luzes na pujança institucional alcançada por este movimento bem como nos limites e nas dificuldades enfrentadas pelos folcloristas brasileiros para consolidação de seus objetivos. No mesmo caminho de interpretação, os artigos de Maria Laura Cavalcanti, Mariza Peirano e Gilberto Velho abordam o campo dos estudos de folclore oferecendo algumas chaves para compreender “encontros e desencontros” entre folclore e ciências sociais ao longo do século XX no Brasil¹⁹. Tratarei destes trabalhos na última parte deste capítulo.

Tendo estas reflexões como lastro, espero, ao final do capítulo, construir um panorama da reflexão existente que permita entender como vem sendo repensado o campo dos estudos de folclore no Brasil em suas relações ora de aproximação ora de tensão e conflito com as ciências sociais.

2.1 “Evolução dos estudos de folclore no Brasil”: a sistematização de Edison Carneiro

Em 1962, um ano após assumir a direção da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Edison Carneiro publica “Evolução dos estudos de folclore no Brasil” na *Revista Brasileira de Folclore*. Neste artigo encontramos um balanço tanto do que havia sido publicado acerca do folclore brasileiro até então, quanto das ações institucionais que haviam

18 Cf. RUBINO, Silvana. Clubes de pesquisadores: A Sociedade de Etnografia e a Sociedade de Sociologia. in: MICELI, Sérgio (org.) **História das Ciências Sociais no Brasil** (vol. 2). São Paulo: Editora Sumaré, 1995. Para uma apreciação desta relação na década de 1930.

19 Cf. O texto já citado de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti e PEIRANO, Mariza G. S. A legitimidade do folclore. In: **Seminário de Folclore e cultura popular: as várias faces de um debate**. 2 ed. Rio de Janeiro: FUNARTE/CNFCP, 2000.

sido ensaiadas para uma melhor definição do campo de atuação dos folcloristas.

Após a II Guerra Mundial, os estudos de folclore se viam defronte uma “encruzilhada”. “Orientações antigas” e as “novas tendências” se encontraram e urgia fazer alguma coisa para que esta situação pudesse ser alterada em favor das novas tendências e assim pudessem ocupar o lugar que lhe era reservado. A reflexão empreendida por Edison Carneiro levará em conta a coexistência destas duas concepções no âmbito do Movimento Folclórico Brasileiro que, conseqüentemente, respingava na produção dos estudos de folclore no Brasil. Mas vejamos como Edison Carneiro caracteriza cada uma destas tendências.

Na apresentação das chamadas “orientações antigas” notamos que o recorte temporal estabelece-se entre meados do século XIX e o início do século XX, até aproximadamente a década de 1930. Neste período os estudos publicados concebiam o folclore “como parte da literatura, da linguística ou da história” (CARNEIRO, 1962, p. 47). As principais publicações se atinham à coleta de cantos e contos populares; as técnicas de recolha do material eram rudimentares e não prezavam por rigor e objetividade, o que era quase uma quimera. Muitos trabalhos publicados tinham como fonte as lembranças e reminiscências de seus autores. Entre outros autores citados por Carneiro, Celso de Magalhães (1849-1879) e Sílvio Romero (1875-1929) são considerados os principais representantes deste momento inicial, sendo este último o de maior destaque em virtude da publicação de trabalhos “mais vastos” como as coletâneas *Cantos* (1883) e *Contos* (1885)²⁰.

Para Edison Carneiro é Amadeu Amaral quem inaugura a chamada “tendência renovadora”. Para este, os estudiosos do folclore nacional deveriam prezar pela objetividade, observar o rigor do método e assim abandonar os vícios do “sentimentalismo”, do “excesso de teorizações imaginosas e precoces” e do “diletantismo erudito”, que impediam um melhor aproveitamento tanto do material coletado como da exposição justa dos resultados a serem publicados.

Amadeu Amaral ainda foi lembrado como um homem de visão ampla que perseguia uma perspectiva mais sistêmica dos procedimentos tanto de estudo como de constituição de um clima intelectual que possibilitasse romper com o diletantismo reinante, com o isolamento e o trabalho individual de muitos folcloristas de seu tempo. Deste modo, ele propôs criar uma associação de estudiosos que pudessem se dedicar à pesquisa do folclore além de outras instituições que objetivassem a preservação das tradições populares.

20 CARNEIRO, Edison. op. cit., 1962.

Ao propor a sua Sociedade Demológica, Amadeu Amaral (1925) lembrou, pela primeira vez, a criação de um museu de folclore, a necessidade de mapear o folclore brasileiro, a organização de uma biblioteca especializada e, finalmente, o aliciamento, nas diversas localidades do país, de “correspondentes” capazes de realizar a coleta primária que julgava indispensável. (CARNEIRO, id., p. 51).

Nesta perspectiva, o estudo do folclore inseria-se em uma agenda bem mais abrangente e menos individual, ensejando assim uma feição mais orgânica e propositiva para tais estudos. A “pedra fundamental” para o rompimento com as velhas características que definiam a antiga visão até então em vigência, estava lançada.

Ao continuar a sua “Evolução dos estudos de folclore no Brasil”, Edison Carneiro chega a Mário de Andrade. Tributário dos ideais de Amadeu Amaral, tanto na “crítica como na perspectiva”, ele dará continuidade a este novo momento e avançará em alguns pontos, sobretudo na ação institucional.

Foi Mário que associou a força renovadora da pesquisa sob princípios científicos e uma atuação institucional consequente, aspectos já apontados por Amadeu Amaral. Sua participação no Departamento Municipal de Cultura de São Paulo foi decisiva para que pudesse empreender um dos mais exitosos projetos de pesquisa sobre o folclore brasileiro realizados em sua época. O trabalho da Missão de Pesquisas Folclóricas, em 1938, recolheu uma enormidade de material folclórico, principalmente no Nordeste. É a ação mais marcante de seu período enquanto gestor público e com consequências para este campo até os nossos dias. Além da renovação proporcionada no campo da pesquisa, Mário de Andrade foi um grande estimulador de outros pesquisadores, o que confirma em grande medida o número de seguidores de sua linha de trabalho. Entre estes, Carneiro chama a atenção para Oneyda Alvarenga, que foi assistente de pesquisa e tornou-se organizadora do acervo deixado pelo escritor paulista.

A iniciativa pioneira empreendida por Mário de Andrade acabou tornando-se, senão a única, uma das poucas que se tem notícia neste formato. Esta experiência não teve a continuidade desejada por ele e pelos que dela faziam parte, isto é, o grupo de pesquisadores que participaram da Missão de Pesquisas Folclóricas e os intelectuais paulistas que se encontravam no Departamento Municipal de Cultura. Os acontecimentos políticos da década de 30 interromperam o trabalho que estava sendo realizado, o que culminou com a saída de

Mário de Andrade do Departamento Municipal de Cultura. Após esta experiência exitosa e rápida, tivemos que esperar até o final da década de 1940 para que uma nova tentativa de organização deste campo de estudos e das correlatas ações institucionais pudesse ser efetivada.

Só em 1947 é que Renato Almeida, como bem designa Carneiro: um “unificador de esforços”, levou a situação anterior a modificar-se por completo. Com a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1945 e de seu órgão subsidiário responsável pela cultura, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), logo depois, o folclore foi tomado como elemento de conagração entre os povos. Desta feita, Renato Almeida, já inserido no campo dos estudos de folclore, aproveitou a sua condição de funcionário do Ministério do Exterior e viu na recomendação da ONU uma oportunidade ímpar para que, enfim, se criasse um órgão congregador dos folcloristas dispersos por todo o país. Desta feita, em 1947 surge a Comissão Nacional de Folclore sob os auspícios do Instituto Brasileiro de Ciência, Cultura e Educação (IBCEC).

Com a criação desta Comissão, Renato Almeida convidou, através de cartas, intelectuais a assumirem as secretarias das subcomissões estaduais de folclore. Assim, a Comissão Nacional viu florescer sob sua batuta uma rede de folcloristas organizados nacionalmente. O envio de informações sobre o folclore local à sede nacional funcionou como uma “caixa de ressonância” das diretrizes elaboradas pela Comissão Nacional. Deste modo, com tamanha articulação, surgiram Congressos, Semanas de Folclore, Simpósios e Festivais; publicação de um “Boletim Bibliográfico e Noticioso”, que fora um grande veículo de divulgação e da circulação de ideias acerca da diversidade do folclore nacional.

Segundo Carneiro, a Comissão Nacional de Folclore no período de 1948 a 1954 teve o seu momento mais ativo. Em 1951 é realizado o I Congresso Brasileiro de Folclore, um verdadeiro marco na história desse movimento. É nele que vem a lume a Carta do Folclore Brasileiro, que estabelece as diretrizes para o estudo, pesquisa e salvaguarda do folclore. Mesmo com toda esta capacidade de articulação, a Comissão Nacional era um órgão que não tinha autonomia financeira e a implementação das diretrizes ficava muitas vezes no campo da sugestão, como ressalta Edison Carneiro. Só em 1958 os folcloristas brasileiros conseguiram chegar ao mais alto degrau de sua institucionalização, pois em 22 de agosto desse mesmo ano foi instalada a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Este órgão, criado dentro da estrutura administrativa do Ministério da Educação e Cultura, traria as condições operacionais

mínimas para que o movimento folclórico brasileiro pudesse ter uma ação mais estruturada e consequente no campo da pesquisa e sobretudo nas ações de preservação do folclore nacional. Com a criação da Campanha foi possível estabelecer convênios com as universidades para realização de levantamentos do folclore nos estados, como o ocorreu na Paraíba em 1976.

Até aqui expus um pouco da história dos estudos de folclore selecionando os pontos que julguei mais relevantes, tendo como ponto de partida a reconstituição feita por Edison Carneiro. Vejamos os desdobramentos desta história em diálogo (tenso!) com as ciências sociais.

2.2 Florestan Fernandes e Edison Carneiro: um diálogo possível?

Sem dúvida o debate travado entre Edison Carneiro e Florestan Fernandes acerca das fronteiras e definição do campo do folclore constituiu-se num dos capítulos mais acalorados e acirrados desta história. É a partir dele que poderemos entender três pontos essenciais desta querela. Primeiro, por que este campo de estudos foi “marginalizado” pelas ciências sociais; segundo, como esta visão tornou-se hegemônica nos anos 1950 e seguintes; e terceiro, como se perpetuou até os nossos dias, embora com menos intensidade e mais nuance a partir da década de 1980.

2.2.1 A crítica de Florestan Fernandes

Florestan Fernandes teve contato com o campo do folclore nos primeiros anos de sua formação. Ele adverte que “Embora tenha sido uma área de aprendizagem (de 1941 a 1945) e um setor marginal em [...] [seus] centros de preocupações, o folclore sempre esteve presente em [...] [seus] escritos até 1962” (Fernandes, 2003, p. xix). Nestes vinte anos, uma série de artigos, pequenos estudos e resenhas foram publicados em jornais e revistas e só depois reunidos em livro. *O folclore em questão* e *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo* são as obras que condensam a produção do autor sobre o assunto. Antes de entrar propriamente nos argumentos desenvolvidos acerca do seu entendimento do folclore, vale a pena oferecer algumas informações mais gerais sobre estes livros.

O folclore em questão, editado em 1975, reúne os escritos mais reflexivos e conceituais sobre o folclore. Na primeira parte encontramos dez artigos publicados entre 1944 e 1960.

Sete deles constam no Suplemento Literário do jornal *O Estado de São Paulo* e os três restantes na *Folha da Tarde*, na revista *Filosofia, Ciências e Letras* e na *Revista Brasiliense*. Sem dúvida o artigo mais polêmico desta parte do livro é “Folclore e Ciências Sociais”. Ele é uma resposta ao texto “A sociologia e as 'ambições' do folclore” de Edison Carneiro, publicado originalmente na *Revista Brasiliense* e posteriormente no livro *Dinâmica do folclore*.

A segunda parte do livro comporta uma análise dos estudos de folclore em São Paulo, com atenção especial para as obras e contribuições de Amadeu Amaral e Mário de Andrade. Ao referir-se à contribuição dada pelos “velhos mestres” é possível perceber uma abordagem menos aguerrida por parte de Florestan Fernandes em relação a estes autores que foram considerados folcloristas. Talvez esta postura mais branda justifique-se por observar nestes estudiosos alguns traços de “cientificidade” que os aproximam do modo como ele mesmo enfrentou a questão do folclore.

A terceira parte, menos importante aos nossos objetivos é uma coletânea de resenhas dos livros publicados sobre o folclore até 1962.

Folclore e mudança social na cidade de São Paulo teve a sua primeira edição em 1959. Nela encontramos um trabalho de pesquisa realizado por Florestan Fernandes no primeiro ano de sua graduação. “As trocinhas do Bom Retiro” é até hoje uma referência para quem se dedica a estudar o folclore de uma perspectiva sociológica. Este artigo pode ser considerado o exemplo mais intenso de trabalho sistemático e empírico sobre o folclore realizado por Fernandes.

Feita esta apresentação mais geral e sintética dos livros mencionados acima, farei um mapeamento dos argumentos que compõem o núcleo da crítica empreendida por Florestan Fernandes.

Em “Os estudos folclóricos em São Paulo” (Fernandes, 2003, p. 77), o sociólogo paulista estabelece uma história do que havia sido publicado em São Paulo acerca dos estudos folclóricos e desta forma ele observa que

Atendo-nos ao essencial, são três as orientações que têm dirigido as preocupações dos nossos folcloristas. Uma delas se caracteriza pelo recurso a critérios estéticos de reconstrução e de apreciação das manifestações folclóricas; outras, pela aspiração de converter o folclore em disciplina científica autônoma; a terceira, enfim, pela subordinação dos estudos folclóricos a critérios de investigação fornecidos pelas ciências sociais,

especialmente pela sociologia e pela etnologia.²¹

Como não podia deixar de ser e até certo ponto endossando uma tradição dos estudos de folclore, a primeira orientação será tributária do campo da literatura, espaço onde os estudos de folclore principiaram na Europa. Os autores considerados por Fernandes são José Piza, Leôncio de Oliveira e Valdomiro Silveira; estes colocaram a “mentalidade do caipira em evidência”. Mas ele ressalta que, por este viés, o “estudo folclórico se transformou em instrumento de trabalho do conto, enquanto este, por sua vez, se tornou o veículo literário do folclore. Essa fusão do pesquisador e do contista nem sempre se fez sem prejuízo do folclore e da literatura”. (p. 79). Florestan não enxerga com bons olhos a indistinção entre literatura e folclore. É importante reter esta crítica pois ela será usada mais a frente em relação aos folcloristas. Em que pese a indefinição como um ponto problemático, ele exorta tal cooperação.

Primeiro, porque os temas escolhidos permitiam concentrar a atenção dos estudiosos sobre culturas diretamente ameaçadas pelo influxo do 'progresso'. Segundo, porque eles também contribuíam para alargar o campo de observação da vida rural brasileira, conferindo ao caipira e a seus modos de vida a dignidade de objeto relevante de indagação. Terceiro, porque muitas informações são ainda hoje utilizáveis, em investigações de reconstrução histórica ou de âmbito comparativo. (Op. cit., p. 79).

Aqui está anunciado de maneira sutil como o sociólogo paulista estabeleceu o regime de divisão do trabalho intelectual entre cientistas sociais e folcloristas, qual seja, o da coleta de material para futura análise pelos sociólogos.

No desenvolver da exposição acerca do olhar estético sobre o folclore, Florestan faz um balanço quanto à pertinência desta orientação naquele momento:

É frequentemente uma avaliação negativa, segundo a qual ela teria perdido toda significação, superada como foi pela renovação científica da pesquisa folclórica e pelas investigações etnológicas ou sociológicas do folclore. Mas essa argumentação é válida apenas para o presente e seus fundamentos só são parcialmente legítimos. A conexão entre a literatura e o folclore, no passado, pode ser interpretada, de fato, como produto de uma contingência histórica. Se os estudos folclóricos estivessem mais adiantados e difundidos, seria prescindível alargar o âmbito da atividade intelectual do artista até a observação e a reconstrução *objetivas* do folclore. (Op. cit., p. 83)

21 FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Mesmo valorizando o trabalho dos escritores paulistas e reconhecendo que eles não dispunham dos meios necessários para ir além do que foram, a argumentação segue firme no intuito de ir afirmando a abordagem científica do folclore como imprescindível. Os autores analisados por Fernandes, em que pese esta falta, podem ser apreendidos como responsáveis por um retrato da cultura popular em um determinado período histórico e que assim podem ser considerados precursores da história dos estudos de folclore em São Paulo. Mas, a importância da perspectiva científica será novamente enfatizada como veremos logo abaixo.

A pesquisa folclórica, de orientação científica, visa a reconstruir o objeto e a explicá-lo por meio da abstração dos elementos formais, estruturais ou funcionais que se repetem com certa regularidade ou que variam dentro de um intervalo reconhecível de flutuação.

[...].

A reconstrução estética do folclore envolve, além disso, o próprio modo de lidar com os dados, relevantes para a descrição sintética da realidade. Para ela, possui pouca importância distinguir o verdadeiro do falso e prever o que é viável ou plausível. O que é essencial na reconstrução científica, é acessório ou negligenciável na reconstrução estética. Por isso, ela não procura determinar os quadros exteriores, as uniformidades de coexistência ou de sequência, no fluxo da vida humana, mas o que nela pode ser encarado como fidedigno ou como autêntico – aquilo que se apresenta como inevitável, dadas certas condições de conceber e de viver a existência. (op. cit., p. 84).

Ao iniciar a segunda parte do artigo, Florestan nos faz a seguinte advertência:

A orientação científica se instaurou nos estudos folclóricos em São Paulo por duas vias diferentes. De um lado, pela preocupação de estudar o paulista antigo, por meio de evidências das tradições orais. [...]. De outro, pela influência das investigações folclóricas, realizadas em várias regiões do país, por Celso de Magalhães, Sílvio Romero, João Ribeiro e tantos outros. As contribuições de Edmundo Krug, de Alberto Faria e de Amadeu Amaral sofreram essa influência, antes estimuladora que formativa. Nelas prevalece a aspiração de dar um cunho científico-positivo à pesquisa folclórica, o que fez com que aqueles autores se interessassem, sobretudo, pela formação de coleções, pela análise genético-comparativa (antes erudita que sistemática), ou pelos problemas teóricos e metodológicos do folclore. (Op. cit., p. 87).

Para dar continuidade à intenção inicial de mapear a crítica que vai desenrolando-se ao longo do texto, destaco como Florestan Fernandes aborda seletivamente as contribuições de Amadeu Amaral e Mário de Andrade, alçando-os a precursores da “aspiração de cunho científico-positivo” nos estudos de folclore. Aqui cabe um pequeno comentário. Como vimos

na “Evolução dos estudos de folclore no Brasil”, Edison Carneiro também atribui o mesmo caráter aos dois autores em questão e destaca neles exatamente o que Florestan irá elogiar, qual seja, uma atitude menos diletante e mais objetiva ao abordar os fenômenos atribuídos ao estudo do folclore. Resta perguntar-nos como as mesmas influências foram utilizadas e (re)significadas de maneiras tão díspares.

Amadeu Amaral tentou fundir essas duas tendências de coleta e de interpretação partindo da ideia de que a “história natural dos produtos do folclore” exige tanto a observação direta quanto a análise interpretativa dos dados folclóricos. Apesar de diferirem entre si, de modo substancial, as três direções indicadas – que orientavam o trabalho do folclorista para a formação de coleções, para o estudo de filiação histórica ou para a pesquisa folclórica sistemática – tinham em comum uma suposição diretriz: que o folclore constitui uma especialidade científico-positiva, com campo e métodos próprios de investigação. No estudo da cultura popular, o folclorista se considerava, assim, antes etnógrafo que historiador. (FERNANDES, 2003, p. 90)

Um outro ponto de contato na análise da atuação de Amadeu Amaral e Mário de Andrade compartilhado por Fernandes e por Carneiro é a concepção de pesquisa científica como fator de rompimento com as “antigas concepções” aludidas por Carneiro. A ação organizada e coletiva defendida por Amadeu Amaral na criação da Sociedade Demológica foi colocada em marcha por Mário de Andrade e efetivada pelos folcloristas com a criação da Comissão Nacional de Folclore em 1947.

Somente com a criação do Departamento Municipal de Cultura (1935) e com a fundação da Sociedade de Etnografia e Folclore (1937), iriam surgir condições mais propícias aos estudos folclóricos baseados em pesquisa empírica sistemática. Então coube a Mário de Andrade inspirar esses estudos e, às vezes, concorrer para a realização deles, o que fez com notável dedicação, atraindo energias moças e amparando propósitos bem definidos de investigação. [...]. No Departamento de Cultura, Mário de Andrade orientou as pesquisas folclóricas segundo as concepções que faziam do folclore uma especialidade científica. O inquérito devia servir de base à formação de coleções de textos literários e musicais, à confecção de mapas, relativos à distribuição espacial das ocorrências folclóricas investigadas, e às elaborações mais ambiciosas, de intentos classificatórios ou comparativos. (op. cit., p. 93).

Assim, Florestan arremata com a reflexão sobre Mário de Andrade afirmando que a atuação deste lançou as bases da investigação sistemática que os folcloristas deviam perseguir. Contudo, Fernandes pondera que as contribuições destes ainda possuem caráter limitado e

restrito, pois “o levantamento empírico sistemático dos dados deu lugar a um registro predominantemente simplificado das ocorrências folclóricas, quase sempre descritas apenas sob seus aspectos formais.” (FERNANDES, 2003, p. 94).

Por esta ótica há quase uma “insuficiência crônica” na tentativa dos folcloristas em realizar a pesquisa sob os auspícios da ciência. Mesmo dispondo das condições de uso do instrumental científico disponível não há avanços a serem considerados, ao menos aos olhos de Florestan Fernandes.

Seguindo o fluxo do texto, ele apresenta um balanço bibliográfico exaustivo dos folcloristas “hodiernos”, seus trabalhos e correspondentes campos de atuação. Folclore Musical, folclore mágico-religioso, folclore do caipira, folclore infantil, literatura popular são descritos de modo metuculoso possibilitando ao leitor um panorama amplo do desenvolvimento dos estudos folclóricos em São Paulo sob bases científicas²². Ao findar este quadro, ele passa em revista as transformações ocorridas em virtude desta nova abordagem e assim expõe de maneira muito mais incisiva a contenda entre cientistas sociais e folcloristas.

A idéia de converter o folclore em ciência positiva autônoma trazia, consigo, limitações e dificuldades insuperáveis. Está fora de qualquer dúvida que o folclore pode ser objeto de investigação científica. Mas, conforme o aspecto do folclore que se considere cientificamente, a investigação deverá desenvolver-se no campo da história, da linguística, da psicologia, da etnologia ou da sociologia. O folclore, como ponto de vista especial, só se justifica como disciplina humanística, na qual se poderão aproveitar os resultados das investigações científicas sobre o folclore ou técnicas e métodos científicos de levantamento e ordenação de materiais folclóricos.²³

Estava assim estabelecida a desigualdade de condições entre ciências sociais e folclore como disciplinas científicas. De uma só vez Florestan justificava o estudo científico do folclore pelas disciplinas já existentes e descredenciava a pretensão dos folcloristas em transformar o folclore em ciência. Numa menção direta ao objetivo que tanto os folcloristas perseguiam, Florestan desfere o argumento mais contundente contra as pretensões gestadas no âmbito do movimento folclórico.

O que se torna difícil é manter as antigas ambições, de conferir ao folclore a condição de ciência positiva autônoma. É sabido que essas ambições descansavam em suposições verdadeiras e incontestáveis: o folclore, como realidade objetiva, pode e deve ser investigado cientificamente. Mas levaram

²² Fernandes, Op. cit., p. 96. Esta lista se alonga por várias páginas do capítulo e em extensas notas de rodapé.

²³ FERNANDES. Op. cit., p. 102.

a uma conclusão falaciosa, pois o estudo científico do folclore não pode ser “unificado” – cada ciência social investiga o folclore de um ponto de vista próprio, sendo ainda evidente que não se poderia afirmar, por enquanto, que caberia ao folclore, como disciplina especial, reduzir os diferentes pontos de vista a um denominador comum. Pode-se falar em “ciência do folclore” e em “estudo científico do folclore”. Sob tais expressões, entretanto, subentende-se, apenas, que o folclore poderá ser objeto de investigação científica, não que o “folclore” constitua uma ciência positiva autônoma. (idem, p. 103) [...].

Sua especificidade, como disciplina autônoma, não procede de investigações científicas, mas das indagações humanísticas. Estas é que podem considerar sistematicamente, acima dos limites do psiquismo individual e do condicionamento sociocultural, as regras, os ideais e os estilos da produção artística, literária e filosófica de natureza folclórica. Em outras palavras, o folclore, como disciplina humanística, versa conhecimentos que escapam ao âmbito das investigações científicas ou que caem dentro dele de forma parcial e fragmentária. De um lado, isso indica que o estudo científico do folclore não nos oferece – nem poderia oferecer – os conhecimentos que podem ser descobertos pelas investigações folclóricas propriamente ditas, de inspiração humanística. De outro, conduz-nos a colocar em outras bases a questão da interdependência entre o folclore e as ciências sociais. (op. cit., 102-103).

Ao estabelecer o folclore como um campo de indagações puramente humanísticas, Fernandes leva-nos a crer que este tipo de conhecimento não está no mesmo patamar das disciplinas consideradas por ele como ciência. Ao afirmar que o folclore pode ser objeto de análise científica mas que este não se constitui numa ciência a parte, o sociólogo paulista hierarquiza e normatiza o lugar que deve ser ocupado por cientistas sociais e folcloristas no “campo científico e cultural” em que estão inseridos.

Chegamos à terceira e última orientação descrita por Florestan: “O folclore como esfera da cultura e como fenômeno social”. Nesta seção encontraremos uma síntese do que foi exposto nos dois pontos anteriores e assim sua tese contrária à proposta de tornar o folclore uma disciplina científica autônoma ganhará acabamento “final”. “Parece claro que as duas tendências de observação e descrição do folclore, já consideradas, foram incapazes de conduzir ao conhecimento das manifestações folclóricas como parte dinâmica da vida humana em sociedade”. (Op. cit., 106).

As tentativas de reconstrução do folclore, fundadas em propósitos científicos ambiciosos, nunca tentaram fixar senão os aspectos formais das manifestações folclóricas. É verdade que, de Amadeu Amaral a Rossini Tavares de Lima e Alceu Maynard de Araújo, manteve-se constante a ideia de que o folclore constitui uma expressão da vida social e cultural de um povo. Todavia, essa ideia não produziu as consequências práticas: nem

episodicamente foram as ocorrências folclóricas descritas como um todo. Tal procedimento, por parte do folclorista, é justificável e compreensível, na medida em que a observação do folclore tem sentido imediato, para ele, como instrumento de trabalho, que lhe permite levantar materiais para a análise de elementos formais. (Op. cit., p. 106)

Se os trabalhos produzidos pelos folcloristas, mesmo os que afirmam levar em consideração a perspectiva científica, são incapazes de levar a efeito os resultados defendidos por Florestan Fernandes, ficando muito abaixo do esperado, só lhe resta como alternativa a esta impossibilidade demarcar a divisão do trabalho intelectual entre folcloristas e cientistas sociais.

Ao contrário do folclorista, o psicólogo, o etnólogo, o sociólogo não estudam o folclore propriamente dito, mas a sua inserção e influência na organização da personalidade, da cultura e da sociedade. Se precisam, como o folclorista, formar coleções de materiais folclóricos, o fazem movidos por outras ambições intelectuais, e suas descrições devem reter aspectos das manifestações folclóricas que podem ser negligenciadas pelos folcloristas, porque só são relevantes para a compreensão e a interpretação da dinâmica da personalidade, da cultura e da sociedade. (op. cit., p. 107).

Como podemos ver, as críticas de Florestan Fernandes são contundentes, mas não ficaram sem respostas. Edison Carneiro, um dos quadros mais destacados do Movimento Folclórico Brasileiro, encarregou-se de fazer o debate pelo lado dos folcloristas.

2.2.2 O contraponto de Edison Carneiro

Talvez Edison Carneiro tenha sido um dos poucos folcloristas a ir de encontro às críticas feitas por Florestan Fernandes. Em *Dinâmica do folclore*²⁴ encontramos artigos mais reflexivos e conceituais acerca do folclore. Mais especificamente na segunda parte deste livro, denominada “Folclore e ciências sociais”, encontra-se uma resposta ao artigo de Florestan Fernandes. Em “A sociologia e as 'ambições' do folclore”, publicado originalmente na *Revista Brasileira*, em 1959, Carneiro preocupa-se em defender o ponto de vista dos folcloristas acerca das fronteiras delimitadas pelo sociólogo paulista, tanto na formação do folclore em disciplina científica como no trabalho de folcloristas e cientistas sociais.

O texto está dividido em três partes. Na primeira ele rebate as “opiniões” de Florestan

24 CARNEIRO, Edison. **A dinâmica do folclore**. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

Fernandes; a seguir, examina as de Roger Bastide e por último analisa os trabalhos de Maria Isaura Pereira de Queiroz e Lavínia da Costa Raymond. Para um melhor aproveitamento da discussão, deter-me-ei mais à primeira parte do artigo, pois nela encontramos as propostas defendidas por Carneiro e o diálogo mais intenso com Florestan Fernandes. Usarei ainda outros artigos em que Edison Carneiro reflete sobre a relação do folclore com as ciências sociais.

Ao contrário do texto de Florestan Fernandes, que tinha o propósito de apresentar e reconstruir a história dos estudos de folclore em São Paulo, o artigo de Edison Carneiro concentra-se em responder unicamente às críticas do sociólogo da USP. Deste modo, para uma melhor compreensão, farei longas citações, mas com o propósito de que as duas partes dos argumentos sejam expostos. A primeira percepção de Edison Carneiro é quanto ao lugar reservado por Florestan Fernandes aos folcloristas.

O debate dessas “ambições” não está, naturalmente, encerrado – todas as contribuições à solução do problema serão bem-vindas – mas, naquele que agora se trava, há uma indisfarçável tendência a reduzir os folcloristas a meros coletores de um rico material que somente os sociólogos (eles mesmos, evidentemente) estariam em condições de interpretar. (CARNEIRO, 2008, p. 70).

Certamente, Edison Carneiro entendia que o folclore não só poderia tornar-se uma ciência autônoma como o alcance do trabalho dos folcloristas seria bem maior do que o estabelecido e reservado a eles por Florestan Fernandes. Desta forma, ele rejeitou a ideia do folclore como disciplina humanística, pois esta não respondia aos seus anseios e aos do Movimento Folclórico, que estabelece, desde a Carta do Folclore Brasileiro, um lugar para este entre as ciências “socioculturais”. E assim ele reconstrói o argumento de Fernandes para em seguida refutá-lo. Vejamos no trecho a seguir.

Em 1944, [Florestan Fernandes] confessa, compartilhava [...] do ponto de vista de que o folclore é “menos uma ciência à parte, que um método de pesquisas”, tendo chegado mais tarde, [...], à conclusão de que o folclore constitui “uma disciplina humanística”. E decide: “O folclore, como ponto de vista especial, só se justifica como disciplina humanística, na qual se poderão aproveitar os resultados das investigações científicas sobre o folclore ou técnicas e métodos científicos de levantamento e ordenação de materiais folclóricos.” Linhas abaixo, talvez para escapar a esse bátrio – uma disciplina não científica que aproveita investigações da ciência sobre o seu próprio campo de estudo e se vale de técnicas e métodos alheios para colher

e ordenar o seu próprio material -, acrescenta que “o campo de trabalho do folclorista é simétrico ao dos especialistas no estudo das artes, da literatura e da filosofia”, mas se enreda novamente, pois lhe parece “claro” que “as tarefas específicas do folclorista começam depois de constituídas as coleções de materiais folclóricos”. Assim absurdamente, a sua disciplina humanística nada tem a ver com o folclorista senão após a constituição de coleções folclóricas – certamente por alguma espécie de mágica de que não nos dá o segredo. (op. cit., p. 72).

Bem, a ideia de disciplina humanista esboçada como modo de atuação dos folcloristas, como afirma Carneiro mais adiante, só se explica se tivermos em mente que tal classificação imposta ao folclore configura uma hierarquização entre disciplinas científicas e humanistas, na qual o folclore não ocupará o lugar de ciência. A resposta de Edison Carneiro, por sua vez, foi dada observando dois aspectos basilares para evocar tal status. Primeiro, o principal documento do Movimento Folclórico Brasileiro estabelece que o folclore é uma disciplina integrante do quadro geral das ciências sociais. Segundo, o desenvolvimento das ideias de Florestan deixava antever que haveria um espaço de trabalho científico para os folcloristas.

Já vimos que a Carta do Folclore, com o adendo aprovado no Congresso da Bahia, põe o estudo desses fenômenos no quadro das ciências “socioculturais”. Florestan Fernandes não crê que o folclore possa examiná-los devidamente, pois a especificidade do folclore, como disciplina, “deriva de procedimentos de interpretação fundamentalmente opostos aos que são empregados nas ciências sociais” (os folcloristas, diz ele, precisam *abstrair* os elementos folclóricos dos contextos culturais e sociais de que são parte!), mas também não enxerga vantagem na improvisação de psicólogos, etnólogos e sociólogos em folcloristas, dada que o trabalho dos folcloristas exige “uma especialização e um treinamento prolongado”, linhas atrás, havia escrito: “o folclore oferece um campo ideal de investigação para os cientistas sociais. É que ele permite observar fenômenos que lançam enorme luz sobre o comportamento humano...” e, linhas adiante, escreve que etnólogos e sociólogos deixam de lado “questões cruciais” que podem ser “enfrentadas e resolvidas” pelos folcloristas. (Op. cit., p. 73).

Ao recompor o argumento de Florestan Fernandes, Carneiro indica que mesmo negando a possibilidade de o folclore vir a ser considerada uma ciência, haveria espaço para que um “especialista” ocupe o lugar reservado ao trabalho folclórico. Este lugar, pode e deve ser ocupado por sociólogos, etnólogos ou psicólogos desde que não se aventurem no campo folclórico sem o devido “treinamento”, pois negligenciando o instrumental que esta situação pode oferecer farão um trabalho limitado. Pois, como demonstra o escritor baiano, se o folclore não pode ser considerada uma ciência, como é possível se colocar questões que só um

cientista poderia elaborar e responder?

Se os cientistas sociais não estudam o folclore propriamente dito – e lembremos que no folclore se podem observar “fenômenos que lançam enorme luz sobre o comportamento humano” –, aqueles que o estudam, os folcloristas, trabalham no campo das humanidades ou no campo das ciências sociais? Se ao psicólogo, ao etnólogo e ao sociólogo movem outras ambições intelectuais, se eles apenas aproveitam *aspectos* dos fenômenos folclóricos (fenômenos culturais) que os folcloristas podem negligenciar, aspectos esses que só têm importância para as suas indagações particulares – entende-se forçosamente que há um campo de observação dentro do campo mais vasto dos fenômenos culturais e sociais, que não lhes pertence. Esse é o campo do folclore. (Op. cit., p. 75).

Para Carneiro haveria um espaço de investigações próprias ao campo do folclore que, levando em consideração a própria argumentação de Florestan, não interessa aos cientistas. Desta feita estaria aí configurando um nicho onde os folcloristas poderiam atuar e reivindicar para si a possibilidade de fazer “ciência”, melhor dizendo, de efetivar o folclore como uma ciência.

Todo fenômeno social, é óbvio, pode ser estudado por qualquer das ciências sociais, mas estaremos fazendo sociologia se o encararmos do ponto de vista sociológico, antropologia se o encararmos do ponto de vista antropológico, e folclore se do ponto de vista folclórico. Isso, que é claro como água, não ocorreu a Florestan Fernandes, que completa o seu raciocínio sobre a impossibilidade de unificação do estudo científico do folclore como que negando alguma coisa que ninguém disse – negando que possa caber ao folclore “reduzir os diferentes pontos de vista a um denominador comum”. A prevalecer o critério, sem dúvida original, de que uma ciência só existe se consegue “unificar” os pontos de vista sobre o seu campo de estudos, será extremamente difícil considerar ciências distintas a antropologia e a sociologia, e não apenas o folclore. (op. cit., p. 74).

Diante da exposição dos argumentos de Carneiro fica claro que Florestan Fernandes estava deveras preocupado em não deixar que as fronteiras disciplinares entre folclore e ciências sociais fossem borradas. Inspirado em Vilhena, Cavalcanti, Peirano e Velho, este debate só é inteligível se tivermos em mente que dentro de um campo de forças desiguais os agentes mais fortes impõem-se não só do ponto de vista da defesa de sua posição, mas do ponto de vista institucional conseguirão levar a efeito os seus objetivos. Os folcloristas desejaram transformar o folclore numa disciplina científica autônoma, mas a refração a seus posicionamentos foi tão forte que eles foram repelidos deste espaço. A entrada no campo

universitário, objetivo tão almejado pelos integrantes do movimento folclórico lhes daria maior legitimidade aos argumentos e possibilitaria implementar ações de educação e pesquisa.

É preciso considerar que, por mais que as tendências renovadoras tomassem força, as velhas práticas persistiam e deste modo coabitavam no espectro mais amplo do movimento folclórico. O esforço empreendido por Carneiro na resposta dada a Fernandes pode ser lido também como crítica aos próprios folcloristas que ainda se identificavam com uma visão do folclore assemelhada a literatura oral. As duas concepções: “antigas” e “novas” não deixaram de existir internamente ao movimento.

Se pudermos resumir as consequências desta disputa, chegaremos a dois pontos básicos: a concepção estabelecida por Florestan Fernandes tornou-se hegemônica no espaço acadêmico e resultou no processo de “marginalização” dos estudos de folclore na universidade. Segundo, ao passo que ficaram de fora do espaço acadêmico, os folcloristas viram-se “acolhidos”, não sem alguma dificuldade, no espaço estatal. Isto se deu porque o folclore foi valorizado como um dos aspectos constitutivos da identidade cultural, seja regional ou nacional. Assim, os Congressos, Festivais, Simpósios e Encontros realizados pelos folcloristas tiveram grande participação popular e na maioria dos casos, apoio das instâncias do Estado.

2.3 Por uma visão antropológica dos estudos de folclore no Brasil

Entendo, sem prejuízo de outras iniciativas que tenham sido realizadas anteriormente, que grande parte deste olhar começou a ser elaborado a partir da experiência comum de alguns antropólogos no Rio de Janeiro no início da década de 1980. Recém egressos do mestrado em antropologia social do Museu Nacional, este grupo participou do projeto “Os estudos de folclore e as ciências sociais no Brasil: uma perspectiva antropológica”, do então Instituto Nacional de Folclore. Coordenados por Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, a equipe de trabalho contava com Myriam Lins de Barros, Luís Rodolfo Vilhena, Marina de Mello e Souza, Silvana Araújo e Valtair Romão da Silva²⁵. Como relembra Cavalcanti (2009, p. 4), “Além da formação em comum, uma coisa especial nos unificava: pouco entendíamos de folclore. Ao termo associava-se uma visão estereotipada que perpassava, grosso modo, a formação intelectual da época”. Concordando com a autora é preciso dizer que até hoje esta

25 FERREIRA, Cláudia. Maria. Apresentação. In: **Seminário folclore e cultura popular**: as várias faces de um debate. 2 ed. Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP, 2000. p. 7. (Série Encontros e Estudos 1).

visão continua vicejando em nossas formações.

A principal contribuição advinda do trabalho deste grupo foi romper com esta “visão estereotipada”, passando assim a considerar o folclore como um “campo de estudos [que pode ser compreendido] a partir de suas categorias internas” (Cavalcanti, 2000, p. 101). Com esta “lente” para olhar, a concepção antropológica se impôs como modelo interpretativo a ser empregado nos trabalhos de pesquisa. Ainda rememorando as condições em que este projeto foi desenvolvido, Maria Laura ressalta a sua curta duração, apenas um ano, entre 1988 e 1989, pois em 1990 foi “inviabilizado” pela nova administração federal que se instalava no país²⁶. Mas desta experiência alguns resultados foram colhidos.

Entre estes chamo a atenção para o trabalho de Luís Rodolfo Vilhena, *Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)*. Este livro teve e ainda tem uma grande influência nos trabalhos publicados posteriormente que tiveram como objeto os estudos de folclore no país. A partir dele foi possível inicialmente conhecer a história deste movimento “por dentro”. Uma importante questão colocada por sua pesquisa foi perceber a ausência dos folcloristas na constituição da história das ciências sociais no Brasil.

A falta de familiaridade com o campo dos estudos de folclore que experimentava antes de iniciar a pesquisa, [...] e que tomei como índice do lugar relativamente periférico que essa área de estudos hoje ocupa na formação de nossos cientistas sociais, concorreu para sua ausência nos principais trabalhos que procuram traçar um panorama da história do pensamento social brasileiro. Tal ausência, [...] contrasta no entanto com a grande vitalidade desse campo de estudos, [...]. (VILHENA, 1997, p. 39).

Desmistificar a imagem que se tinha até então sobre este campo de estudos e de seus agentes foi o que se propôs a fazer.

A análise levada a efeito pelo antropólogo carioca considerou a trajetória de constituição do Movimento Folclórico Brasileiro a partir de sua lógica interna, destacando o que este movimento foi capaz de realizar em termos de “mobilização” deste campo no Brasil entre 1947 e 1964. Em 1947 a Comissão Nacional de Folclore é criada e em 1964 constatamos a saída de Edison Carneiro da Direção Executiva da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, tendo como consequências, na visão do próprio Vilhena, o declínio deste movimento.

Em outra parte deste capítulo fiz referência ao debate entre Florestan Fernandes e

26 Cf. CALVACANTI, Maria Laura. et. al. Nota 01.

Edison Carneiro e muito do que comentei baseou-se num texto escrito em 1990, logo após a abrupta interrupção do projeto sobre os estudos de folclore no Brasil do Instituto Nacional do Folclore. Cavalcanti e Vilhena (1990) publicam um artigo em que a ideia de “marginalização” é elaborada para entender a posição de Florestan Fernandes no debate acerca deste campo de estudos em nosso país. Os autores acentuam que um dos fatores contribuintes para que tal processo fosse empreendido e consolidado deve-se ao fato de Florestan Fernandes ter estabelecido rígidas “fronteiras disciplinares” entre estes campos de estudos. A consequência mais visível foi a “visão estereotipada” do trabalho dos folcloristas firmada desde então.

A explicação dada por Mariza Peirano para que o afastamento entre ciências sociais e folclore tivesse ocorrido complementa a de Vilhena. Ao descrevê-la aqui, espero elucidar de maneira mais completa os meandros que envolvem esta questão.

Numa palestra dada em 1988, no Instituto Nacional de Folclore, ela traça rapidamente um panorama histórico sobre a relação do folclore com as ciências sociais no Brasil. Para isso, Peirano estabelece algumas datas aproximadas para uma melhor compreensão desta relação. Diz ela que até o final da década de 1930 havia uma relação de certa proximidade entre folclore e ciências sociais, folcloristas e cientistas sociais. Mais uma vez a experiência evocada para explicar este momento iniciático de aproximação é o da Sociedade de Etnografia e Folclore, associação em grade medida arregimentada por Mário de Andrade em 1937. Após esta experiência inicial que pouco durou, o que se verificou foi que até o início dos anos 80 do século passado, intensificou-se o afastamento tanto entre estas disciplinas quanto entre seus respectivos intelectuais.

A questão, então, é saber por que no período entre 1930 e 1980, quando presenciamos a hegemonia da sociologia entre as ciências sociais, o folclore assumiu aquele status 'menor'. Em outras palavras: como explicar a legitimidade que o folclore parece ter tido, por exemplo, na Sociedade de Etnografia e Folclore em 1937 e que hoje retoma no Instituto Nacional de Folclore? (PEIRANO, 2000, p. 85).

Peirano e Vilhena vão argumentar que o problema do afastamento deveu-se ao fato da sociologia ter-se tornado hegemônica perante as outras ciências sociais e também sobre o folclore que reivindicava a condição de ciência autônoma. Interessa ressaltar a explicação dada por Mariza Peirano para entendermos destas fronteiras entre disciplinas anteriormente “associadas” e em certa medida indistintas.

Minha sugestão é de que houve uma mudança de eixo, pelo menos em dois sentidos: primeiro, entre aqueles que conduziram o projeto intelectual de construção nacional. A literatura, que havia liderado a reflexão sociológica no país durante as primeiras décadas deste século, passa a dividir a tarefa com os cientistas sociais. Esta proposta – que é de Antônio Cândido – parece confirmar-se aqui: os projetos de Mário de Andrade são efetivamente assumidos, embora de maneira diversa, por sociólogos depois dos anos 40. Segundo, também as diretrizes do projeto intelectual de construção nacional sofrem reformulações de ênfase. Assim, se Mário de Andrade considera importante a pesquisa de campo na Sociedade de Etnografia e, a ser realizada por pessoas dotadas de cuidadoso poder de observação, o importante depois de 1940 era desenvolver uma teoria sociológica “feita no Brasil”; se antes “procurava-se o conhecimento”, pura e simplesmente, este conhecimento agora tinha a tonalidade de um compromisso social de mudança; se, com Mário, propunha-se alcançar uma “interpretação legítima”, passou-se a não aceitar nada menos do que uma explicação científica que fosse “positiva”, finalmente, o “anseio de simpatia humana” redirecionou-se para um projeto político de integração social, quer de classes sociais oprimidas, quer de negros e brancos e de índios na sociedade nacional. (op. cit., p. 86).

Mais à frente a antropóloga explicita os motivos que “empurraram” o folclore para este lugar “menor” na hierarquia de disciplinas que conviviam num mesmo campo intelectual e cultural, mas que o processo de institucionalização de uma fez com que regras de conduta fossem estabelecidas. Outro dado bastante relevante nesta revisão é notar o papel assumido por Florestan Fernandes de “normatizador” deste campo.

Esta enorme dificuldade talvez fosse intrínseca ao projeto intelectual dominante. Uma macrosociologia histórica de grandes etapas do desenvolvimento nacional talvez não pudesse se adequar a temas microscópicos como aqueles considerados folclóricos. Daí uma certa ambiguidade: de um lado, o esforço para que esta área de estudo não desaparecesse; de outro, a visão negativa que passou a caracterizar os trabalhos dos folcloristas: superficiais, demasiadamente empíricos, descritivos, desprovidos de análise teórica. No contexto em que a teoria definia a ciência, a organização hierárquica dentro das ciências sociais surgia nos seguintes termos: a sociologia, teórica e científica, tomava a liderança; a antropologia, desprovida de uma perspectiva teórica madura, vinha em segundo plano. Paralelamente, uma outra hierarquia se configurava entre a etnologia e a etnografia: enquanto a primeira alcançava a interpretação, a segunda se mantinha no nível descritivo. A etnografia ocupava, assim, uma posição inferior à etnologia e consistia na matéria-prima para esta última. O folclore, este, ficava relegado à posição mais baixa, restando-lhe apenas a esperança de que a teoria sociológica viesse um dia a resgatá-lo, ou a seus dados. Em outras palavras, as disciplinas se ordenavam de acordo com o critério de maior fôlego teórico: sociologia, antropologia, etnologia, etnografia e, por fim, folclore – esta a ordem hierárquica. (PEIRANO, 2000, p. 87).

Como ressalta Mariza Peirano, nos anos cinquenta do século passado há uma inflexão no quadro das ciências sociais ocasionada pela antropologia que passa a ser feita no Brasil, e em certa medida decorre daquilo Roberto Cardoso de Oliveira chamou de “estilo” de antropologia, ou seja, sem abdicar da busca da universalidade que caracteriza uma disciplina científica e sem prescindir da manutenção de uma relação com os paradigmas mais gerais vigentes, a antropologia, em cada “latitude”, expressão que ele usa para designar os locais onde se faz a antropologia, estabelece uma maneira peculiar de se reformular a prática antropológica²⁷. Desta feita, a contribuição da antropologia praticada no Brasil teve um peso muito grande na ideia de “observar o familiar” e não o distante e exótico. Este processo de observação do que está mais próximo pode ser notado nos estudos do campesinato e das sociedades urbanas, e segundo Peirano, ao proceder desta forma torna-se exequível reabilitar o folclore como um tema de pesquisa e como um conhecimento a ser levado em consideração.

na antropologia hoje, somos todos nativos e, se somos nativos, somos *folk* também. [...] o folclore e a antropologia podem se associar hoje, temática e institucionalmente, formando uma configuração na qual o folclore não desempenha mais papel menor, porque a antropologia hoje se concebe, fundamentalmente, como microscópica e, ela própria artesanal. (PEIRANO, 2000, p. 87)

Não restou muito saldo desta luta por espaço institucional, prestígio e sobretudo legitimidade de um discurso que fosse aceito na universidade. O folclore não tinha muito a oferecer para este campo aos moldes em que eram exigidos pelas ciências sociais. Pois como vimos, eles não estavam adequados ao *modus operandi* do campo universitário. Sua prática de pesquisa não se adequava a uma perspectiva científica nem tão pouco foram capazes de elaborar ou de possuir uma teoria que lhes dessem lastro para lutar em um campo onde a moeda mais valiosa era a capacidade de elaboração teórica de seus objetos. Ficando de fora do espaço universitário, como vimos um pouco antes, restou a estes intelectuais o espaço estatal, e assim, muitos de seus pleitos foram implementados.

Gilberto Velho²⁸, por ocasião da entrega do prêmio do Concurso Sílvia Romero de

27 Cf. OLIVEIRA, R. C. & RUBEN, G. R. **Estilos de Antropologia**. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

28 VELHO, Gilberto. Identidades nacionais e cultura popular: o diálogo entre antropologia e o folclore. In: _____ et. al. **Cultura material: identidades e processos sociais**. Rio de Janeiro: FUNARTE/CNFCP, 2000. (Série encontros e estudos). p. 7-12.

1998, proferiu palestra que tinha como título “Identidades nacionais e cultura popular – o diálogo entre antropologia e o folclore”. Nesta ocasião, o texto de sua apresentação é também uma reflexão em que tenta reabilitar o lugar do folclore junto da antropologia. Resgatando aspectos comuns à prática de pesquisa ele diz o seguinte:

O que se faz na pesquisa antropológica e na pesquisa de folclore? Estou aceitando essa separação de início, mas, na realidade, considero que se trata da mesma área de conhecimento, com tradições que em parte se confundem, em parte se distinguem, mas que, efetivamente correspondem à produção de conhecimento numa área comum, com determinado tipo de preocupação e perspectiva que, no momento, pelo menos em termos de cultura oficial, parece estar numa certa penumbra; parece não estar sendo objeto de muita atenção.” (VELHO, 2000, p. 7).

[...]

A antropologia tem a pretensão de captar os pontos de vista singulares, de tentar entender como, em diferentes situações sociais e culturais, seres humanos vivenciam e percebem a existência e como expressam essa vivência e essa visão. (idem., p. 8).

Acompanhando a reflexão dos outros antropólogos já citados, Gilberto Velho também destaca os aspectos comuns entre antropologia e folclore enfatizando a relação de proximidade entre ambas.

Desde a publicação da Carta do Folclore Brasileiro os folcloristas reivindicam estar ao lado das ciências sociais sobretudo antropológicas. Como vimos, as “gestões” dos folcloristas neste sentido malograram. Se coube à sociologia fechar a porta da “catedral” das ciências sociais ao folclore, é preciso lembrar que aos olhos dos folcloristas talvez a antropologia fizesse parte da mesma empresa. Se tomarmos a comunicação de Edison Carneiro na V Reunião Brasileira de Antropologia, encontraremos argumentos que nos levam a crer que a exclusão sentida pelos folcloristas não vinha só da sociologia. A propósito de um melhor diálogo entre antropologia e folclore, Carneiro lembra que “a velha pendenga entre antropologia e folclore talvez encontre solução feliz no Brasil, se os antropólogos se dispuserem a considerar a questão de boa vontade e sem preconceitos” (CARNEIRO, 2008, p. 63). Tal comunicação foi realizada em 1961 e a esta altura o processo de diferenciação e consolidação já estava em marcha no Brasil, o que significa dizer que as indistincões que poderiam verificar-se nos anos 30, neste momento já são residuais. Ao reconstituir os papéis desempenhados por antropologia, sociologia e folclore, Carneiro mostra o quanto a antropologia e a sociologia estavam empenhadas em discutir grandes temas.

Quando a antropologia já tinha buço, e se preparava para atingir a maioridade, nascia o folclore. As exigências do século deram primazia às ciências da cultura e da sociedade, relegando o folclore a uma existência quase clandestina, como menino deserdado na família das ciências sociais nascentes. A antropologia dava as razões teóricas para a dominação dos brancos sobre todo o mundo, a sociologia dava às classes superiores os instrumentos para manter em submissão as classes inferiores. E que dava o folclore? Lendas, trovas, romances, adivinhas, cantos, representações populares... O sentimento da unidade fundamental do homem em todos os continentes... uma situação semelhante à de agora. Enquanto a antropologia se volta para os grandes problemas da mudança social, da migração rural-urbana, do comportamento das instituições sociais, o folclore mal se equilibra nas pernas ante o problema primário da simples identificação do conjunto de fenômenos com que tem de lidar – ou seja, se posso interpretar a atitude de sociólogos e antropólogos – , mal conhece a sua palhoça, mas já está de olho comprido sobre a chácara em que ela se encontra! (idem, p. 69).

Esta passagem elucida que a exclusão sofrida pelo folclore deu-se por uma ação empreendida por sociologia e antropologia. Não quero com isso deslegitimar o diálogo que certamente deve ter havido por parte da antropologia com este campo, nem muito menos desconsiderar o movimento desempenhado pela antropologia no que Peirano chamou de reabilitação da “legitimidade do folclore”. Mas tal passagem do discurso de Edison Carneiro oferece mais elementos para a compreensão deste debate.

Em que pese o malogro do movimento folclórico em adentrar a universidade, é preciso considerar que mesmo não sendo aceito como disciplina científica, o folclore, ao menos no caso específico da Paraíba, servir-se do espaço universitário para implementar algumas de suas atividades. Veremos que Hugo Moura utilizou o espaço universitário e a condição de professor universitário para utilizar a estrutura da UFPB para realizar sua pesquisa e outras atividades concernentes ao campo do folclore. Demonstrando que mesmo com tanto preconceito relativo à temática em questão, também enfrentada por ele, foi possível algumas realizações.

3. Descrição de uma trajetória

As informações que foram coletadas sobre Francisco Hugo Almeida de Lima e Moura não me permitem traçar um perfil detalhado sobre muitos aspectos de sua vida, talvez porque desde o início desta investigação o meu olhar de pesquisador tenha sido direcionado para a busca de dados que ressaltassem sua atuação nos campos intelectual e institucional. Deste modo, a carreira docente e a atuação no Movimento Folclórico Brasileiro como Secretário Geral da Comissão Paraibana de Folclore foram se constituindo ao longo do processo de pesquisa no escopo em que a trajetória de Hugo Moura será aqui descrita. Embora os dois aspectos considerados acima sejam os mais relevantes para compreendermos sua trajetória, não posso desconsiderar as outras filiações institucionais a que pertenceu, tais como o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), o Instituto Paraibano de Arqueologia e Antropologia (IPAA) e as associações, sociedades e agrupamentos de folclore aos quais vinculou-se no nosso país.

Os dados selecionados e que serão descritos a seguir compõem parte de sua biografia, afinal de contas não há como se referir à trajetória de uma pessoa desconsiderando as suas vinculações familiares, sua experiência profissional e as relações sociais que foram sendo estabelecidas ao longo do percurso de uma vida.

3.1 Perfil biográfico

Hugo Moura nasceu em João Pessoa no dia 3 de outubro de 1927 e faleceu em 21 de julho de 1978, com 51 anos incompletos. Ele é filho do casal de professores Aníbal Victor de Lima e Moura e D. Severina Almeida de Lima e Moura²⁹. Casa-se com D. Maria do Céu Costa em 1953, vindo a ter com ela três filhos, Hugo Aníbal Costa de Lima e Moura, Ana Emília Costa de Lima e Moura e Francisco Gustavo Costa de Lima e Moura³⁰.

Em 1952 ele conclui o bacharelado em História e Geografia, e no ano seguinte,

29 Além das informações contidas na entrevista de José Octávio de Arruda Mello é possível consultar uma pequena biografia de Aníbal Moura na página eletrônica do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. <http://www.ihgp.net/memorial3.htm> acesso em 18/04/2011.

30 Dona Maria do Céu, viúva de Hugo Moura, me falou o ano de seu casamento em uma conversa que não foi gravada da qual possuo apenas anotações.

licencia-se nesta mesma graduação que à época compunha um único curso. Ambos os títulos são adquiridos na Universidade Católica de Pernambuco. Quatro anos após a obtenção do título de bacharel em Recife, em 1957, ele gradua-se novamente, só que desta vez em Direito na Universidade da Paraíba³¹.

Hugo Moura começa a dar aulas já no início da década de 1950 e tem a primeira experiência docente no Colégio Estadual de João Pessoa, como podemos notar, antes mesmo de concluir uma das habilitações do curso de História e Geografia em Recife. Ainda nesta mesma década ingressa na Faculdade de Ciências Econômicas e na Faculdade de Filosofia, ambas pertencentes à Universidade da Paraíba, para lecionar as cadeiras de História Econômica Geral e do Brasil e História da América. Esta cadeira “marcará” as narrativas sobre suas atividades didáticas como professor universitário.

A constante menção atribuída a Hugo Moura de professor de História da América fica evidente nos relatos dos entrevistados que foram alunos ou companheiros de docência, e deve-se ao conhecimento demonstrado nessa área, o que o tornava um “especialista” no assunto aos olhos de seus alunos e colegas. Outro aspecto que reforça este primeiro é o longo período em que foi professor desta disciplina na universidade. Ao analisar a documentação constante na Pasta Funcional do Arquivo da Universidade Federal da Paraíba fica demonstrado pelas Certidões de Tempo de Serviço que por doze anos seguidos ele lecionou a cadeira História da América e é possível que tenha continuado professor desta até o ano de seu falecimento.

Um aspecto que chama atenção em sua biografia é a presença do pai, Dr. Aníbal Victor de Lima e Moura, como incentivador do gosto pelo universo das humanidades e do ensino de história. Tanto na entrevista de Hugo Aníbal Costa de Lima e Moura³², como em outras, é lembrada esta influência sobre a formação intelectual de Hugo Moura. Hugo Aníbal descreve retrospectivamente o percurso de formação e a influência do avô sobre seu pai da seguinte maneira:

A trajetória dele [Hugo Moura] na área de humanas, ela é uma trajetória que está muito vinculada à história. O meu avô era professor de história. Então história é uma coisa que está muito no dia a dia do interesse intelectual e do interesse de formação, e ele quando deixa o curso de engenharia química, na

31 Conferir no ANEXO A – Curriculum Vitae de Hugo Moura.

32 Hugo Aníbal é o filho mais velho de Hugo Moura. Em 16 de abril de 2008 ele me recebeu em sua residência em São Paulo-SP para uma entrevista, agradeço pelas informações dadas e por muitas indicações que se converteram em fontes de pesquisa.

Escola de Engenharia de Pernambuco, não sei porque, ele passa um período estudando filosofia, num curso livre, acho que no Mosteiro dos Beneditinos em Olinda e na sequência ele vai fazer história. Na época era história e geografia, na Católica em Pernambuco, que é uma instituição Jesuíta e ele tem toda essa formação de história e geografia, conjugada. O que dá uma visão um pouco maior da história, porque ela está conjugada com o fator geográfico, com o fator local.³³

Certamente, o fator geográfico, como bem assinala Hugo Aníbal, terá uma forte presença nos trabalhos acerca do folclore paraibano, mais à frente detalharemos qual o lugar da geografia em sua produção.

José Octávio de Arruda Mello, que foi aluno do Dr. Aníbal Victor de Lima e Moura, em várias passagens de sua entrevista, reforça a “vocação” do pai de Hugo Moura pelo ensino da história.

Teve muita habilidade em ensino, não é. Porque ele [Hugo Moura] começou cedo, devido a influência do pai, Dr. Aníbal, que é um grande formador de gerações.

[...]

Ele formou-se em direito, mas nunca exerceu a profissão; como aliás vai acontecer com Hugo. Dr. Aníbal vocacionou-se sempre para o ensino. Criou um colégio particular aqui, pouca gente sabe disso.

[...]

Aliás Dr. Aníbal vocacionou muito os filhos para o ensino. Um outro filho, Artur, foi professor do Liceu [Paraibano], de Educação Física, foi meu professor também.³⁴

Os relatos de Hugo Aníbal e de José Octávio demonstram que a atmosfera familiar impulsiona Hugo Moura a se inclinar para o estudo e o ensino da história. Embora os trechos aqui citados ressaltem o papel de dr. Aníbal Moura, é preciso lembrar que D. Severina Moura também era professora e certamente deve ter cultivado e cuidado da educação dos filhos tanto quanto seu marido. Mesmo com o destaque dado a Dr. Aníbal Moura na formação de Hugo Moura, não é possível apreender até que ponto esta influência foi tão direta e sentida. A passagem pela Escola de Engenharia de Pernambuco e o consequente ingresso no curso de Engenharia Química indica que esta influência não se fez presente de maneira tão imediata quanto os relatos parecem sugerir. Um outro aspecto interessante de seu processo formativo e profissional é que após ter concluído a graduação em História e já exercer o magistério ele

33 Entrevista concedida por Hugo Aníbal a este pesquisador em 16 de abril de 2008.

34 Entrevista concedida a este pesquisador em 24 de novembro de 2008, na residência do historiador José Octávio de Arruda Melo, João Pessoa-PB.

ainda fará o curso de Direito, muito embora não tenha atuado no campo da advocacia. Notamos que a inclinação para a história não existiu sem que mediações fossem realizadas.

Hugo Moura retornará a Recife novamente na condição de estudante, só que desta vez da pós-graduação. Em 1967 ele ingressa no mestrado de sociologia do Instituto de Ciências do Homem da Universidade Federal de Pernambuco no intuito de desenvolver uma pesquisa acerca do tema “Áreas culturais da Paraíba”, sob orientação do Diretor da Divisão de Sociologia.³⁵ Na documentação a que tive acesso não encontrei nenhum indício de que Hugo Moura tenha concluído o curso de pós-graduação, em que pese o fato da não conclusão, a passagem pelo mestrado de sociologia da UFPE será bem aproveitada e dela resultará a elaboração do Mapa Folclórico da Paraíba³⁶, publicado em 1969.

O professor Iveraldo Lucena, que manteve contato com Hugo Moura durante um longo período, sendo inicialmente aluno e posteriormente colega no departamento de História da UFPB, retrata que a convivência com ele era muito agradável, por entre outras coisas possuir um “espírito” muito colaborador.

Fui aluno de Hugo. Eu fui aluno de Dr. Aníbal, que era o pai dele, no Liceu Paraibano no ensino médio. Eu fui aluno de Hugo na universidade. Ele era professor do curso de história. Ele ensinava História da América e depois eu tornei-me professor do próprio curso de história e aí tivemos uma convivência mais próxima, como colegas do departamento. Foi numa fase que ele já estava mais próximo do óbito dele. Hugo desapareceu prematuramente, foi um falecimento muito cedo. Então nessa fase a gente teve uma convivência mais próxima. Mas a minha lembrança e a minha convivência com ele girava sempre em torno do próprio dia a dia do departamento de história e das disciplinas. Eu trabalhei, na época em que a gente teve maior convivência, com história antiga e medieval, e ele trabalhava com história da América, sempre trabalhou com história da América. Essa era a nossa convivência.

[...]

No departamento a convivência como colega, muito boa, muito boa por isso: porque ele era um indivíduo aberto, colaborador. Eu me lembro que quando eu comecei a ensinar história antiga, eu tinha muito interesse na, vamos dizer assim, nas informações da história da América pré-colombiana, porque é a história antiga da América, é o período, de certo modo, que corresponde ao período da história antiga universal dentro da América. E Hugo me foi muito útil com isso. Conversamos muito, porque era uma coisa que a bibliografia não era tão boa, mas ele tinha um domínio muito bom.³⁷

35 Conferir no ANEXO B – Relatório do dia 18 de outubro de 1967, enviado por Hugo Moura a Guilardo Martins Alves, Reitor da Universidade Federal da Paraíba.

36 Conferir no ANEXO C – Mapa Folclórico da Paraíba, 1969.

37 Iveraldo Lucena concedeu-me esta entrevista em 27 de dezembro de 2010, na sua residência no município do Conde-PB.

A biblioteca particular dele, como afirma José Octávio de Arruda Mello, “coisa rara naquela época”, era aberta aos colegas do departamento e aos estudantes.

Oswaldo Meira Trigueiro, que participou de viagens e pesquisas de campo sobre o folclore paraibano juntamente com Hugo Moura, também o descreve como alguém “generoso e incentivador de jovens pesquisadores” da cultura popular. “Visitei muitas vezes a biblioteca dele e conversamos bastante. Ele era uma pessoa muito generosa nesse aspecto de ajudar os jovens pesquisadores. Tenho conhecimento do trabalho dele como professor. Era um grande professor.”³⁸ Oswaldo Meira Trigueiro é professor do Departamento de Comunicação e Turismo da UFPB e reconhecido pesquisador da área de folclore, tendo escrito artigos na área de *folkcomunicação*.³⁹

3.2 IHGP

Hugo Moura ingressa como sócio no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) em 28 de maio de 1955, conforme indica o “Quadro de Associados Efetivos”⁴⁰. Na *História do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano*, livro publicado em 1998 por Luiz Hugo Guimarães, são encontradas algumas referências de sua participação neste Instituto. As menções a Hugo Moura são “telegráficas”, pois não detalham como se deu sua atuação nas comissões a que pertenceu.

No triênio 1959/1962 integrou a Comissão Permanente de Admissão de Sócios, juntamente com os consócios Otacílio de Queiroz e Lylia Guedes, esta última assina algumas Atas da Comissão Paraibana de Folclore em 1951, além dela, Leon Clerot, Afonso Pereira, Francisco Vidal Filho e José Leal também integraram os quadros do IHGP e da Comissão Paraibana de folclore, como veremos mais adiante.

De 1965 a 1968 Hugo Moura assume a Comissão Permanente de Contas, onde novamente contará com a companhia de Lylia Guedes. Nos últimos três anos da década de 1960 ele é designado bibliotecário do Instituto.

Em virtude do decreto nº 3.930 de 20 de agosto de 1965, editado pelo Governador da Paraíba Pedro Gondim, fica estabelecida a criação do Conselho Estadual de Cultura. Nele,

38 Entrevista realizada em 29 de novembro de 2008.

39 Cf. Há uma lista de artigos do professor Oswaldo Meira Trigueiro que tratam de *folkcomunicação* e de outros assuntos correlacionados que estão disponíveis em <http://www.bocc.ubi.pt/esp/autor.php?codautor=59>.

40 O Quadro de Associados Efetivos pode ser consultado na página eletrônica do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano: http://www.ihgp.net/socios_fundadores.htm.

Hugo Moura, indicado por consócios, ocupará a cadeira destinada ao Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Entre 1974 e 1977 presidiu da Comissão de Antropologia, tendo a companhia dos confrades José Octávio de Arruda Mello, Cláudio Santa Cruz e Pedro Anízio Dantas.⁴¹

Mesmo com todas estas referências citadas acima não é possível ter uma compreensão mais detalhada do exercício destas funções desempenhadas durante os 23 anos em que foi sócio desta instituição. Na pesquisa que Realizei nos arquivos do Instituto Histórico não encontrei Atas ou relatórios destas Comissões Permanentes a que Hugo Moura pertenceu.

Se nos faltam informações sobre o cotidiano de sua atuação nesta instituição, não podemos deixar de ressaltar que foi na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano* que Hugo Moura publicou alguns de seus artigos. Sobre o folclore encontramos: “O que vendem os ervatários das feiras de João Pessoa” (1961), seu primeiro artigo acerca do folclore; “Bibliografia do folclore paraibano” (1964); “Alimentação e linguagem popular” (1970). Postumamente é publicado um texto sobre história da Paraíba, “A Paraíba colonial na bibliografia holandesa” (1986)⁴².

3.3 IPAA

Além do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, Hugo Moura foi sócio do Instituto Paraibano de Arqueologia e Antropologia (IPAA), fundado em 1975. No artigo 1º de seu Estatuto fica estabelecido que o IPAA será uma “entidade de direito privado, [que] tem por finalidade a pesquisa científica, preservação e divulgação do patrimônio arqueológico e antropológico do Estado, bem como seu estudo e das ciências afins, com objetivos culturais e educacionais”. Em janeiro de 1976, o IPAA realiza o I Curso de Arqueologia, Antropologia e Preservação de Monumentos Históricos e Artísticos. Houve ampla divulgação deste curso pela imprensa local, a julgar pelos recortes dos jornais *A União* e *O Norte* de janeiro de 1976 encontrados na pasta do IPAA localizada nos arquivos do IHGP. As notícias informam o período de inscrições, local de realização (auditório do Centro Administrativo do Estado), valor da inscrição, material didático constante na pasta entregue aos alunos, temário das aulas

41 Cf. GUIMARÃES, Luiz Hugo. **História do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**. João Pessoa-PB: Editora Universitária, 1998. As informações obtidas encontram-se nas páginas 134-135; 150; 152-153; 160; 183; 185 e 208.

42 Conferir a referência completa na bibliografia.

e corpo de professores do curso. Entre estes encontramos o nome de Hugo Moura e no material recebido pelos alunos constam “mapas folclóricos”.

Como disse no início destas notas, os dados biográficos sobre Hugo Moura são parcos, para não dizer quase inexistentes. Não tenho muito a acrescentar além dos relatos que os entrevistados oferecem, das informações obtidas nas correspondências, a documentação da Pasta Funcional e os artigos que constam de sua produção intelectual. Certamente muitas lacunas de sua trajetória e traços de sua personalidade não serão aqui considerados, pois não foram acessados por este pesquisador e não se tornaram descritíveis.

Um dos motivos que levam a este caminho, reitero mais uma vez, diz respeito à direção escolhida por mim desde o início da pesquisa, em que focalizo as suas atividades profissionais e institucionais, seja no campo da docência ou no do folclore e que se fizeram presentes nas perguntas elaboradas para as entrevistas e na busca e seleção dos documentos. Este sentido imprimido por mim em toda a pesquisa de campo acaba por fechar possíveis perspectivas que me levassem a detalhadas e profundas descrições sobre outros aspectos de sua biografia. Não há outro jeito se não assumir o risco da incompletude e das muitas falhas que um trabalho como este nos impõe.

Assim, tendo este problema sido apresentado, passo a descrever mais detidamente as duas dimensões de sua trajetória que considero mais presentes no conjunto dos documentos reunidos, qual seja, a sua atuação na universidade enquanto pesquisador e docente, e a participação no Movimento Folclórico Brasileiro desde a Comissão Paraibana de Folclore.

Por uma questão de organização apresento primeiro como a carreira docente de Hugo Moura vai sendo construída, segundo, passo a descrever as suas ações no movimento folclórico, mas estes dois caminhos que serão apresentados aqui de maneira separadas por uma questão de organização do texto, só podem ser entendidos a partir do entrecruzamento de ambos, pois foi assim que deram forma e conteúdo à trajetória intelectual e institucional de Hugo Moura.

3.4 Atuação docente

Aos 23 anos, Hugo Moura inicia a carreira docente no Colégio Estadual de João Pessoa. Exerce o magistério nesta escola por cerca de 11 anos, lecionando a disciplina História Geral, em momentos e turnos diferentes. De 1950 a 1961 no turno da manhã e de 1956 a 1961,

turno da noite. Possivelmente, a faixa etária do público atendido e o nível de escolaridade corresponderia, hoje, ao que conhecemos como ensino médio. O contrato de trabalho de Hugo Moura com esta escola finda-se em julho de 1961, quando pede exoneração de funções docentes no Colégio Estadual de João Pessoa.

Ainda lecionando no Colégio Estadual, Hugo Moura ingressa no ensino superior da Paraíba. O primeiro contrato foi na Faculdade de Filosofia (FAFI). Em 8 de março de 1955, é nomeado Professor Catedrático de História da América, cadeira que lecionará nesta instituição por 12 anos, conforme os registros encontrados. Na Faculdade de Ciências Econômicas (FCE) sua nomeação para a cadeira de História Econômica Geral e do Brasil data de 1956, tendo sido o primeiro a lecionar esta disciplina nesta faculdade. Até 1961 Hugo Moura pôde acumular as funções de professor no Colégio Estadual de João Pessoa e nas Faculdades de Ciências Econômicas e de Filosofia, mas com as mudanças ocorridas na Universidade da Paraíba, ele terá que fazer algumas escolhas.

Com a Lei nº 3.385 de 13 de dezembro de 1960, que decreta a federalização da Universidade da Paraíba, toda a estrutura desta passa a integrar o Ministério da Educação e Cultura não mais existindo qualquer vinculação de seus servidores com a Secretaria Estadual de Educação.

O relato dado pelo professor Iveraldo Lucena é ilustrativo deste momento de mudanças, ele as acompanhou de perto, na condição de estudante do curso de Direito.

A Universidade da Paraíba é a única talvez no país que surge como uma universidade multi campi. Todas as universidades federais foram criadas como uma entidade sediada quase sempre na capital do Estado. Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal do Rio de Janeiro e qualquer uma delas, é isto. A Universidade Federal da Paraíba surge da federalização de uma universidade estadual já existente. Ela não tinha campus, mas tinha escolas em João Pessoa e Campina Grande. Havia uma única escola de nível superior federal na Paraíba, que ficava no município de Areia, a Escola Agrícola. Quer dizer, a universidade [federal] surge com quatro campi. João Pessoa, Campina Grande, Areia e Bananeiras, porque em Bananeiras funcionava um curso técnico agrícola que pertencia à Escola Agrícola de Areia.

[...]

Eu comecei aluno da Escola, quer dizer, da Universidade Estadual e terminei aluno da Federal. Porque eu terminei o curso de Direito em dezembro de 1960, que é exatamente o ano da federalização.⁴³

43 Trechos da entrevista concedida a este pesquisador em 27 de dezembro de 2010, na residência do entrevistado no município do Conde-PB. Iveraldo Lucena ainda foi Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários da UFPB entre 1976 e 1980, no reitorado do Prof. Lynaldo Cavalcanti.

Com a criação da Universidade Federal da Paraíba, além da mudança de *status*, outras acomodações precisaram ser feitas. Quem antes ensinava, por exemplo, nas Faculdades e no Colégio Estadual de João Pessoa, então pertencentes à estrutura da Secretaria de Educação do Governo do Estado, na prática tinha dois empregos e apenas um patrão.⁴⁴ Com a federalização a situação se altera e quem estava nesta condição teve que escolher um dos empregos, já que, a partir deste período, os padrões eram distintos e a acumulação não seria mais permitida. Estas mudanças se refletem na vida docente de Hugo Moura da seguinte maneira: em 1961 ele pede exoneração das atividades no Colégio Estadual de João Pessoa e elabora uma declaração em que “opta” pelas cadeiras de História Econômica Geral e do Brasil e de História de América, permanecendo no ensino superior até 1978.

Hugo Moura assume outras disciplinas no departamento de História no decorrer de sua trajetória. Em todas estas ocasiões ele substituiu a um colega que precisou afastar-se, ou por motivos acadêmicos, tais como a realização de um curso em outro estado, ou por motivos de saúde. Num destes momentos ele teve que assumir as cadeiras lecionadas por seu pai Dr. Aníbal Moura, que faleceu em 13 de março de 1963.

Além das atividades de ensino ele ocupa algumas funções administrativas no âmbito da Universidade Federal da Paraíba, mas não parece querer enveredar pelos caminhos da burocracia universitária, vide o curto período ocupando a Vice Diretoria da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, entre 1962 e 1965. Neste período, por seis vezes esteve à frente da Direção da Faculdade, sempre em virtude dos afastamentos do Diretor Milton Paiva.

Em 1973 é designado sub chefe do Departamento de História, mas não há nenhum documento que ateste qualquer atividade nesta função no período.

Ainda no âmbito da docência, em 1967, Hugo Moura solicita e consegue o afastamento para realizar o curso de mestrado em Sociologia na Universidade Federal de Pernambuco. Embora este dado a princípio diga respeito a sua atuação enquanto docente, aqui só farei esta menção rápida, pois os detalhes desta nova passagem por Recife serão melhor entendidos no próximo ponto, quando descrevo sua participação no Movimento Folclórico Brasileiro.

A descrição de sua “vida docente”, sobretudo na Universidade Federal da Paraíba, feita de maneira sucinta, enfatizou o papel de professor de história que Hugo Moura sem dúvida foi. Mas daqui por diante, e pela documentação encontrada talvez ele passe a ser visto como

44 Esta é uma ideia que tomo de empréstimo do prof. Iveraldo Lucena.

folclorista, que na minha opinião também o foi. A questão que pretendo colocar é que enxergá-lo apenas por uma destes papéis seria reduzi-lo a um rótulo que não diz muito sobre como sua trajetória se processou.

3.5 Desdobramentos do Movimento Folclórico na Paraíba: Comissão Paraibana de Folclore e a participação de Hugo Moura

Antes de me deter sobre a atuação de Hugo Moura à frente da Comissão Paraibana de Folclore como secretário geral, descreverei rapidamente alguns momentos desta Comissão. Tomarei como recorte temporal os anos de 1948, ano de sua fundação e 1978, quando se encerra a participação de Hugo Moura como seu Secretário-Geral.

A documentação amalhada permite-me apenas esboçar de forma muito precária a história da Comissão Paraibana de Folclore. Dentre os motivos desta dificuldade destaco a falta de arquivos que está intimamente ligada a inexistência de uma sede própria. Ao que consta ela nunca teve um endereço fixo, este variava conforme a residência de quem a assumiu. Um bom exemplo desta precariedade de instalações é citada nas três atas de 1951, quando as reuniões foram realizadas tendo como sede provisória a Associação Paraibana de Imprensa. A falta de uma sede persiste e é verificado em 1975, quando Hugo Moura solicita ao reitor da UFPB “duas salas ou uma sala ampla para instalar a Comissão Paraibana de Folclore”. Este nomadismo revelada o quanto a não existência de uma sede própria e comprometeu a formação de um arquivo de documentos que servisse de memória tanto para pesquisadores como para os membros mais novos da Comissão Paraibana de Folclore. Infelizmente a pouca organização parece ser a sina da CPF desde sua fundação em que pese todos os esforços no sentido oposto e que serão reatualizados ao longo dos anos de existência desta Comissão.

Em artigo escrito para o jornal *O Norte*, de 28 de abril de 1951, Afonso Pereira se refere à Comissão Paraibana de Folclore nos seguintes termos:

Estamos com vontade de fazer alguma coisa, porque falta de tudo. Trabalhar neste setor de atividade cultural é, no entanto, muito penoso. Nem arquivos nem sedes, instrumentos de pesquisa, nem bibliotecas; eis o patrimônio de um organismo de estudo especializado. Eis os instrumentos com que vamos agir.⁴⁵

45 Esta notícia foi manuscrita a partir da leitura nos terminais informatizados que compõe o acervo digital da Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Pode ser acessada em

Os documentos que nos servirão de alicerce para escrever esta história foram encontrados na pasta da Comissão Paraibana de Folclore, pertencentes ao acervo da Comissão Nacional de Folclore que está na Biblioteca Amadeu Amaral, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, no Rio de Janeiro; no Arquivo Afonso Pereira, em João Pessoa; na *Revista Brasileira de Folclore*, notadamente em sua sessão “Noticiário” e nos documentos cedidos gentilmente pela família de Hugo Moura.

Compõem ainda este conjunto as correspondências enviadas por Renato Almeida entre 1948 e 1956 a intelectuais paraibanos, as três atas da “segunda” fundação da Comissão Paraibana em 1951, recortes de notícias de jornal encontradas na Comissão Nacional de Folclore e as correspondências trocadas entre Hugo Moura e Braulio do Nascimento, Diretor Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro entre 1974 e 1978.

A partir desta documentação será possível reconstituir a trajetória de existência da Comissão Paraibana de Folclore. Entre 1948 e 1978 as dificuldades enfrentadas pelos que ocupam o posto de Secretário-Geral refletem-se em “refundações”, “reestruturações” e “reorganizações”.

Com a fundação da Comissão Nacional de Folclore em 1947, o movimento folclórico brasileiro passou a se expandir em representações por todos os estados do país. Esta expansão aconteceu graças ao importante papel de articulação desempenhado por Renato Almeida, que através do envio de cartas, convidava, ora via representações do Instituto Brasileiro de Educação, Cultura e Ciência (IBECC), ora via outras instituições locais, algum intelectual que tivesse interesse em assumir as comissões nos Estados. Na Paraíba, Celso Mariz, então presidente da Comissão do IBECC no Estado e Oscar de Castro, presidente da Academia Paraibana de Letras recebem as primeiras cartas. Nelas o presidente da Comissão Nacional de Folclore trata criação da Comissão Paraibana de Folclore e da nomeação de Francisco Vidal Filho como seu Secretário-Geral⁴⁶.

<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=tematico&pesq=sub-comissao%20paraibana%20de%20folclore>.

46 Entre os meses de março e maio de 1948 pude verificar que foram enviadas 3 cartas da Comissão Nacional de Folclore para tratar da nomeação de **Francisco Vidal Filho**. A primeira em 04/03/1948, carta do IBECC/Cnfl – 59, endereçada a **Celso Mariz**, presidente da Comissão Paraibana do IBECC; a segunda, em 29/03/1948 – Carta do IBECC/Cnfl – 69 (R.A), para **Oscar de Castro**, presidente da Academia Paraibana de Letras; e a última, em 08/05/1948, Carta do IBECC/Cnfl – 99 (R. A). Estas informações foram coletadas através de consulta aos terminais informatizados da Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – RJ em julho de 2010.

Em que pese o assunto tratado nestas cartas,⁴⁷ como se constatará a comissão será criada mas é possível que Francisco Vidal Filho não tenha sido nomeado como seu primeiro secretário, pois as notícias dos jornais *A União* e *Jornal do Comércio* dos dias 15 e 29 de julho de 1948 respectivamente, anunciam o jornalista José Leal como ocupante da função de Secretário-Geral da Comissão Paraibana de Folclore e Francisco Vidal Filho aparece na listagem dos membros que a compõem.

Numa carta enviada por Renato Almeida em 27/08/1950, ele se dirige ao Secretário-Geral José Leal e lhe dá algumas atribuições: comemorar o Dia do Folclore, repercutir a III Semana Nacional de Folclore, a ser realizada em Porto Alegre entre os dias 22 e 29 de agosto deste mesmo ano, e enviar os recortes de jornais com a publicação de notas sobre o evento.

José Leal não permanecerá por muito tempo no cargo, que logo será ocupado por Afonso Pereira da Silva. É ele quem lavra a ata de fundação da Comissão Paraibana de Folclore, na condição de Secretário Geral, em 5 de maio de 1951 e tem como subscritores os seguintes membros fundadores: o jornalista José Leal, que sai da secretaria geral mas permanece membro da comissão, dr. Leon Francisco Rodrigues Clerot, dr. Arnaldo Tavares, dr. Luiz Rodrigues, prof. João da Veiga Cabral, prof. Rubens Filgueiras, sr. Geraldo do Nascimento, sr. Pedro Paulo de Almeida e dra. Lylia Guedes⁴⁸. Neste ano nós temos a primeira reorganização, pois a comissão já havia sido fundada em 1948. Esta “nova fundação” se processa em virtude das condições pouco favoráveis para o pleno funcionamento das atividades desta comissão como bem retrata Afonso Pereira.

Foi, recentemente restaurada a Sub-Comissão Paraibana de Folclore a cujos destinos presidiam o carinho e atenção do jornalista José Leal, que nada pôde realizar, por não contar com a ajuda de ninguém, inclusive de governos, instituições de cultura e dos chamados *folcloristas* da Paraíba.⁴⁹

Nas duas atas das reuniões subsequentes, a Comissão se reuniu quase que exclusivamente para repercutir as cartas enviadas por Renato Almeida, organizar a estrutura da Comissão Paraibana, nomear os subsecretários desta nos municípios paraibanos e, sobretudo, tratar do envio da delegação paraibana ao I Congresso Brasileiro de Folclore no

47 Busca feita através dos termos “Comissão Paraibana” nos terminais informatizados da Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – RJ em julho de 2010.

48 Conferir nos anexos as Atas das três reuniões realizadas em 1951 que indicam uma “segunda” fundação da Comissão Paraibana de Folclore. A primeira reunião desta nova fase foi realizada em 05 de maio de 1951. Esta primeira e as duas atas das reuniões seguintes foram encontradas na “Pasta Folclore” no Arquivo Afonso Pereira, João Pessoa – PB.

49 Cf. Artigo publicado no jornal *O Norte*, de 28 de abril de 1951, por Afonso Pereira.

Rio de Janeiro em 1951.⁵⁰

Afonso Pereira permanece no cargo de Secretário Geral por aproximadamente 5 anos. Leon Francisco Rodrigues Clerot recebe um comunicado da Comissão Nacional de Folclore, informando-o que ele fora designado para exercer a função de Secretário Geral da Comissão Paraibana de Folclore no período entre 1956 e 1959. O texto da matéria publicada no jornal *O Norte* do dia 3 de abril de 1956 assim noticia esta nova reestruturação:

Espera-se que a nova comissão melhor organize aquela entidade cultural, imprimindo-lhe novo ritmo de trabalho, para que a Paraíba, que é um vasto campo para estudos, que possui invejável riqueza de motivos folclóricos não consignados no papel, não continue a ser uma ausente nos meios culturais do país. Nem mesmo nos diversos congressos folclóricos realizados no sul do país, tem-se feito representar o nosso Estado, de modo condigno, por falta de iniciativa da Comissão. Daí, as esperanças que renascem, de nossa parte, no esforço e na capacidade dos novos membros que passam a compor aquela entidade.⁵¹

Nesta mesma notícia encontramos pela primeira vez o nome de Hugo Moura como integrante dos quadros da Comissão Paraibana de Folclore como um de seus membros. No intervalo entre 1959 e 1963 não encontrei nenhum documento contendo informações sobre as atividades desta Comissão nem quem ocupou a Secretaria-Geral neste período.

Entre 1963 a 1977, é possível encontrar os indícios da atuação de Hugo Moura enquanto Secretário-Geral da Comissão Paraibana de folclore. Na *Revista Brasileira de Folclore* foi possível mapear notícias entre os anos de 1963 e 1970 que demonstram as atividades empreendidas pela Comissão Paraibana. Nos anos entre 1970 e 1973 não encontrei nenhuma referência que me permita saber se Hugo Moura atuou como secretário e se a Comissão funcionou, só em 1974 é que são constatadas correspondências entre Hugo Moura e Bráulio do Nascimento, então Diretor Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Antes de me deter nestes períodos que foram mencionados acima, faz-se necessário descrever como Hugo Moura conhece o Movimento Folclórico Brasileiro e como esta aproximação inicial pode ter sido determinante para que viesse a ocupar por tão longo período as atividades da Comissão Paraibana de Folclore.

50 Conferir na p. 24 dos Anais do I Congresso Brasileiro de Folclore a lista com os nomes dos representantes dos estados.

51 Cf. Notícia obtida através de pesquisa na hemeroteca constante nos acervos digitais da Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.

3.6 A participação de Hugo Moura no I Congresso Brasileiro de Folclore (1951)

Foi Hugo Aníbal que me disse que “o primeiro contato formal” de Hugo Moura com o Movimento Folclórico Brasileiro aconteceu no I Congresso Brasileiro de Folclore, em 1951. Como descrito acima Hugo Moura não pertencia à Comissão Paraibana de Folclore nem sabemos muito claro que tipo de vínculo ele possuía com o folclore paraibano para ir ao Rio de Janeiro e participar deste Congresso, mas algum motivo o levou até lá.

A organização do evento estabelecia que estavam habilitados a participar do I Congresso Brasileiro de Folclore os componentes do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), da Comissão Nacional de Folclore (CNF) e das delegações das comissões de folclore e as representações dos Governos estadual e municipal.

A representação da Paraíba neste Congresso se fez da seguinte maneira: Leon Francisco Rodrigues Clerot apresentou a tese intitulada “Três lendas”, do livro inédito *A botânica no folclore do Brasil* e Arnaldo Tavares, que além de ocupar a 4ª secretaria da Mesa Diretora do Congresso ainda contribuiu com a tese “Folclore médico rural – credences populares sobre a bouba”.⁵²

Hugo Moura participou deste I Congresso na condição de “Diversos Congressistas”⁵³. Nos Anais do Congresso é possível observar que a organização dos Grupos de Trabalho é composta da seguinte maneira: para cada GT foi designado um presidente e um relator para conduzir as sessões dos trabalhos. A grande maioria dos GT's funcionou com esta estrutura padrão, mas o GT – Demonstrações Folclóricas fugiu um pouco à regra. Nele, além do presidente Loureiro Fernandes e do relator Fernando Correia de Azevedo, Hugo Moura exerceu a função de secretário. Não é possível reconstituir quais os aspectos do trabalho deste secretário, mas é interessante ressaltar que sua presença neste grupo o colocou em contato com o folclorista paulista Rossini Tavares de Lima, que apresenta “Notas sobre o atual Batuque ou Tambu do Estado de São Paulo”.⁵⁴

Ao analisar uma carta de apresentação encontrada em meio a suas correspondências, é possível ter uma noção de sua disposição em estar presente a esta reunião. A carta é bastante simples, mas ao menos ela registra o primeiro ato de sua intenção em participar do movimento folclórico brasileiro que pudemos conhecer.

52 Este artigo foi publicado posteriormente em 1953, na Revista “Folclore”, do centro de pesquisas folclóricas Mário de Andrade.

53 Página 31, Anais do I Congresso Brasileiro de Folclore, Rio de Janeiro, 1951.

54 Página 65, Anais do I Congresso Brasileiro de Folclore, Rio de Janeiro, 1951.

Carmelita Pereira Gomes, então Supervisora Interina do Serviço Social da Indústria da Paraíba (SESI-PB), assina uma carta de apresentação que deve ser entregue a Yvette Tunis de Virgillis, chefe do Serviço de Orientação Social e Assistência Técnica do SESI do Rio de Janeiro. A carta data de 14 de agosto de 1951 e nela Hugo Moura é apresentado como Auxiliar Social do SESI de João Pessoa. No texto há uma recomendação feita por Carmelita Gomes: Hugo Moura está interessado em realizar um “ligeiro estudo sobre folkc-lore” no Rio de Janeiro.

A apresentação e a intenção declarada de Hugo Moura em realizar “tal estudo” não nos assegura que tenha ido ao Rio de Janeiro realizar trabalho de pesquisa como o texto nos sugere. Também não é possível afirmar que ele tenha sido recebido pela funcionária do SESI do Rio de Janeiro, ou que tenha tido os custos com a viagem arcados por tal instituição. Mas a carta pode ser encarada como o registro do momento inicial de sua primeira participação no Movimento Folclórico Brasileiro, afinal não sabemos no que a carta de apresentação foi lhe útil, mas ele se fez presente no Congresso.

O esforço empreendido para participar deste evento se refletirá nas ações, tanto na universidade, como na secretaria da Comissão Paraibana de Folclore, nos anos seguintes ao Congresso.

3.7 Hugo Moura e a mediação entre o folclore e a universidade

A descrição já feita da carreira docente de Hugo Moura, nos permite assegurar que antes de qualquer qualificativo que lhe possam atribuir o primeiro deles será o de professor. Isto não quer dizer que ele tenha desempenhado apenas este papel em sua trajetória. Nas notícias de jornal, em alguns números da *Revista Brasileira de Folclore* e nas correspondências recebidas e expedidas por ele, em que pese a sua condição de Secretário-Geral da Comissão Paraibana de Folclore, não há registro de que alguém tenha se referido a ele como folclorista. Nestas menções é sempre o qualificativo de professor que aparece mesmo quando os assuntos tratados são pertinentes ao campo do folclore. Isto ficará demonstrado nas várias citações que serão feitas logo a seguir.

Quando Hugo Moura recebeu a Medalha Sílvia Romero em 1966, numa sessão solene no IHGP, em reconhecimento por relevantes serviços prestados ao folclore nacional, a atribuição de folclorista fora descartada. Ele exortava para que não se confundisse um simples

“articulador de encontros, seminários e congressos” que se considerava, com os verdadeiros folcloristas brasileiros, como Luís da Câmara Cascudo. Na sua percepção, este sim era digno de tal designação por ser um profundo conhecedor da “etnografia brasileira”.

Em solenidade verificada sábado último, na sede do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, o professor Hugo Moura, catedrático de História da América da Faculdade de Filosofia da UFP [Universidade Federal da Paraíba], foi condecorado com a medalha Sílvia Romero, instituída para premiar aqueles que possuem relevantes serviços prestados ao folclore nacional. Agradecendo aquela deferência, o professor Hugo Moura ressaltou a contribuição prestada pelo mestre potiguar Câmara Cascudo aos estudos de folclore, no Brasil, e endereçou apelo a que, doravante, não se confundissem os simples organizadores de festivais folclóricos com os verdadeiros folcloristas e divulgadores anônimos dos segredos da etnografia brasileira⁵⁵.

Embora reconheçamos o seu esforço em não se considerar um folclorista, pois achava-se aquém desta designação, a exemplo da notícia citada acima, as vinculações entre Hugo Moura e o movimento folclórico se apresentam de diversas maneiras e em diferentes momentos de sua trajetória, de tal modo que fica difícil não considerá-lo como um agente que contribuiu decisivamente para que os ideais do folclorismo no Brasil fossem levados a efeito na Paraíba. Os reflexos disso podem ser observados na sua modesta produção bibliográfica e sobremaneira nas ações para articular tal movimento, pois se compararmos a quantidade de artigos publicados com a de outros folcloristas de sua época, notaremos que suas energias não foram empenhadas nisto, o que não significa dizer que não buscasse publicar mesmo que esparsamente os seus estudos.

As orientações e diretrizes traçadas no I Congresso Brasileiro de Folclore, em 1951, exercerão uma forte influência na prática de Hugo Moura tanto na Comissão Paraibana como nas suas atividades acadêmicas, o que me leva a supor que não haveria incompatibilidades entre os papéis de professor universitário e folclorista, entre universidade e estudos de folclore. Ao contrário, o que acabei observando ao longo da análise dos documentos é que na sua trajetória, ele acabou atuando como um mediador entre estes dois “mundos”. Em muitas ocasiões, a universidade cedeu as suas dependências para que cursos de folclore e comemorações no mês de agosto fossem realizadas, estas ações só foram possíveis graças a dupla atuação de Hugo Moura enquanto professor e Secretário-Geral da Comissão Paraibana de Folclore.

55 Cf. Jornal *A União* de 24 de maio de 1966.

Um bom exemplo desta mediação pode ser encontrado no processo de elaboração do Mapa Folclórico da Paraíba. Na Carta do Folclore Brasileiro de 1951, fica estabelecido um conjunto de diretrizes gerais para os participantes do Movimento Folclórico Brasileiro. Num dos pontos desta Carta “Recomenda-se às Comissões Regionais adotem providências para que o **calendário** e o **mapa folclóricos** de cada Unidade Federada sejam apresentados sob forma tão completa quanto possível, no II Congresso Brasileiro de Folclore.” (Anais CBF, 1951, p. 78). Hugo Moura cumprirá este objetivo, mas só em 1969 como veremos mais adiante.

A primeira referência que tive sobre a produção intelectual de Hugo Moura, foi o Mapa Folclórico da Paraíba. Após decidir iniciar uma pesquisa sobre a sua trajetória eu me perguntei algumas vezes sobre os objetivos e propósitos pelos quais ele tinha realizado tal trabalho. No limite da especulação, eu imaginava que o exercício das funções na secretaria da Comissão Paraibana de Folclore e o fiel cumprimento das diretrizes estabelecidas na Carta de 1951 o tinham levado a realizar uma pesquisa para elaborar o Mapa. Até então, esta era a explicação possível, embora a julgasse superficial, pois só dispunha texto que apresenta de forma textual a representação gráfica do próprio Mapa como chaves de interpretação. Sem outros os elementos para uma compreensão mais apropriada, isso era tudo o que eu tinha.

Nas consultas a alguns números da Revista Brasileira de Folclore, acabei me deparando com o número 24, publicado em 1969, nele havia uma notícia cujo título chamou minha atenção: “Mapa Folclórico da Paraíba”. Ao ler todo o artigo percebi que se tratava da publicação do texto que sintetiza as informações gráficas contidas no Mapa. Após esta leitura sentia que, em parte, a minha especulação tinha algum fundamento. Vejamos o que diz o primeiro parágrafo do texto publicado na Revista Brasileira de Folclore.

A Comissão Paraibana de Folclore, secretariada pelo professor Hugo Moura, **elaborou o Mapa Folclórico** com base no questionário remetido aos agentes municipais de estatística de todo o Estado, tendo o IBGE se encarregado de sua distribuição e recolhimento. Dos 171 municípios, 169 devolveram os questionários devidamente preenchidos. (RBF, 1969. v 9. n. 24, p. 172-173). [Grifos meus].

Durante a pesquisa nos arquivos dos Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), na pasta do Instituto Paraibano de Arqueologia e Antropologia (IPAA), localizada nos acervos do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e na pasta das

correspondências da Comissão Paraibana de Folclore, pertencente aos acervos da Biblioteca Amadeu Amaral foi encontrado o texto Mapa Folclórico da Paraíba no qual o primeiro parágrafo está escrito da seguinte maneira:

O presente Mapa Folclórico foi elaborado com base nos questionários remetidos aos agentes municipais de estatística de todo Estado, tendo o IBGE se encarregado de sua distribuição e recolhimento. Dos 171 municípios, 169 devolveram os questionários devidamente preenchidos. (MOURA, s/d. p. 1).

Na reprodução feita pela Revista Brasileira de Folclore há um acréscimo de informações que não são verificados no texto encontrado nos acervos citados, qual seja a menção da Comissão Paraibana de Folclore, como sujeito de elaboração do Mapa. Seguindo adiante na mesma Revista, na seção chamada: “O Dia do Folclore” é possível ler a seguinte notícia:

Além das celebrações oficiais e escolares, a Comissão Paraibana de Folclore marcou a passagem do “Dia do Folclore” com a apresentação do Mapa Folclórico do Estado, trabalho minucioso e finalmente elaborado. A Comissão Paraibana de Folclore, presidida pelo prof. Hugo Moura, promoveu também uma sessão solene. (RBF, 1969. v 9. n. 24, p. 184)

A publicação do texto na Revista Brasileira de Folclore e a notícia das comemorações do Dia do Folclore se complementam de modo a nos fazer plausível que a pesquisa, a elaboração e a publicação do Mapa se inseriam perfeitamente nas diretrizes designadas pela Carta de 1951. Não restaria outra interpretação que não enxergasse nas atividades do Secretário-Geral da Comissão Paraibana de Folclore a motivação para realização de tal trabalho. Mas, analisando com um pouco mais de atenção, a divergência entre as notícias publicadas na Revista Brasileira de Folclore e texto original, persistiam. Por um bom período uma questão ficava sem resposta: por que no texto encontrado nos diversos arquivos, não constava a informação de que o mapa tinha sido realizado pela Comissão Paraibana de Folclore? Melhor formulando, porque que na publicação da Revista Brasileira de Folclore constava a informação de que o Mapa tinha sido elaborado pela Comissão Paraibana, quando o texto escrito por Hugo Moura não apontava tal autoria?

A resposta para esta questão só foi encontrada quanto tive acesso à pasta funcional de Hugo Moura na UFPB em dezembro de 2010. A partir dos documentos ali encontrados, foi possível estabelecer todas as conexões que me dão um sentido mais aproximado dos motivos

da pesquisa, elaboração e publicação do Mapa Folclórico da Paraíba. Para minha surpresa, conforme relatório enviado por Hugo Moura ao reitor da Universidade Federal da Paraíba, no dia 18 de outubro de 1967, o Mapa surge em decorrência dos dados que estavam sendo levantados sobre o folclore paraibano para elaboração de uma monografia que dizia respeito às suas atividades acadêmicas no Mestrado em Sociologia do Instituto de Ciências do Homem da Universidade Federal de Pernambuco.

Assim, sob orientação do Diretor da Divisão de Sociologia, estou elaborando uma monografia subordinada ao tema “ÁREAS CULTURAIS DA PARAÍBA”, trabalho que além do aspecto particular que o título sugere, inclui uma parte teórico-metodológico. Como subsídio para o mesmo procedi ao levantamento dos fatos folclóricos da Paraíba. Na consecução desta tarefa já concluí duas etapas: a) envio de questionários a todos os municípios do Estado; b) tabulação de dados para determinar a distribuição geográfica do fenômeno pesquisado. Esta pesquisa fornecerá ainda os dados para a confecção do Mapa Folclórico da Paraíba, que por sua vez integrará o Atlas Folclórico do Brasil.⁵⁶

Neste mesmo relatório Hugo Moura informa ao Reitor de uma viagem feita a São Paulo, para participar do Simpósio Brasileiro de Folclore, ocorrido entre os dias 25 e 31 de agosto de 1967, no qual foi um dos debatedores na mesa-redonda “Áreas folclóricas em relação às regiões culturais do país”. Assim fica muito claro a articulação entre atividades acadêmicas e diretrizes do movimento folclórico. O tema de pesquisa para elaboração de uma monografia no mestrado em sociologia foi o mesmo que ele debateu na mesa redonda do Simpósio Brasileiro de Folclore. Além desta participação ele fez parte da Mesa de Abertura deste Simpósio, conforme a fotografia reproduzida logo abaixo e a citação de parte do discurso pronunciado por Renato Almeida.

56 Cf. Nos anexos a cópia deste relatório.



Mesa da sessão inaugural do Simpósio de Folclore Brasileiro ; Prof. Aires da Mata Machado Filho, Dr. Paulo Colombo, representante da Secretaria do Governo ; D. Laura Della Mônica ; Prof. Rossini Tavares de Lima ; Deputado Aguinaldo Rodrigues de Carvalho, representante da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo e neto do folclorista José Rodrigues de Carvalho ; Prof. Renato Almeida, Presidente do Simpósio ; Deputado Felício Castelano, representante do Governador e Secretário do Governo ; Prof. Osvaldo Lacerda Gomes Cardim, diretor do Serviço de Fiscalização Artística ; Prof. Dante de Laytano ; Prof. Hugo A. de Lima e Moura ; Prof. Guilherme Santos Neves e Prof. José Loureiro Fernandes.

Meu primeiro problema foi descobrir os meus colegas. E devo dizer uma coisa: de todos os companheiros que estão hoje aqui nesta mesa e que me auxiliam quase todos há vinte anos e que são os verdadeiros autores desse movimento, eu não conhecia nenhum! Não conhecia pessoalmente Rossini; não conhecia pessoalmente Ayres da Mata Machado; nem Théo Brandão; nem Dante Laytano; nem Hugo Moura; eu não conhecia nenhum dos companheiros com que deveria trabalhar.⁵⁷

Em que pese esta participação neste evento não sabemos ao certo a dimensão que a atuação de Hugo Moura representava para os agentes do Movimento Folclórico Brasileiro nem para a Comissão Nacional de Folclore.

O Mapa Folclórico da Paraíba pode ser considerado como o produto revelador da condição de mediação desempenhada por Hugo Moura pois, através dela é possível tecer os vários fios da trama que compõe a sua trajetória.

A monografia desenvolvida no mestrado em sociologia da UFPE aponta a combinação entre trabalho acadêmico e realização de objetivos do movimento folclórico brasileiro. Isto fica mais claro quando observamos que há semelhanças entre a metodologia empregada na pesquisa e as diretrizes estabelecidas na Carta do Folclore Brasileiro. No cotejamento de algumas passagens do texto do Mapa e da Carta nota-se como esta articulação é processada.

É recomendado ao I.B.E.C.C que promova junto ao Instituto Brasileiro de

⁵⁷ Cf. “Discurso do Presidente Renato Almeida”. In: **Revista Brasileira de Folclore**, v.7, nº 19, set/dez, 1967. p. 227-228.

Geografia e Estatística as providências necessárias no sentido de que a rede de Agências Municipais de Estatística possa ser utilizada, da forma mais conveniente aos interesses daquela entidade, na realização dos inquéritos folclóricos que, em âmbito nacional, sejam estabelecidos pela Comissão Nacional. (Anais, 1951, p. 81)⁵⁸

O presente Mapa Folclórico foi elaborado com base nos questionários remetidos aos agentes municipais de estatística de todo Estado, tendo o IBGE se encarregado de sua distribuição e recolhimento. Dos 171 municípios, 169 devolveram os questionários devidamente preenchidos. (MOURA, s/d. p. 1).

Muitas outras ações desempenhadas por Hugo Moura no espaço universitário nos remetem a esta ideia geral de mediação entre os dois campos aqui tratados. Se examinarmos as notícias veiculadas na Revista Brasileira de Folclore e nos recortes de jornais da Paraíba enviados a Comissão Nacional de Folclore, notaremos que entre 1963 e 1970 os cursos de folclore e as comemorações do Dia do Folclore foram realizados com o apoio da universidade.

O jornal *O Norte* do dia 23 de outubro de 1963, noticiou que entre os dias 21 e 31 de outubro de 1963, ocorrera na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Paraíba, o Curso de Teoria do Folclore, ministrado por Hildegardes Vianna.

Encontra-se em João Pessoa desde domingo último a professora Hildegardes Viana, nome de destaque nos estudos folclóricos brasileiros, que aqui veio a fim de ministrar um Curso Intensivo de Folclore sob o patrocínio da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, com a ajuda da Comissão Paraibana de Folclore e Faculdade de Filosofia da Universidade.⁵⁹

Na secção “Noticiário” da Revista Brasileira de Folclore foi publicada a seguinte nota acerca do mesmo curso:

A Campanha realizou um curso de Teoria do Folclore na Faculdade de Filosofia na Universidade da Paraíba, no período de 21 a 31 de outubro. As aulas foram ministradas pela professora Hildegardes Viana, do Instituto de Música e do Arquivo Público da Bahia. O curso deveu-se à iniciativa do professor Hugo Moura, secretário da Comissão Paraibana de Folclore, com colaboração da Universidade da Paraíba e da Campanha.⁶⁰

58 Cf. Nos anexos se encontra uma cópia da Carta do Folclore Brasileiro de 1951.

59 Notícia encontrada na Hemeroteca da Biblioteca Amadeu Amaral no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.

60 Cf. **Revista Brasileira de Folclore**, v. 3, n. 7. set/dez – 1963. p. 262.

Em 1967, além das atividades anteriormente mencionadas, Hugo Moura atua na reestruturação da Comissão Paraibana de Folclore. “[...] Realizou-se no dia 19 de agosto sessão solene em que o Magnífico Reitor Guilardo Martins Alves, Presidente regional do IBECC, deu posse à diretoria e ao conselho técnico da Comissão” (RBF, 1967, p. 181). Na sequência as notícias sobre as comemorações do Dia do Folclore na Paraíba neste ano, a Revista Brasileira de Folclore informa que

(...) foi realizada exposição de xilogravuras e de livros sobre folclore, lançando-se ainda as bases para um concurso de desenho patrocinado pela Caixa Econômica Federal. Em Campina Grande, o CECAP – Centro Campinense de Folclore – Juntamento com o Grupo Experimental de Várias Artes e a Fundação “Luiz Carlos Virgolino”, todos sediados naquela cidade, uniram-se na programação de uma Semana de Folclore. Do programa constam danças, bailados, torneio de violeiros e outras demonstrações do rico folclore paraibano. Nesta cidade, as gestões foram feitas especialmente pelo sr. Robério Maracajá Henriques, que previu, inclusive durante a Semana de Folclore, um curso a ser ministrado por especialistas, como Hugo Moura, Altimar Pimentel, Berilo Borba, José Elias Borges e Luís da Câmara Cascudo. (RBF, v.7, nº 18, maio/ago – 1967. p. 180 – 181).

Nos três anos seguintes a 1967 serão ainda noticiadas na Revista Brasileira de Folclore, sempre na seção “Noticiário”, as seguintes atividades da Comissão Paraibana de Folclore: em 1968 o Dia do Folclore foi comemorado dentro das atividades da V Semana de Folclore da Paraíba, uma realização da Comissão Paraibana de Folclore, do Departamento Cultural da Universidade Federal da Paraíba, Governo do Estado e prefeitura Municipal. Embora não haja a menção ao nome de Hugo Moura nesta notícia, é provável que ele ocupasse o Secretário-Geral da Comissão neste momento, pois, em 1969, como já foi dito, junto com a publicação do texto do Mapa Folclórico da Paraíba se segue a notícia de que “o prof. Hugo Moura ministrou três aulas sobre folclore brasileiro no Curso de Cultura Brasileira organizado pelo Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Paraíba” (RBF, v.9, nº 24, maio-ago 1969. p. 167).

Em 1970, mais uma vez, a seção noticiário publicou que “A passagem do Dia do Folclore foi comemorada em João Pessoa, numa promoção da Secretaria de Divulgação e Turismo do Estado, em combinação com a Comissão Paraibana de Folclore, presidida pelo prof. Hugo Moura”. (RBF, v.10, nº 28, set/dez, 1970. p. 304).

Após 1970 não serão mais encontradas notícias acerca da Comissão Paraibana de

Folclore na Revista Brasileira de Folclore, muito embora Hugo Moura continue atuando como seu Secretário-Geral até 1978.

Verificamos que entre 1974 e 1977, haverá uma constante troca de correspondências entre ele e Braulio do Nascimento, então Diretor Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Será através das cartas trocadas entre ambos que perceberemos o quanto Hugo Moura continuou atuante tanto no movimento folclórico quanto na Universidade Federal da Paraíba e é neste período que verifica-se um maior aprofundamento destas relações.

Em 1974 Hugo Moura recebe cinco correspondências, dentre as quais estavam cartas de Manuel Diégues Júnior, agradecendo as felicitações enviadas; Beatriz Góis Dantas o convidando para dar aulas sobre o folclore da Paraíba no Curso de Folclore Nordestino, na programação do III Festival de Arte de São Cristóvão, promovido pela Universidade Federal de Sergipe e Ático Vilas-Boas da Mota, pede a Hugo que remeta publicações da Comissão Paraibana de Folclore para utilização nas aulas da cadeira de Folclore que estava ministrando na Universidade Federal de Goiás.

A primeira carta de Braulio do Nascimento enviada a Hugo Moura trata de três assuntos, o primeiro comunica o recebimento do cargo de Diretor Executivo da Campanha de Renato Almeida; o segundo, das mudanças de endereço da Campanha e de reformas das instalações, e por último, mais não menos importante, trata da cooperação entre a Comissão Paraibana de Folclore e a Campanha. Na segunda carta, Braulio do Nascimento pede a Hugo Moura que entre em contato com o Ministro da Educação para reconsiderar o ato de extinção da Revista Brasileira do Folclore; em anexo à carta segue cópia do D.O.U. com a publicação do decreto em tela. O que chama a atenção nesta correspondência é a urgência da questão tratada e o modo como a missiva foi escrita. Entre os detalhes peculiares percebidos destacamos o caráter pessoal e não institucional da carta enviada por Braulio do Nascimento a Hugo Moura. Ela não é um ofício, nem circular, nem comunicado oficial da Campanha. O primeiro fator que consideramos para pensar isso é que Braulio do Nascimento a assina sem a identificação funcional; segundo, não aparece o brasão da república constante de outras cartas, muito embora o papel encontre-se o timbre do "serviço público federal". Ele dispensa a formalidade das correspondências oficiais e termina a carta dizendo "um forte abraço" e a assina logo abaixo sem que o seu nome e o da função ocupada por ele esteja designado.

A partir de 1975 notamos que Hugo Moura desejava dar continuidade à pesquisa

realizada para elaboração do Mapa Folclórico da Paraíba. Para que esta ideia fosse levada a efeito, ele começa a mobilizar as instâncias administrativas da Universidade e da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, órgão responsável pela proteção do folclore nacional para que tal empreendimento fosse realizado.

Hugo Moura encontra uma boa acolhida para a sua proposta de Levantamento do Folclore da Paraíba em Bráulio do Nascimento. Na carta do dia 17 de março de 1975, ele declara que a Campanha tem interesse em participar e pede que o Plano de Pesquisa seja remetido ao prof. Manuel Diégues Júnior para análise. Um mês após o envio desta carta, Bráulio do Nascimento, reafirma a disponibilidade da Campanha em colaborar neste levantamento e dá prosseguimento aos entendimentos para que um convênio entre o Instituto Nacional de Cinema seja celebrado, possibilitando a realização de filmagem, gravação e fotografia desta pesquisa. Ainda neste mesmo ano Hugo Moura remete o Plano de Pesquisa ao Diretor Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.

No âmbito da Universidade, em 1976, Hugo Moura entra com pedido de progressão funcional para RETIDE. A Certidão nº 176/DFH/76 aprova o pleito, e na justificativa que embasa o pedido de ascensão funcional, é apresentada a realização da pesquisa para o Levantamento do Folclore Paraibano. Além da mudança funcional, Hugo Moura conseguirá em janeiro de 1977, de acordo com o Ofício COEX/OF/Nº 15/77, parecer favorável para ficar a disposição da Coordenadoria de Extensão da UFPB para realização desta pesquisa, que conforme o mesmo ofício, já vinha sendo realizada desde dezembro de 1976. Logo abaixo reproduzo o Plano de Pesquisa elaborado por Hugo Moura que fora submetido a Campanha e à administração da universidade.

PLANO DE PESQUISA PARA LEVANTAMENTO DO FOLCLORE DA PARAÍBA

OBJETIVO – A pesquisa visa o levantamento do Folclore da Paraíba, não apenas os folguedos populares e as danças, como a literatura oral, artesanato e arte popular, superstições, costumes etc.

Impõe-se tal pesquisa face a deturpação do nosso folclore, por motivos de ordem diversas, é preocupação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro a preservação do folclore em sua expressão mais legítima, daí a necessidade da pesquisa ora proposta. Ela possibilitará a atualização do MAPA FOLCLÓRICO DA PARAÍBA (elaborado em 1969 com dados obtidos através das respostas dadas no questionário enviado aos Agentes Municipais de Estatística, a remessa e recebimento dos mesmos ficou a cargo da Fundação IBGE), bem como a ampliação e correção das possíveis omissões do “CALENDÁRIO DAS FESTAS TRADICIONAIS DA PARAÍBA”.

Teremos assim um estudo do folclore dinâmico, o que é imperativo, face a mobilidade dos grupos sociais a serem estudados.

Ter-se-á ainda, a possibilidade de publicar o “GUIA FOLCLÓRICO DA PARAÍBA”, além de trabalhos de natureza monográfica seja referentes à uma determinada área do Estado ou município ou a temas específicos: literatura oral, grupos folclóricos, arte popular, artesanato etc.

CAMPO DA PESQUISA – O Estado da Paraíba. Aqui cabe 2 (duas) opções: a primeira por áreas culturais segundo a distribuição do “MAPA FOLCLÓRICO DA PARAÍBA”, ou se seguindo o critério cronológico que pode ser baseado no “CALENDÁRIO DAS FESTAS TRADICIONAIS”, anexo.

Não se terá necessariamente, se adotando seja a primeira ou a segunda opção, de pesquisar todos os 171 municípios do Estado (principalmente para a documentação dos folguedos populares ou danças e música), pois grupos de uma cidade se exibem em diversas outras. O importante é a completa descrição do fato folclórico, atingindo todos os seus aspectos tais como origens, difusão (o que já está praticamente fixado no MAPA FOLCLÓRICO) e, conforme o caso, a caracterização da coreografia, trajes, acessórios, instrumentos musicais, textos musicais, linha temática, linguagem, etc. Etc.

RECURSOS HUMANOS – Além do coordenador de pesquisa, é necessário o pessoal discriminado no quadro I.

Observação: Os auxiliares de pesquisa serão escolhidos através de entrevista e seleção dos candidatos, preferentemente pessoas com experiência anterior.

RECURSOS MATERIAIS – Vide quadro I, anexo.

ÓRGÃOS DA UFPB QUE EVENTUALMENTE SERÃO SOLICITADOS A COLABORAR COM A PESQUISA

A pesquisa, de acordo com entendimento mantido com a Reitoria da UFPB, poderá contar com a colaboração do Laboratório Fotográfico, Museu da Imagem e do Som, Coex (setores de Artes plásticas e música) e Departamento de Vernáculo do CCHLA (quando se

tratar de estudos que se referirem à literatura oral).

TEMPO DE DURAÇÃO - 12 meses prorrogáveis.

RELATÓRIOS PARCIAIS: 3 meses a contar da data de início do trabalho de campo será apresentado o primeiro relatório parcial, ao qual se seguirão outros de iguais prazos.

ANEXOS : 1 - Quadros I, II, III, IV;

2 - CALENDÁRIO DAS FESTAS TRADICIONAIS DA PARAÍBA

3 - MAPA FOLCLÓRICO DA PARAÍBA

4 - BIBLIOGRAFIA DO FOLCLORE PARAIBANO

João Pessoa, 2 de maio de 1975

FRANCISCO HUGO ALMEIDA DE LIMA E MOURA

Pode-se constatar que este Plano de Pesquisa para o Levantamento do Folclore da Paraíba é mais um elemento que compõe mediação promovida por Hugo Moura entre a Universidade Federal da Paraíba e o Movimento Folclórico Brasileiro. Ao citar a preocupação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro com a preservação do folclore nacional fica claro qual orientação tal pesquisa deveria seguir. Ao consultar os anexos do Plano de pesquisa é possível notar que a colaboração entre Universidade e a Campanha não se restringiu apenas a orientação da pesquisa, mas se deu no plano institucional. A informação de “convênio” entre estas duas instituições parece selar tal articulação.

4. Mapeando uma perspectiva etnográfica nos trabalhos de Hugo Moura

A produção bibliográfica de Hugo Moura pode ser considerada modesta se comparada à dos folcloristas brasileiros que foram seus contemporâneos. Para ficarmos num exemplo já citado anteriormente, Altamar Pimentel publicou quatorze livros entre os anos de 1968 a 1998. De acordo com as informações obtidas em conversas com os familiares de Hugo Moura e pela pesquisa que realizei nas bibliotecas e arquivos em João Pessoa, não verifiquei livro ou obra sua de maior “fôlego” que tenha sido publicada acerca do folclore paraibano ou de qualquer outro assunto pertinente as suas atividades enquanto professor de História. A despeito desta situação, observamos no decorrer dos anos de 1959 a 1977 a publicação de sete artigos, seis dos quais abordando diferentes temas do folclore paraibano.

Os textos aqui cotejados foram encontrados quase todos em publicações locais. A *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano* (IHGP) publicou três artigos. “O que vendem os ervatários das feiras de João Pessoa” (1961), “Bibliografia do folclore paraibano” (1964) e “Alimentação e linguagem popular” (1970).

No segundo volume da *Revista da Faculdade de Filosofia da Paraíba* consta “Contribuição ao estudo do linguajar paraibano” (1964). Na revista *Paraíba Ontem Hoje*, de 1975, verifiquei o texto “Folclore Paraibano” que pode ser lido como uma propaganda turística do Estado. A *Série Folclore 40-42*, do Centro de Estudos Folclóricos do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais de Pernambuco, publica o “Vocabulário folclórico do fumo” em 1977. Apenas o texto homônimo ao Mapa Folclórico da Paraíba teve sua divulgação em âmbito nacional na *Revista Brasileira de Folclore*, de 1969.

Além destes artigos, na pasta da Comissão Paraibana de Folclore foi encontrado o “Calendário das Festas Tradicionais da Paraíba”. Nele está registrado minuciosamente o nome de cada município, os padroeiros homenageados e a data em que ocorrem as festividades. Não constam registros de sua publicação.

Artigos e documento produzidos por Hugo Moura		
Ano	Obra	Local de publicação
1961	O que vendem os ervatários das feiras de João Pessoa (<i>artigo</i>)	Revista do IHGP
1964	Bibliografia do folclore paraibano (<i>artigo</i>)	Revista do IHGP
1964	Contribuição ao estudo do linguajar paraibano (<i>artigo</i>)	Revista da Faculdade de Filosofia da Paraíba
1969	Mapa Folclórico da Paraíba (<i>artigo</i>)	Revista Brasileira de Folclore
1970	Alimentação e linguagem popular (<i>artigo</i>)	Revista do IHGP
1975	Folclore paraibano (<i>artigo</i>)	Revista Paraíba Ontem Hoje
1977	Vocabulário folclórico do fumo (<i>artigo</i>)	Série Folclore 40-42 (Instituto Joaquim Nabuco)
----	Calendário das Festas Tradicionais da Paraíba (<i>documento</i>)	Não consta registro de publicação.

“Bibliografia do folclore paraibano”, “Vocabulário folclórico do Fumo”, “Alimentação e linguagem popular” guardam algumas semelhanças. A partir da leitura notamos que estes constituem-se em revisões da literatura existente enquanto “Contribuição ao estudo do linguajar Paraibano” e “O que vendem os ervatários das feiras de João Pessoa” trazem como diferencial a realização de pesquisa de campo. Ao analisar estes dois últimos textos percebemos que Hugo Moura adota uma perspectiva etnográfica.

A descrição de sua trajetória no capítulo anterior assegura que ele não foi antropólogo nem teve formação especializada nesta área de estudos. Luiz de Castro Faria assegura-nos que até meados da década de 1950 havia mais disciplinas relativas às áreas de etnografia e etnologia no curso de Geografia e História do que propriamente nos cursos de Ciências Sociais. Mesmo considerando que Hugo Moura tenha se graduado em Geografia e História no início da década de 1950, quando a formação neste curso permitia saber mais de antropologia do que os próprios cientistas sociais, ainda assim, não podemos considerar que ele tenha tido uma formação nesta área⁶¹. Foi somente com o surgimento da pós-graduação na década de 1960 que uma formação mais sólida e especializada foi proporcionada àqueles que desejavam ser antropólogos. Atividades didáticas de Hugo Moura indicam-nos que as disciplinas

61 CASTRO FARIA, Luiz. **Antropologia. Espetáculo e Excelência**. Rio de Janeiro. EDFURJ, Tempo Brasileiro, 1993.

ministradas por ele estavam mais vinculadas ao campo da história e não da antropologia⁶². Na sua pasta funcional foi encontrado um programa da disciplina folclore. Ela foi elaborada para ser ministrada aos estudantes dos cursos de Pedagogia e Biblioteconomia e de Geografia e História. Não posso afirmar se Hugo ministrou esta disciplina pois não encontrei nenhum outro documento que indique se a disciplina foi ministrada. Na entrevista dada pelo professor Iveraldo Lucena ele relata que Hugo Moura assumiu, não sabendo determinar em que momento, a disciplina de Antropologia Cultural que consta do fluxograma do curso de História da UFPB, no período em que foi professor. Deste modo, do conjunto das disciplinas ministradas por ele a que mais se aproxima de uma temática antropológica, além desta é a de folclore.

Não sei se exagero ao recorrer à ideia de Mariza Peirano (1992, p. 25) de que Hugo Moura tenha “feito uma antropologia sem querer”⁶³, como bem apontou nos casos de Florestan Fernandes e Antônio Cândido. Porém, considero razoável que sua produção, em alguns momentos de modo mais explícito e em outros nem tanto, tenha sido “contaminada” por uma abordagem antropológica.

Não observei a citação nem a referência a autores pertencentes ao campo da antropologia. Mas é nas entrelinhas, ao mencionar os limitados procedimentos de pesquisa, que tal perspectiva se deixa revelar.

Mais a frente retomarei esta reflexão. Por hora, passo a apresentar de maneira sucinta cada um dos textos já elencados. Não obedeco a ordem cronológica em que foram publicados e que constam no quadro acima. Para uma melhor organização, apresento primeiro os textos em que a perspectiva etnográfica é pouco ou quase inexistente, em seguida analiso três das treze fotografias que compõem o estudo sobre o vocabulário do fumo e por último apresento dois textos onde percebo de modo mais claro uma perspectiva etnográfica nos procedimentos e abordagens empregadas pelo autor.

62 Encontrei uma lauda datilografada que corresponde ao programa de uma disciplina de folclore a ser ministrada por Hugo Moura na UFPB. Na entrevista concedida por Iveraldo Lucena, ele afirma que Hugo Moura lecionou a disciplina de Antropologia Cultural na graduação de História, de modo não regular. Mesmo tendo estas informações não é possível inferir sobre quais foram as suas vinculações com a antropologia.

63 PEIRANO, Mariza G. S. O pluralismo de Antônio Cândido. In: **Uma antropologia no plural: três experiências contemporâneas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992. p. 25-49.

4.1 “Bibliografia do Folclore Paraibano”

No texto “Bibliografia do folclore paraibano”⁶⁴, Hugo Moura apresenta uma listagem em que constam artigos de jornal, capítulos de livros e obras publicadas acerca do folclore paraibano até 1964. Ele relata que o acesso a este material se fez com enorme dificuldade. “A quase completa indiferença com que têm sido recebidas estas obras contribuiu para o seu quase esquecimento, e, hoje, difícil é consegui-las: poucos têm notícia de sua existência.”⁶⁵. A despeito dos obstáculos mencionados, Hugo Moura reuniu mais de 70 ocorrências que retratam costumes, hábitos e manifestações culturais populares da Paraíba.

Entre os autores citados vale a pena mencionar: Rodrigues de Carvalho e seu “Cancioneiro do Norte”, obra de referência que teve a primeira edição publicada em 1903. Um pouco antes de Rodrigues de Carvalho, Irineu Jofly publica “Caturité” no *Almanack do Estado da Paraíba*, em 1898. E por último, mas não menos importante, Ademar Vidal publica uma série de crônicas em jornais paraibanos a partir de 1938. Vale ressaltar que este será um dos anfitriões de Mário de Andrade em 1929⁶⁶ e da Missão de Pesquisas Folclóricas em 1938, na Paraíba.

Num excerto da curta introdução à listagem bibliográfica, Hugo Moura esclarece a motivação para que tais obras fossem coligidas.

A necessidade de consultar alguns dos trabalhos referidos levou-nos a organizar o presente trabalho, que não pretende ser completo, visto que dispusemos apenas das coleções da biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e com a boa vontade de alguns estudiosos como Deusdedit Leitão e F. Vidal Filho que nos prestaram valiosas informações.⁶⁷

Antes de encerrar a pequena introdução e listar autores e respectivas obras, Hugo Moura faz a seguinte queixa: “É interessante observar que estudiosos nacionais de renome como Câmara Cascudo e Basílio de Magalhães citam autores e obras folclóricas paraibanas, praticamente desconhecidas entre nós.” (LIMA E MOURA. 1964, p. 34). Como veremos mais adiante, além desta queixa em relação à produção bibliográfica paraibana sobre o folclore, uma outra mais será feita.

64 LIMA E MOURA, Francisco Hugo Almeida de. Bibliografia do folclore paraibano. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**. v. 15, João Pessoa, 1964.

65 LIMA E MOURA, op. cit., p. 34.

66 Cf. ANDRADE, Mário. **O turista aprendiz**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002. p. 273.

67 LIMA E MOURA, 1964, op. cit., p. 34.

4.2 “Alimentação e linguagem popular”

Publicado em 1970, “Alimentação e linguagem popular”⁶⁸ tem a mesma estrutura encontrada no texto exposto acima. Antes da discriminação dos verbetes há uma curta revisão da bibliografia pertinente ao tema. Um pequeno roteiro histórico é traçado por Hugo Moura ressaltando a contribuição de missionários, viajantes e cronistas que descreveram como “a alimentação e a culinária tem sido objeto de observação e estudo desde o primeiro século da colonização”⁶⁹.

Além destes, outros autores e obras serão arrolados. “História da Alimentação no Brasil” de Luís da Câmara Cascudo e “Dicionário de termos populares e gíria na Paraíba”, de Leon Clerot. “A bagaceira” de José Américo de Almeida e “Barracão” de Coriolano de Medeiros “elucidam vários termos de linguagem popular atinentes à alimentação. Não devemos esquecer a contribuição trazida pelos romances regionalistas, principalmente os de José Lins do Rêgo”. (LIMA e MOURA, 1970, p. 55).

Mais uma vez, ao focar a Paraíba como local desta produção, Hugo Moura observa que além da bibliografia paraibana ser diminuta, o interesse dos intelectuais pelos temas folclóricos é quase inexistente se comparada a outros Estados brasileiros.

Aqui não surgiram um Manuel Querino e uma Hildegardes Viana, como na Bahia; um Gilberto Freyre, com “Açúcar”; uma Jamile Japur em São Paulo, Bariani Ortêncio em Goiás; no Ceará Mozart Soriano Aderaldo; isto sem palavras de A. Y. Sampaio, e o mestre Luís da Câmara Cascudo, que além de sua preciosa “História da Alimentação no Brasil” é autor de vários ensaios sobre alimentação e culinária.⁷⁰

Diante deste quadro de “penúria”, ele nos alerta modestamente: “‘Alimentação e Linguagem Popular’ não pretende suprir a aludida pobreza bibliográfica; apenas visa informar o vasto campo que se afigura a nossa frente”.⁷¹

68 LIMA E MOURA, Francisco Hugo Almeida de. Alimentação e linguagem popular. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**. n. 17, João Pessoa, 1970.

69 op. cit., p. 54.

70 op. cit., p. 54.

71 op. cit., p. 55

4.3 “Folclore Paraibano”

A revista *Paraíba Ontem Hoje*, ao que me consta, só publicou um único número. Neste encontramos “Folclore Paraibano”⁷² que representa um resumo de todos os trabalhos publicados por Hugo Moura até 1975.

Em pouco mais de duas páginas, Hugo Moura discorre sobre algumas manifestações do folclore paraibano. A descrição feita por ele permite que o leitor “viaje” do litoral ao sertão paraibano sendo conduzido por entre festas tradicionais, folgedos, artesanato, hábitos e costumes popular pertinentes ao folclore do Estado. Este é um texto nitidamente turístico-midiático, sobretudo porque percebemos que a narrativa é dirigida a um leitor externo.



72 LIMA E MOURA, Francisco Hugo Almeida de. Folclore paraibano. *Revista Paraíba Ontem Hoje*. 1.ed. PROCOL – Propaganda e Comunicação. João Pessoa, 1975. p. 26-27.

Folclore Paraibano

Vamos ver o folclore da Paraíba. Vocês vão ver, começando daqui do Litoral, um coco, e como é bom ver um coco. Vocês vão ver uma ciranda. A Ciranda não é somente bom de ver. É participar dela. É dar-nos as mãos e dançarmos mesmo sem sabermos.

Podemos também ver um boi-de-reis. Ouvir aquela música, e, principalmente, os versos. O sentido de um boi-de-reis ou bumba-meu-boi com[o] queiramos chamar, é imenso. É toda uma fase da vida, não somente do nordeste do Brasil. Aquilo que alguém chamou o "ciclo do couro". Agora, se quiserem, aqui também em João Pessoa, podem ver os caboclinhos ou como preferimos chamar "tribos de índios", que aparecem no carnaval.

Aguardem a época junina e venham ver uma quadrilha. Não quadrilha de salão, mas a que vemos nos bairros pobres, onde quem está dançando quadrilha está vivendo. E, é, muito importante se ter um momento para viver.

Não usaremos a expressão "festas cíclicas" nem coisas que tais. Estamos percorrendo o folclore da Paraíba.

E aqui ainda tem as meninas que dançam lapinha. Talvez vocês não saibam. São as garotas que cantam e dançam diante de um presépio. E tem também o pastoril. Não é dançado por garotas. É dançado num tablado, as pastoras são "mulheres da vida" perdoem o termo que é chocante (ou é doloroso?)[.] Mas a vida, todo mundo tem direito a ela. Vejam, também, uma nau catarineta, preferimos chamar barca. Vocês verão homens sérios: 50, 60 anos, até 70 ou 80, vestidos de marinheiros representando um folguedo de 200, 300, 400 anos...

Venham, também, ver um reisado no sertão, uma argolinha, que em outras partes se chama carvalhada. Venham ver uma cambinda. É sugestão, vocês aceitam se quiserem. Procurem não ouvir uma excelência (incelência), é triste demais.

Ouçam um aboio, também os violeiros, os cantadores, os "aedos bárbaros dos sertões do nordeste".

A poesia dos cantadores é uma crônica, mas crônica mesmo, no sentido verdadeiro da palavra, que retrata a vida social e tudo mais.

Observem a literatura de cordel, leiam Pedro Malazarte, a Donzela Teodora, obras primas da literatura de cordel que empolgam a todos e porque não dizer, fazem inveja.

Sertão não é apenas a vaquejada. É o espontão: uma dança de bastões, reminiscência de danças medievais. Vejam, também, um pau-de-sebo. Ele está em todos os lugares nas tardes de domingo. Mas se vocês preferem a arte popular, o artesanato, mostraremos.

Comecemos novamente pelo litoral, pelas praias. Em Cabedelo, se vocês disserem "Olê muié rendeira", as ruas da cidade se enchem. São rendeiras de 90 anos, são rendeiras de 9 anos. Almofada num tamburete ou no chão. Elas estão sempre dispostas a conversar. Dizer o nome das rendas. Dizem-lhe que se enche a almofada com folhas de bananeiras., (sic) que um bilro pode ser feito em torno ou pode ser feito à mão ou, ainda, a cabeça é de um coco de macaíba. Dizem que aqui não se usam mais espinhos de mandacaru, para segurar as rendas, etc.

Se gostaram das rendeiras poderão encontrá-las, também em Salgado de São Félix e mais trinta cidades da Paraíba. Se tiverem um jeitinho de pedir, elas lhe ensinarão a fazer renda.

Voltemos a Cabedelo! Vejam as esculturas feitas em casca de coco seco. Daí, Continuem pela (sic) anel do Brejo e vão até Lagoa Seca. Observem a beleza das imagens e tipos da Maria Paulina. Prossigamos em frente. Contemplem a cerâmica de São Mamede.

Adentremo-nos pelo sertão. Observem os trabalhos de couro de Patos. Se gostaram, comprem um chapéu de couro. Porém, se vocês não gostam de couro, comprem um chapéu de palha em Serrinha aqui no litoral. Como vocês

não podem ver tudo digo apenas que entre outras coisas falta ver o labirinto de Juarez Távora.

Vocês que tiveram paciência para acompanhar-nos nessa rápida visão do folclore da Paraíba, não deixem de ouvir uma banda de pífaros.

Vocês que estiveram conosco sabem que não se pode falar a rigor de uma cozinha paraibana, no Brasil existem somente três cozinhas: a amazônica de influência nitidamente indígena, a baiana de influência marcadamente africana e a gaúcha mais européia.

Mas não saiam daqui sem comer uma “carne de sol” com feijão verde e manteiga da terra, uma buchada, um cuscus, um munguzá, uma coalhada adoçada com rapadura, um chouriço, não o português, tipo especial de linguiça, mas o feito de sangue coalhado de porco, fortemente temperado, enlatado e colocado para “dormir e apurar”, o que dá um delicioso saber (sic) acre-doce; uma “galinha de cabidela”, um picado, não é aconselhável tudo num dia..., mas venham ver o folclore da Paraíba.

Transcrição do artigo “Folclore Paraibano” publicado na revista *Paraíba Ontem Hoje* em 1975.

Na descrição acima, embora ele não faça nenhuma citação direta, é perceptível a utilização das informações contidas no “Mapa Folclórico da Paraíba” de 1969. Outro ponto merecedor de destaque é a utilização das classificações e dos nomes atribuídos pelos que fazem os folguedos e brincadeiras populares. Ao se referir a “tribo de índios” e “caboclinhos”, “barca” e “nau catarineta”, notamos o cuidado em deixar claro que há diferentes denominações para manifestações semelhantes. Do mesmo modo, ao apresentar o artesanato de rendas, há a preocupação em captar a descrição de quem faz tal trabalho. Assim, ele não só respeita quem produz tais produtos, como observa as mudanças ocorridas em decorrência das adaptações necessárias para que a prática continue existindo.

4.4 “Vocabulário folclórico do fumo”

“Vocabulário folclórico do fumo”⁷³, publicado em 1977, na *Série Folclore 40-42*, do Centro de Estudos Folclóricos Mario Souto Maior, se assemelha num aspecto e difere em outro dos textos já apresentados. As semelhanças ficam por conta da presença da listagem de verbetes. Por outro lado, uma diferença quanto à estrutura é revelada pela falta da introdução apresentando os procedimentos utilizados no levantamento bibliográfico para feitura do texto.

Esta falta de indicações na elaboração do texto contrasta com as informações que podem ser apreendidas nas legendas e nas imagens de treze fotografias constantes nos acervos da Biblioteca Amadeu Amaral no Rio de Janeiro. Sob o título “Vocabulário do fumo”, estes

73 LIMA E MOURA, F. H. A. Vocabulário folclórico do fumo. In: *Série Folclore 40-42*. Recife, Centro de Estudos Folclóricos Mario Souto Maior. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. 1977.

registros fotográficos retratam três momentos distintos: fabricação, venda e consumo do fumo.



FA 233, Foto 1 – Homem enrolando fumo na bancada.

Solânea – PB

MOURA, Hugo. **Vocabulário do fumo.** [Imagem parada] foto de Hugo Moura.

P&B; 17,5 x 11,5cm – Tamanho Original⁷⁴



FA 237 – Secando o fumo, cortado para fabricação dos cigarros, feira do fumo.

Campina Grande – PB

MOURA, Hugo. **Vocabulário do fumo.** [Imagem parada] foto de Hugo Moura.

P&B; 17,5 x 11,5cm – Tamanho Original⁷⁵

⁷⁴ Imagem cedida pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular do Rio de Janeiro.

⁷⁵ Imagem cedida pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular do Rio de Janeiro.



FA 239, Foto 2 – homem fazendo cigarro;
Solânea – PB

MOURA, Hugo. **Vocabulário do fumo**. [Imagem parada] foto de Hugo Moura.
P&B; 17,5 x 11,5cm – Tamanho Original⁷⁶

Ao observar as imagens acima referidas e sobretudo as informações técnicas contidas nas fotografias, notamos que Hugo Moura viajou até as feiras dos municípios de Solânea e Campina Grande para registrar tal processo. De posse do texto e das imagens não consigo inferir se estes foram realizados num contexto de pesquisa mais amplo ou se atendiam apenas à elaboração do “Vocabulário folclórico do fumo”. O conjunto das fotografias, no entanto, nos indicam uma preocupação com o registro de todo o processo que gira em torno do produto. As captações deixam claro os diversos momentos sociais que estruturam-se ao redor do fumo: produção, venda e consumo.

Infelizmente não encontrei cadernos de campo, fichas ou quaisquer outros indícios deixados por Hugo Moura demonstrando como tais fotografias foram feitas. Complementando estas dificuldades não constam datas de realização de tal trabalho, impedindo uma reconstrução das articulação entre os registros imagéticos e o texto pertinente ao assunto.

A partir de agora dedico-me à apresentação da “perspectiva etnográfica” que venho inferindo no trabalho de Hugo Moura.

⁷⁶ Imagem cedida pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular do Rio de Janeiro.

4.5 “Contribuição ao estudo do linguajar paraibano”

Nos primeiros parágrafos de “Contribuição ao estudo do linguajar paraibano”⁷⁷ os modos em que a pesquisa foi empreendida são assim descritos:

Colhemos no convívio diário com o povo várias expressões e termos populares, que podem ser classificados como de “uso geral”, bem que algumas destas expressões predominam entre estudantes, motoristas e soldados, etc.

Registramos tanto os termos familiares como o chulo e o calão; aqueles que são usados nos salões, como aqueles que são usados nas “pontas de rua”, por pessoas da base da pirâmide social.⁷⁸

Reconhecemos de antemão os colaboradores e o modo como tal trabalho foi feito. Podemos questionar os procedimentos, pois não temos um grupo delimitado de pessoas ou uma cultura a ser observada como numa monografia antropológica. Mais adiante encontramos uma descrição um pouco mais detalhada da metodologia empregada.

O campo de nossa pesquisa foi a cidade de João Pessoa – raras são as palavras colhidas noutras áreas da Paraíba o que não significa que só nesta cidade se empreguem as locuções registradas. Nossa preocupação foi fazer um **documentário**. Nossa fonte foi o povo. Colhemos nosso material nas conversas diárias ou anotando os “retalhos” de conversas de cobradores de ônibus, vendedores de feiras, etc.⁷⁹ (grifos nossos).

Ao fazer um “documentário” das expressões populares ele “prefere” “a certidão de nascimento autenticada pelo povo” ao “colorido da erudição que nos dariam as citações literárias”.⁸⁰

Esta passagem faz-nos crer que a opção pelo povo atende aos objetivos do trabalho. No trecho a seguir, Hugo Moura demonstra estar atento às mudanças sociais que estão se processando na sociedade da qual faz parte. Ao afirmar que não fará uma “arqueologia” dos termos e expressões coletadas, ele se afasta das práticas atribuídas aos participantes do movimento folclórico pelos cientistas sociais.

77 LIMA e MOURA, Francisco Hugo de Almeida. Contribuição ao estudo do linguajar paraibano. In: **Revista da faculdade de filosofia da Paraíba**. João Pessoa. v. 2, nº 4, 1959-1964. p. 117-140.

78 LIMA e MOURA, op. cit., p. 117.

79 LIMA e MOURA, op. cit., p. 118.

80 LIMA e MOURA, op. cit., p. 118.

Não vamos, porém, **determinar a origem** das palavras e locuções coligidas, nem narrar sua história. Os meios de comunicação são, hoje em dia, tão variados e rápidos que se torna coisa muitas vezes difícil determinar se uma gíria paraibana nasceu em Pernambuco, ou se uma gíria pernambucana teve seu berço na Paraíba...⁸¹

Ao invés de lamentar a possibilidade de indeterminação das palavras e locuções, ele reconhece que há uma dinamicidade própria e inerente aos fenômenos sociais.

4.6 “O que vendem os ervatários das feiras de João Pessoa”

No texto “O que vendem os ervatários das feiras de João Pessoa”⁸², a perspectiva etnográfica fica melhor delineada, pois neste artigo os procedimentos de pesquisa são descritos com mais precisão.

Estas considerações são fruto da **observação direta**, levada a cabo nas feiras e mercados de João Pessoa, onde tivemos oportunidade de constatar a enorme variedade de raízes, folhas, frutos e sementes nos “bancos” dos ervatários e dos “mangaieiros”.

[...]

A curiosidade que nos levou inúmeras vezes às feiras e a **entrevistar** repetidamente diversos vendedores de ervas e raízes, alguns dos quais estão neste comércio a mais de 10 anos, nos compeliu a catalogar as espécies encontradas e **registrar** seu uso.

[...]

Tudo que apresentamos é o resultado da **pesquisa direta**. Estão registradas as plantas que encontramos nos “bancos” e algumas nos foram indicadas pelos “mangaieiros” e ervatários. Os informes sobre o uso e modo de preparar os remédios nos foram fornecidos pelos vendedores, raizeiros e outras pessoas conhecedoras do assunto, mas sempre através da transmissão oral.⁸³

4.7 Alguns pontos de contato entre o estudo do folclore e a antropologia nos trabalhos de Hugo Moura

Não é minha intenção fazer aqui uma exegese do que caracteriza o fazer antropológico e o diferencia de outras maneiras de conhecimento sobre determinados grupos e culturas. Mas julgo necessário esclarecer a quem estou me referindo quando digo que nos trabalhos

81 LIMA e MOURA, op. cit., p. 118.

82 LIMA e MOURA, Francisco Hugo de Almeida. O que vendem os ervatários das feiras de João Pessoa. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**. v. 14, João Pessoa, 1961.

83 LIMA e MOURA, op. cit., p. 45.

realizados por Hugo Moura é possível notar uma certa “perspectiva ou abordagem etnográfica”.

Na “consagrada” introdução dos “Argonautas do Pacífico Ocidental”, Malinowski (1976, p. 28) nos lembra que

O objetivo fundamental da **pesquisa etnográfica de campo** é, portanto, estabelecer o contorno firme e claro da constituição tribal e delinear as leis e os padrões de todos os fenômenos culturais, isolando-os de fatos irrelevantes. [...]. O etnógrafo de campo deve analisar com seriedade e moderação todos os fenômenos que caracterizam cada aspecto da cultura tribal sem privilegiar aqueles que lhe causam admiração ou estranheza em detrimento dos fatos comuns e rotineiros.⁸⁴ (grifos nossos).

A perspectiva inaugurada por Malinowski tornou-se “canônica” na formação de qualquer antropólogo ao redor do mundo. Longo período de imersão na comunidade a ser estudada e descrição detalhada do que via e ouvia são procedimentos para construir uma interpretação segura do que era observado. Este modelo de trabalho etnográfico se converteu num “roteiro padronizado” a ser seguido por todos os que ingressavam na antropologia, desde então até os nossos dias. Vale lembrar que outras formas de fazer etnografia já existiam antes de Malinowski e outras vieram a lume após o surgimento de seu trabalho. Não farei aqui uma reconstituição pormenorizada desta história, basta que os modelos de etnografia aqui expostos sirvam de apoio para a compreensão da “abordagem etnográfica” observada nos trabalhos de Hugo Moura.

Levi-Strauss (2008, p. 14), por sua vez, ao diferenciar a etnografia da etnologia, conceitua a primeira da seguinte maneira: “a etnografia consiste na observação e análise de grupos humanos tomados em sua especificidade (...), visando à restituição, tão fiel quanto possível, do modo de vida de cada um deles”.⁸⁵

Ao citar estes consagrados autores da antropologia, não supponho que as definições encontradas em ambos se verifiquem nos trabalhos de Hugo Moura, ao menos em formulações teóricas que dialoguem com uma bibliografia especializada. Na minha apreensão, estas noções estão presentes de um modo difuso e diluídas sobretudo nos procedimentos de pesquisa e nas descrições realizadas. Dito de modo mais direto, enxergo em

84 MALINOWSKI, Bronislaw. Tema, método e objetivo desta pesquisa. In: **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976. p. 21-38.

85 LEVI-STRAUSS, Claude. História e etnologia. In: **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 13-40.

alguns textos de Hugo Moura algumas características etnográficas elencadas pelos dois autores acima, a exemplo da descrição pormenorizada, como aponta Malinowski, e o olhar específico sobre uma dimensão do grupo, como sugere Levi-Strauss. Os estudos sobre folclore realizados por Hugo Moura não tinham a intenção de abarcar a totalidade de uma comunidade, mas sim um aspecto específico desta, como a alimentação, o fumo, o linguajar, etc. Para tal objetivo sua principal ferramenta era a descrição dessas dimensões da vida social, possível a partir de um exercício de observação, como verificamos nos textos “O que vendem os ervatários das feiras de João Pessoa” e “Contribuição ao estudo do linguajar paraibano”. Vale lembrar que Hugo Moura não escreveu uma monografia, dissertação ou livro que relatasse uma experiência de campo mais longa e desta forma fosse possível captar um tratamento mais aprofundado sobre seus procedimentos de pesquisa.

Inspiro-me na contribuição de Mariza Peirano (1992) quando ela diz, ao tratar da trajetória de Antônio Cândido, que, “felizmente, a visão de mundo da antropologia não é privilégio dos antropólogos” (PEIRANO, 1992, p. 25). Não quero com esta passagem equiparar nem sugerir que as trajetórias intelectuais de Antônio Cândido e Hugo Moura se assemelham. Nem que os poucos artigos publicados por Hugo Moura possam servir a uma comparação com a obra de Cândido. O que faço é tomar emprestado o modo como Peirano apreende a perspectiva antropológica apresentada na carreira e na obra do crítico literário analisada por ela. Esta ideia nos coloca a possibilidade de uma compreensão mais ampla da circulação dos saberes e práticas metodológicas da antropologia. Embora se configuram como instrumental específico de uma determinada disciplina, não são de seu uso exclusivo. É nesta chave de compreensão que situo a produção intelectual de Hugo Moura. Notadamente, a sua trajetória institucional é marcada por uma forte inserção no movimento folclórico e foi através das relações estabelecidas dentro e fora dele que a perspectiva etnográfica foi se configurando e pode ser compreendida. Deixo claro que não considero que o trabalho de Hugo Moura tenha sido antropológico, apenas percebo que estes “sinais” da prática antropológica permeiam as suas atividades de pesquisa com o folclore paraibano.

Notei ao longo dos textos, sobretudo se atentarmos para ordem cronológica de publicação que, ao passo que ele se compromete com o movimento folclórico e sua ação como Secretário-Geral da Comissão Paraibana de Folclore, a existência de elementos mais etnográficos em seu trabalho vão perdendo espaço e uma perspectiva mais técnica e menos descritiva vai se intensificando.

“O que vendem os ervatários das feiras de João Pessoa” e “Contribuição ao estudo do linguajar paraibano” foram apresentados anteriormente como exemplos em que a aludida abordagem etnográfica aparece com mais clareza. Curiosamente, estes são os dois primeiros trabalhos publicados por Hugo Moura. Por outro lado, ao se inteirar da literatura dos folcloristas esta visão etnográfica vai ficando menos evidente. Quero enfatizar o seguinte, se antes havia pelo menos alguns sinais de uma perspectiva antropológica, ao assumir as diretrizes do movimento folclórico aqueles tendem a desaparecer.

5. Considerações Finais

Ainda está por ser feito um trabalho que aborde com uma visão de conjunto a história dos estudos de folclore na Paraíba. Durante a pesquisa não achei artigo ou livro que me oferecesse um panorama deste campo na Paraíba. Sem dúvida, desde os tempos de Rodrigues de Carvalho o folclore daquele Estado vem sendo registrado, pesquisado e estudado por diferentes intelectuais. Certamente com a implantação da Universidade Federal da Paraíba em 1960 e o surgimento da Pós-Graduação muitas dissertações sobre brincadeiras, artesanato e folguedos populares foram escritas. Mas se quisermos achar algum trabalho que considere este campo de modo amplo e histórico, não acharemos. Os motivos para que esta lacuna se encontre aberta podem ser apenas sondados: o desinteresse dos pesquisadores pelo tema, as dificuldades que uma pesquisa como esta representa, ou mesmo o fato do folclore ainda hoje ser objeto de certo preconceito no âmbito acadêmico.

Em que pese a falta de um trabalho panorâmico sobre estes estudos na Paraíba, duas teses às quais pude ter acesso apontam para as contribuições de dois intelectuais que a pesquisa para o IPHAN em 2006 já indicava como contribuintes para este campo. As teses de Maria Nilza Barbosa Rosa tratando de Ademar Vidal e de Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira sobre Simão Leal, ambas defendidas no programa de Pós-graduação em Letras da UFPB, atestam que há um esforço para recuperar os trabalhos destes intelectuais atentando para a contribuição que deram para este campo na Paraíba⁸⁶. Assim não sou o primeiro a realizar um estudo sobre um intelectual que teve o folclore como objeto de preocupações neste Estado e certamente não serei o último. O trabalho que apresento, a partir da trajetória de Hugo Moura, coloca-se junto a este esforço mais amplo para que a história dos estudos de folclore na Paraíba possa ser compreendida.

Ao abordar a trajetória de Hugo Moura foi possível jogar luzes sobre uma parte deste campo de estudos e de sua história naquele Estado. Esta dissertação contribui na elucidação de um período em que o movimento folclórico brasileiro se estabeleceu na Paraíba.

O meu trabalho quis destacar o papel desempenhado por Hugo Moura sob dois aspectos. O primeiro ressalta o seu interesse pelo folclore paraibano como um tema a ser

⁸⁶ Notadamente o trabalho de Marira Nilza Barbosa Rosa é mais direcionado a apreender como o folclore foi objeto das preocupações de Ademar Vidal do que o trabalho de Bernardina em relação a Simeão Leal.

estudado. Certamente o folclore foi alvo de suas inquietações pelo menos desde 1951 quando esteve no I Congresso Brasileiro de Folclore, até seu falecimento. Quase toda a modesta produção bibliográfica de Hugo Moura é dedicada ao folclore, excetuando-se o artigo sobre “A Paraíba colonial na bibliografia holandesa”, todos os outros textos publicados e trabalhos desenvolvidos por ele, como a pesquisa sobre as áreas culturais da Paraíba no mestrado em sociologia da UFPE, que resultou no Mapa Folclórico da Paraíba (1969), e o Plano de levantamento do folclore paraibano de 1976, idealizado por ele, tem o folclore como tema. Se houve algum assunto central em sua trajetória intelectual e na sua atuação institucional, este foi o folclore. Deste modo, ação institucional e preocupações de pesquisa devem ser entendidos de modo articulado e complementar.

Uma outra questão que o meu trabalho quer problematizar diz respeito ao isolamento imprimido aos estudos e estudiosos do folclore no espaço universitário. Quando reconstitui o debate travado entre Florestan Fernandes e Edison Carneiro, quis enfatizar que a crítica empreendida pelo sociólogo da USP, tendo se tornado hegemônica no campo das ciências sociais e conseqüentemente no ambiente acadêmico, trouxe como consequência o afastamento de tais estudos neste espaço. Na prática isto significou o que Cavalcanti e Vilhena (1990) tão bem denominaram de “marginalização” dos estudos de folclore. Como a própria trajetória de Hugo Moura demonstrou, mesmo quando a relação entre o campo do folclore e da academia ocorre num ambiente de relativa harmonia, aquele nunca ocupou um espaço institucional como curso, departamento ou algo equivalente, ficando quase sempre sob a égide da extensão, das atividades culturais oferecidas pela Universidade à comunidade pessoense.

A partir da descrição da trajetória de Hugo Moura talvez fosse interessante considerar que esta situação de exclusão dos folcloristas aconteceu com mais evidência e intensidade onde os primeiros cursos de ciências sociais foram criados, como nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Sendo as primeiras graduações instaladas no Brasil, as ideias aí fomentadas espalharam-se convertendo-se em referência, como no caso da crítica feita por Florestan Fernandes. Porém, em outros locais, onde ainda não havia a formação de cientistas sociais, esta “força excludente” encontrada nestas instituições fosse um pouco menor.

Na descrição da trajetória de Hugo Moura ficou claro a articulação promovida por ele entre o campo do folclore e do espaço universitário na Paraíba. Como ficou demonstrado no capítulo 3, muitas atividades da Comissão Paraibana de Folclore e conseqüentemente do movimento folclórico na Paraíba aconteceram nas dependências da universidade. Isto não

significa que a “marginalização” dos estudos de folclore, já aludida, não tenha chegado na Paraíba, mas há como inferir, pelas atividades realizadas, neste período, que havia alguma tolerância em relação ao tema e seus “promotores”. Neste caso, não podemos deixar de considerar que Hugo Moura era professor e assim sua posição de membro integrante daquela instituição facilitou o caminho para que o movimento folclórico pudesse existir na academia.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Mário. **O turista aprendiz**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002. p. 273.

BECKER, Howard. S. A história de vida e o mosaico científico. In: **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. 4 ed. São Paulo: HUCITEC, 1999. p. 101-115.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. 3 ed. Campinas: Papirus, 1996.

CASTRO FARIA, Luiz. **Antropologia, Espetáculo e Excelência**. Rio de Janeiro. EDFURJ, Tempo Brasileiro, 1993.

CARNEIRO, Edison. **A dinâmica do folclore**. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

CARNEIRO, Edison. A evolução dos estudos de folclore no Brasil. In: **Revista Brasileira de Folclore**. v. 2, n. 3 e n. 4, 1962.

CAVALCANTI, M. L. & VILHENA, Luis Rodolfo. Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 3. n 5, 1990, p.75-92.

CAVALCANTI, Maria Laura. et. al. Os estudos de folclore no Brasil. In: **Seminário de Folclore e cultura popular: as várias faces de um debate**. 2 ed. Rio de Janeiro: FUNARTE/CNFCP, 2000. p. 101-112. (Série Encontros e Estudos 1).

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Por uma antropologia dos estudos de folclore**. O caso do Maranhão. in: Amazônia, desenvolvimento, meio ambiente e diversidade sociocultural. São Luís, MA: EDUFMA, 2009b. p. 199-218.

FEREIRA, Cláudia. Maria. Apresentação. In: **Seminário folclore e cultura popular: as várias faces de um debate**. 2 ed. Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP, 2000. p. 7. (Série Encontros e Estudos 1).

FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GUIMARÃES, Luiz Hugo. **História do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**. João Pessoa-PB: Editora Universitária, 1998. As informações obtidas encontram-se nas páginas 134-135; 150; 152-153; 160; 183; 185 e 208.

KOFES, Suely. **Uma trajetória em narrativas**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2001.

LEVI-STRAUSS, Claude. História e etnologia. In: **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 13-40.

LIMA e MOURA, Francisco Hugo de Almeida. O que vendem os ervatários das feiras de João Pessoa. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**. v. 14, João Pessoa, 1961.

LIMA e MOURA, Francisco Hugo de Almeida. Contribuição ao estudo do linguajar paraibano. **Revista da Faculdade de Filosofia da Paraíba**. v. 2, nº 4, João Pessoa, 1959/1964.

_____. Bibliografia do folclore paraibano. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**. v. 15, João Pessoa, 1964.

_____. Alimentação e linguagem popular. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**. n. 17, João Pessoa, 1970.

_____. Folclore paraibano. **Revista Paraíba Ontem Hoje**. 1.ed. PROCOL – Propaganda e Comunicação. João Pessoa, 1975.

_____. Vocabulário folclórico do fumo. In: **Série Folclore 40-42**. Recife, Centro de Estudos Folclóricos Mario Souto Maior. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. 1977.

_____. A Paraíba colonial na bibliografia holandesa. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**. n. 24, João Pessoa, 1986.

MALINOWSKI, Bronislaw. Tema, método e objetivo desta pesquisa. In: Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1976. p. 21-38.

OLIVEIRA, Bernardina. M. J. F. de. **José Simeão Leal**: escritos de uma trajetória. 2009. 241 f. Tese (Doutorado em Letras)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

OLIVEIRA, R. C. & RUBEN, G. R. **Estilos de Antropologia**. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

ORTIZ, Renato. **Românticos e folcloristas**. São Paulo: Olho d'Água, s/d.

PEIRANO, Mariza G. S. O pluralismo de Antônio Cândido. In: **Uma antropologia no plural**: três experiências contemporâneas. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992. p. 25-49.

_____. A legitimidade do folclore. In: **Seminário de Folclore e cultura popular**: as várias faces de um debate. 2 ed. Rio de Janeiro: FUNARTE/CNFCP, 2000.

ROSA, Maria N. B. **Usos, costumes e encantamentos**: a cultura popular na obra de Ademar Vidal. 2006. 338 f. Tese (Doutorado em Letras)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

RUBINO, Silvana. Clubes de pesquisadores: a Sociedade de Etnografia e Folclore e a

Sociedade de Sociologia. in: MICELI, Sérgio (org.) **História das Ciências Sociais no Brasil** (vol. 2). São Paulo: Editora Sumaré, 1995.

VELHO, Gilberto. Identidades nacionais e cultura popular: o diálogo entre antropologia e o folclore. In: _____ et. al. **Cultura material: identidades e processos sociais**. Rio de Janeiro: FUNARTE/CNFCP, 2000. (Série encontros e estudos 3). p. 7-12.

APÊNDICE A – Notícias sobre a Comissão Paraibana de Folclore e outras relacionadas ao folclore na Paraíba

APÊNDICE – A

Notícias sobre a Comissão Paraibana de Folclore, Hugo Moura e outras relacionadas ao folclore na Paraíba

 Notícia em que o nome ou o cargo de Hugo Moura é citado explicitamente

	Data	Assunto	Jornal/UF	Núm. Foto
1	25/03/1948	Noticia a nomeação de Francisco Vidal Filho como secretário geral da subcomissão Paraibana de Folclore. A carta enviado por Renato Almeida é reproduzida.	A União/PB	S/F
2	15/07/1948	“Comissão Nacional de Folclore”. Escolhido seu representante neste Estado, o jornalista José Leal. A notícia comunica a escolha do jornalista José Leal e publica a carta enviado por Renato Almeida nomeando-o para tal função.	A União/PB	S/F
3	28/04/1951	“Folclore e pesquisa”. O texto de Afonso Pereira trata da restauração da subcomissão paraibana de folclore. Trata também da carta de Renato Almeida que o designa para direção da Subcomissão.	O Norte/PB	S/F
4	25/08/1961	Lista de paraibanos que iriam figurar no Dicionário Biográfico “Who’s Who”. Aníbal Victor de Lima e Moura, pai de Hugo, consta como nome a ser contemplado na área de educação.	O Norte/PB	73
5	05/05/1951	Republica a Ata da primeira reunião da Comissão Paraibana de Folclore.	O Norte/PB	S/F
6	22/08/1951	Hugo participa do I Congresso Brasileiro de Folclore na condição de “Diversos Congressistas.”	???	S/F
7	23/08/1951	Arnaldo Tavares participa da mesa diretora do I Congresso de Folclore como 4º secretário.	Folha de Minas/MG	S/F
8	23/08/1951	Arnaldo Tavares participa da mesa diretora do I Congresso de Folclore como 4º secretário.	Jornal do Brasil/GB	S/F
9	23/08/1951	Arnaldo Tavares participa da mesa diretora do I Congresso de Folclore como 4º secretário.	Diário de Notícias/GB	S/F
10	25/08/1951	Acusa a chegada da delegação da Paraíba no I Congresso Brasileiro de Folclore	A Manhã/GB	S/F

11	26/08/1951	Tanto Leon Clerot como Arnaldo Tavares apresentam teses ao I Congresso Brasileiro de Folclore; “Três lendas do livro inédito: A botânica no Folclore do Brasil; Folclore médico rural – crendices populares sobre a boubá.	Diário de Notícias/GB	S/F
12	27/09/1953	O texto “crendices populares sobre as boubas”, de Arnaldo Tavares foi publicado na revista “Folclore” do Centro de Pesquisas Folclóricas Mario de Andrade e da Comissão Paulista de Folclore.	Diário de Notícias/GB	S/F
13	28/03/1956	Leon Clerot fala estado de abandono em que se encontra o folclore paraibano. Parece ser uma reportagem realizada logo após a sua designação como secretário geral da Comissão Paraibana. Fala ainda de importantes estudos sociológicos que poderiam ser realizados	A União/PB	S/F
14	03/04/1956	“Nova Estruturação, a comissão de Folclore” Os integrantes atuais – espera-se melhor rendimento. Em resumo a notícia trata da nomeação de Leon Clerot como novo secretário geral e da reestruturação, é a primeira vez que o nome de Hugo Moura aparece vinculado ao da CPF. Ele é citado como um dos membros componentes.	O Norte/PB	S/F
15	02/08/1957	Presença de Arnaldo Tavares no III Congresso Brasileiro de Folclore	???	S/F
16	01/01/1961	Hugo Moura publica “O que vendem os ervatários das feiras de João Pessoa”.	Revista do IHGP/PB	S/F
17	18/08/1963	Atividade da Comissão Paraibana de Folclore em comemoração ao Dia Mundial do Folclore (ação realizada no Departamento de Cultura da UP)	O Norte/PB	74
18	18/08/1963	Continuação da matéria 17 (foto 074)	O Norte/PB	75
19	20/08/1963	Convite à sociedade para a atividade da CPF em comemoração do Dia Mundial do Folclore	O Norte/PB	76
20	20/08/1963	Ângulo diferente da matéria 19 (foto 76)	O Norte/PB	77
21	20/08/1963	CPF inaugura exposição de arte popular com apoio do Departamento Cultural da UP	Correio/PB	98
22	22/08/1963	Notícia sobre as atividades da CPF em comemoração ao Dia Mundial do Folclore	O Norte/PB	78
23	22/08/1963	Continuação da matéria 22 (foto 78)	O Norte/PB	79
24	23/08/1963	Anúncio de palestra do Prof. José Pedro Nicodemos, membro do IHGJ, sobre José Bonifácio	O Norte/PB	81
25	25/08/1963	Nota sobre as atividades da CPF em comemoração ao Dia Mundial do Folclore. Lançado uma plaquete do prof. Hugo Moura acerca da bibliografia do folclore paraibano.	O Norte/PB	82

26	19/10/1963	Notícia sobre curso de Hildegardes Viana.	Correio/PB	99
27	1963-10-21	Notícia o sobre curso de folclore realizado por Hugo Moura na FAFI nos dias 21 a 31 de outubro de 1963.	O Norte/PB (RBF)	S/F
28	21/10/1963	Notícia sobre curso proferido por Hildegardes Viana	A União/PB	95
29	22/10/1963	Notícia sobre o curso proferido pela Professora Hildegardes Viana com apoio da CPF. Texto fala do reconheciemnto da professora Hildegardes ao trabalho desenvolvido por Hugo Noura a frente da CPF.	Correio/PB	100
30	23/10/1963	Notícia sobre curso de Hildegardes Viana. Texto fala do reconheciemnto da professora Hildegardes ao trabalho desenvolvido por Hugo Noura a frente da CPF.	O Norte/PB	83
31	30/10/1963	Campanha de defesa do Folclore será transformada em Instituto Brasileiro de Folclore	Correio/PB	102
32	30/10/1963	Close na parte superior da matéria 31 (foto 102)	Correio/PB	103
33	30/10/1963	Close na parte inferior da matéria 31 (foto 102)	Correio/PB	104
34	1964	Hugo Moura publica "Contribuição ao estudo do linguajar paraibano".	Revista da FAFI/PB	S/F
35	1964	Hugo Moura publica "Bibliografia do folclore paraibano".	Revista do IHGP/PB	S/F
36	02/03/1964	Entre outras notícias fala que o Secretário Geral realizou um curso de folclore na Universidade da Paraíba.	Jornal de Letras/ RJ	S/F
37	1965	"O Secretário-Geral profere palestra no dia do folclore".	Revista Brasileira de FolcLore	
38	16/06/1965	Notícia sobre concurso lançado pela Comissão Nacional de Folclore (com as regras do certame)	O Norte/PB	84
39	16/06/1965	Ângulo diferente da matéria 38 (foto 84)	O Norte/PB	85
40	16/06/1965	Ângulo diferente da matéria 38 (foto 84)	O Norte/PB	86
41	19 a 21/08/1965	Nota sobre apresentação de repentistas no SESC. Patrocínio do Departamento Cultural da UP e da CPF	A União/PB	107
42	26/08/1965	Governo cria Conselho Estadual de Cultura. O Departamento Cultural da UP tem assento, mas a CPF não consta explicitada na matéria.	A União/PB	110
43	26/08/1965	Close no texto da matéria 42 (foto 110)	A União/PB	111
44	10/09/1965	Quadro de associados do IHGP	A União/PB	108
45	10/09/1965	Continuação da matéria 44 (foto 108)	A União/PB	109
46	24/06/1966	Notícia sobre a condecoração de Hugo Moura com a medalha Sílvia Romero	A União/PB	93

47	1967	Discurso de Renato Almeida faz referencia a Hugo Moura na comemoração dos 20 de fundação da CNFL.	Revista Brasileira de Folclore	S/F
48	05 e 06/08/1967	Pesquisa do folclorista Sebastião Nunes Batista sobre poetas e violeiros populares. Pesquisa encomendada pela Secretaria Estadual de Educação e Cultura	A União/PB	119
49	16/07/1967	Notícia de curso sobre folclore que Hugo Moura ministrou juntamente com Altimar Pimentel em Campina Grande. (RBF, vol.7; n.18)	Jornal do Comércio/PE e RBF	S/F
50	17 a 19/08/1967	Governo do Estado convida autoridades e população para as comemorações do Centenário de Rodrigues de Carvalho	A União/PB	114
51	18/08/1967	Notícia sobre o Festival Rodrigues de Carvalho e, ao lado, notícia da CPF declarando solidariedade às homenagens prestadas a este folclorista.	O Norte/PB	87
52	18/08/1967	Matéria 51 (foto 087) com outra luz	O Norte/PB	88
53	18/08/1967	Close da notícia sobre o Festival Rodrigues de Carvalho	O Norte/PB	89
54	18/08/1967	Close da notícia sobre a solidariedade da CPF	O Norte/PB	90
55	19/08/1967	Início do Festival Rodrigues de Carvalho	A União/PB	112
56	19/08/1967	Programa sobre Folclore na rádio Tabajara em comemoração ao Dia Mundial do Folclore. Gravações de áudio apresentadas foram feitas por José Nilton.	A União/PB	113
57	19/08/1967	“Paraíba classificada em segundo lugar no Festival de fantoches” e notícia sobre a peça de Altimar Pimentel “O Auto da Cobiça”	A União/PB	115
58	19/08/1967	(continuação da notícia sobre a peça de Altimar - matéria 57, foto 115)	A União/PB	116
59	19/08/1967	“UFPb tem programa para a Semana de Caxias”. Hugo Moura profere palestra “Caxias e sua época” no dia 06 de setembro.	A União/PB	117
60	19/08/1967	(Close na matéria 59, foto 117)	A União/PB	118
61	19/08/1967	Programação do Festival Rodrigues de Carvalho	O Norte/PB	129
62	19/08/1967	Programação da Universidade Federal da Paraíba para a Semana de Caxias. Conferência de Hugo Moura sobre “Caxias e sua época” no dia 06 de setembro.	O Norte/PB	130
63	20/08/1967	Notícia sobre início do Festival Rodrigues de Carvalho	O Norte/PB	91
64	20/08/1967	Continuação da notícia 63 (foto 091)	O Norte/PB	92
65	20/08/1967	Programação da CPF para a Semana do Folclore, dentre outras atividades constam a posse da diretoria e do Conselho Técnico, e concurso de desenho para escolha do símbolo da Comissão. Notícia sobre carta do filho de Rodrigues de Carvalho enviada a Hugo Moura.	A União/PB	120

66	20/08/1967	(Close da matéria 65, foto 120)	A União/PB	121
67	20/08/1967	Programação do Festival Rodrigues de Carvalho	A União/PB	122
68	20/08/1967	(Continuação da matéria 67, foto 122)	A União/PB	123
69	22/08/1967	Programa “Encontro com a Cultura”, na rádio Tabajara, apresentará músicas folclóricas cujas gravações foram cedidas por José Nilton.	A União/PB	124
70	22/08/1967	(cont. da matéria 69, foto 124)	A União/PB	125
71	23/08/1967	Programação da Universidade Federal da Paraíba, com apoio da CPF, para a Semana de Caxias e o 7 de Setembro. Conferência do professor Hugo Moura sobre "Caxias e sua época" prevista para o dia 06 de setembro dentro das comemorações da Semana.	A União/PB	126
72	25/08/1967	Apresentação do Festival Rodrigues de Carvalho no programa de rádio “Encontro com a Cultura”. Participação de José Nilton	A União/PB	127
73	26/08/1967	Nota sobre reprise do programa “Encontro com a Cultura” a pedido do público	A União/PB	128
74	22/12/1967	Hugo Moura participa da identificação dos concorrentes ao “Prêmio Rodrigues de Carvalho”.	A Gazeta	S/F
75	08/06/1968	Publica um chamamento da CPF para um concurso de escolha do símbolo da comissão.	Diário de Pernambuco/PE	S/F
76	31/07/1968	“Sociedade Cultural de João Pessoa recebeu ‘Caderno do Folclore’”	A União/PB	131
77	31/07/1968	Prêmio Sílvio Romero	A União/PB	132
78	01/08/1968	“Estado e Universidade vão promover V Semana de Folclore da Paraíba”. O texto faz parecer que é a CPF que está a frente da organização da Semana.	A União/PB	133
79	04/08/1968	Mostra de Umbanda na capital paraibana	A União/PB	134
80	04/08/1968	(cont. da matéria 79, foto 134)	A União/PB	135
81	08/08/1968	Mostra de Umbanda. CPF apóia o evento.	A União/PB	136
82	18/08/1968	Comemoração da Semana do Folclore. A CPF, representada por Hugo Moura, e a Sociedade Cultural de João Pessoa, representada por José Nilton, organizam as comemorações.	A União/PB	137
83	18/08/1968	(close da matéria 82, foto 137)	A União/PB	138
84	18/08/1968	I Mostra de Umbanda da Paraíba (foto da página inteira do jornal)	A União/PB	139
85	18/08/1968	I Mostra de Umbanda da Paraíba (foto da foto do jornal)	A União/PB	140
86	18/08/1968	I Mostra de Umbanda da Paraíba (close na matéria)	A União/PB	141

87	1969	Publicação do Mapa Folclórico da Paraíba (RBF, nº 24); Hugo Moura ministra 3 aulas sobre folclore brasileiro num curso de Cultura Brasileira.	Revista Brasileira de Folclore	S/F
88	29/05/1969	“Nomeados novos membros do Conselho de Cultura”. Hugo Moura é um dos nomeados.	A União/PB	147
89	17/06/1969	Lançamento do livro de Leon Clerot	A União/PB	148
90	17/06/1969	(Close da matéria 89, foto 148)	A União/PB	149
91	01/07/1969	“Folclorista regressou de viagem de pesquisa”. (folclorista Coutinho Filho)	A União/PB	150
92	30/07/1969	“Folclorista vem fazer palestra em setembro” (folclorista Coutinho Filho). Ele veio a convite do Presidente do IHGP, Humberto Nóbrega.	A União/PB	152
93	08/08/1969	Dia do Folclore (reflexão sobre o folclore)	A União/PB	142
94	20/08/1969	Comemorações do Dia do Folclore promovidas pela Sociedade Cultural de João Pessoa. Transmissão pela rádio Arapuã com a colaboração de José Nilton, Jurandy Moura e Expedito Gomes	A União/PB	143
95	22/08/1969	Comemorações do Dia do Folclore promovidas pela Sociedade Cultural de João Pessoa. “A promoção preenche a lacuna deixada pela não realização da Semana do Folclore da Paraíba, que anteriormente era promovida por entidades oficiais ligadas ao folclore”	A União/PB	144
96	22/08/1969	(cont. da matéria 95, foto 144)	A União/PB	145
97	26/08/1969	“O Folclore no palco”. Texto crítico sobre obras teatrais baseadas nos contos folclóricos	A União/PB	146
98	1970	Hugo publica “Alimentação e linguagem popular” (Revista do IHGP, 17).	Revista do IHGP/PB	S/F
99	02/01/1970	Comemoração do dia do folclore (RBF, 28) .	Revista Brasileira de Folclore	S/F
100	09/01/1974	Estados indicam representantes para Festa do Folclore (VII Congresso Brasileiro de Folclore). Hugo Moura é o representante da Paraíba.	Diário de Brasília/DF	S/F
101	1975	Hugo publica “Folclore Paraibano”.	Revista Paraíba Ontem Hoje/PB	S/F
102	23/05/1975	“Natal reunirá folcloristas”. Hugo Moura promoverá palestras na III Festa do Folclore Nacional em Homenagem a Câmara Cascudo.	Diário de Natal/RN	S/F
103	1977	Hugo publica “Vocabulário folclórico do Fumo” Série folclore 40-42 do IJN ou FUNDAJ.	Série da Fundação Joaquim Nabuco/PE	S/F

APÊNDICE B – Correspondências Expedidas e Recebidas (1951-1978)

APÊNDICE – B

Correspondências Expedidas e Recebidas por Hugo Moura (1951 - 1978)

	Data	Assunto	Documento	Remetente	Síntese do documento
1	1951-08-14	Apresentação	Carta	Carmelita Pereira Gomes - Aux. Social Supervisora Interina do Serviço Social da Indústria	Esta carta é endereçada a Yvette Tunis de Virgiliis DD. Chefe do Serviço de Orientação Social e Assistência Técnica - Rio de Janeiro. Carmelita apresenta Hugo Moura como seu Auxiliar Social e interessado em fazer um "ligeiro estudo sobre folkc-lore" no Rio de Janeiro.
2	1968-10-23	Comunicado	Ofício	Rossini Tavares de Lima/ Conselho Estadual de Cultura - Comissão Estadual de Folclore e Artesanato Artístico	Comunica que está na recém criada Comissão de Folclore e Artesanato, do Conselho Estadual de Cultura, se coloca a disposição de H. M e espera receber notícias do "movimento folclórico" e de publicações.
3	1974-04-16	Felicitações	Carta	Manuel Diégues Júnior	Responde as felicitações recebidas de Hugo Moura.
4	1974-07-04	Convite	Carta	Beatriz Góis Dantas	Hugo Moura é convidado a dar aulas sobre o folclore da Paraíba no Curso de Folclore Nordestino, na programação do III Festival de Arte de São Cristóvão promovido pela Universidade Federal de Sergipe.
5	1974-07-22	Solicitação	Carta	Ático Vilas-Boas da Mota	Pede a Hugo Moura que envie publicações da Comissão Paraibana de Folclore para que ele as utilize nas aulas da cadeira de folclore na Universidade Federal de Goiás.
6	1974-10-19	Informações	Carta	Braulio do Nascimento - Diretor Executivo da CDFB	Fala que recebeu o cargo de Renato Almeida, das mudanças de prédio e reforma de instalações e da possível cooperação entre a CPF e a Campanha.

7	1974-12-12	Extinção da RBF	Carta	Braulio do Nascimento	Pede a Hugo Moura que entre em contato com o Ministro da Educação para reconsiderar o ato de extinção da Revista Brasileira do Folclore; em anexo segue a cópia do D.O.U. O que chama a atenção nesta carta é a urgência não só da questão tratada, mas da forma como ela foi escrita. Ela é pessoal, não é um ofício, nem circular, nem carta oficial. O primeiro fator para pensar isso é que ele assina sem identificação funcional, segundo, não aparece o brasão da república, muito embora o papel seja do "serviço público federal" como aparece no topo da folha, e dispensa a formalidade das correspondências oficiais, termina a carta dizendo "um forte abraço" e assina logo abaixo sem que seu nome esteja datilografado.
8	1975-01-21	Solicitação	Ofício	Hugo Moura	Pede ao Reitor os serviços de um fotógrafo para colher flagrantes de alimentos populares (doces de tabuleiro, caldo de cana, milho assado, cuscuz etc.).
9	1975-02-18	Solicitação	Ofício	Hugo Moura	Solicita ao Reitor da UFPB duas salas ou uma sala ampla para instalar a Comissão Paraibana de Folclore.
10	1975-03-10	Solicitação de Informações	Carta a Ford Foundation	Hugo Moura	Pedido de informações para pleito de uma bolsa para estudo do folclore da Paraíba.
11	1975-03-10	Informações	Carta	Hugo Moura	Está reorganizando a Comissão de Folclore com pessoas com experiência e de pesquisa de campo. Pedido de financiamento da Campanha para levantamento do folclore da Paraíba. Na mesma carta ele fala de sua dispensa da Universidade para pesquisa e da visita de Ruth Terra.

12	1975-03-17	Resposta a solicitação	Carta	Braulio do Nascimento	A Campanha declara o interesse em participar na feitura do Plano de Levantamento Folclórico da Paraíba que Hugo Moura pretende realizar. Pede que este plano seja remetido para que seja apresentado a Prof. Diégues. E parabeniza Hugo Moura pela reorganização da Comissão Paraibana de Folclore, aproveita e sonda Hugo Moura quanto a possibilidade de publicação de um Boletim.
13	1975-03-24	Solicitação	Carta	Mario Solto Maior	Pedido do Livro Religião do povo, publicado pela imprensa universitária. Se ressente da ausência de Hugo No instituto.
14	1975-04-11	Resposta a solicitação	Carta	José Lins	Resposta a solicitação de Hugo Moura de alguns livros. A carta vem do Rio de Janeiro. Com envelope institucional da Fundação Ataulpho de Paiva. Departamento de Vacinação.
15	1975-04-17	Resposta a solicitação	Carta	Braulio do Nascimento - Diretor Executivo da CDFB	Responde as Cartas de Hugo Moura dos dias 8 e 16 de abril; levanta a possibilidade de Hugo Moura ir ao Rio de Janeiro para acertar detalhes de um documentário do Instituto Nacional de Cinema; Encaminha Folhetos e Discos para distribuição num curso de folclore bem como para a própria comissão; saúda a penetração de Hugo Moura no Governo Estadual (Ivan Bechara Sobreira indicado por Ernesto Geisel) o que possibilitaria um parceira entre os governos estadual e federal; e acalma Hugo Moura quanto a "aventureiros", dizendo que todas as atividades da Campanha na Paraíba serão desenvolvidas pela Comissão Estadual.

16	1975-04-17	Levantamento Folclórico do Estado da PB	Ofício	Braulio do Nascimento - Diretor Executivo da CDFB	Responde afirmando a disponibilidade da campanha em colaborar neste levantamento e dos entendimentos e um convênio com o instituto nacional do Cinema para filmagem, gravação e fotografia da pesquisa.
17	1975-04-29	Prêmio Silvio Romero	Ofício	Braulio do Nascimento - Diretor Executivo da CDFB	Divulgação do Concurso de Monografias sobre folclore; Prêmio de 20.000,00 cruzeiros. Regulamento em anexo.
18	1975-05-01	Resposta a solicitação	Carta	Hildegardes Vianna	Responde que não tem mais o seu próprio livro sobre a cozinha que Hugo Moura solicita.
19	1975-05-02	Solicitação	Ofício	EMBED	Solicita ao Comissão Paraibana de Folclore apoio para trazer grupos folclóricos de diferentes estados do Brasil para o I Festival de Folclore em Campina Grande.
20	1975-05-14	Resposta a solicitação	Carta	Maria do Carmo Vendramini	Responde a solicitação de um curso sobre música folclórica. Fala de gravações folclóricas e de cópias que pode fazer.
21	1975-05-17	Plano de Pesquisa	Ofício	Hugo Moura	Submete plano de pesquisas ao Diretor Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.
22	1975-05-17	Explicações	Carta	Hugo Moura	Explica a Braulio do Nascimento os motivos de sua ausência de uma viagem e apresenta uma jornalista da Comissão Paraibana que se chama Sonia Iost. Ela trabalhou na Secretaria de Divulgação e Turismo como assessora de Folclore.
23	1975-05-17	Sugestão	Ofício	Hugo Moura	Indica locais e datas para filmagens em municípios do interior e na nas cidades vizinhas a João Pessoa, sobre manifestações folclóricas da paraíba.

24	1975-05-23	Informações	Carta	Braulio do Nascimento - Diretor Executivo da CDFB	Recibo do valor de 10.000,00 discriminando em que deve ser empregada esta quantia; Publicação de boletins informativos; reorganização de grupos folclóricos; renovação da obrigatoriedade de prestação de contas e comprovação dos gastos.
25	1975-06-16	Documentário do Festival Folclórico de Itaperoá	Ofício	Braulio do Nascimento - Diretor Executivo da CDFB	Dar instruções a Hugo Moura de quem virá do Instituto Nacional de Cinema, do que a equipe precisará e quais devem ser os seus encaminhamentos para o bom andamento das filmagens, como por exemplo: fazer fichas de identificação dos grupos.
26	1975-06-20	Documentário do Festival Folclórico de Itaperoá	Carta	Braulio do Nascimento - Diretor Executivo da CDFB	Fala de resolução de problemas referentes ao documentário em Itaperoá, envia cópia de trabalho de Hildegardes Viana e solicita cópias do mapa folclórico da Paraíba.
27	1975-06-24	Convite	Ofício	Sanderson Negreiros - Presidente da Fundação José Augusto	Convite para participar como palestrante na Festa do Folclore Brasileiro em Natal nos dias 22, 23, e 24 de Agosto de 1975.
28	1975-06-30	Solicitação	Ofício	Hugo Moura	Pedido de Material de Expediente ao Reitor da UFPB
29	1975-07-25	Projeto Artesanato	Circular	Isa Maia - Min. Do Trabalho - Secretaria de Mão de Obra	Convite para participação em encontro para promoção do artesanato nos estados do nordeste com apoio da SUDENE.
30	1975-07-30	Solicitação	Carta	José Umbelino Brasil	Solicita a presença de Hugo Moura na Comissão de Premiação no II Congresso Nacional de Violeiros entre os dias 22 e 24 de agosto de 1975. Em que local
31	1975-08-12	Resposta	Carta	Manuel Diégues Júnior	Responde ao Convite feito por H.M para pronunciar conferência sobre tema folclórico, convite que não será aceito por motivos de muito trabalho.

32	1975-09-24	Reestruturação da Comissão Nacional de Folclore/IBECC	Carta	Agostinho Olavo Rodrigues	Informa da reunião da Diretoria do IBECC, realizada no dia 9 de setembro de 1975 em que foi reestruturada a comissão Nacional de Folclore que terá como Presidente Manoel Diégues Júnior; vice-presidente Braulio do Nascimento diretor Executivo da Campanha; vice-presidente Ático Vilas-Boas da Mota professor de folclore da Faculdade Federal de Goiás.
33	1976-05-17	Resposta a solicitação	Ofício	Divisão de Informação e Documentação Artística	Relação das separatas da Revista do Arquivo de trabalhos premiados no concurso Mário de Andrade e das publicações da divisão
34	1976-06-09	Curso de Especialização em Folclore	Ofício	Braulio do Nascimento - Diretor Executivo da CDFB	Carta solicitando ao governador que concedesse mais duas bolsas para pesquisadores na área de música para participar do curso em Recife no IJNB.
35	1976-06-10	Curso de Especialização em Folclore	Ofício	Braulio do Nascimento - Diretor Executivo da CDFB	Carta solicitando ao Reitor que indicasse um aluno do último ano das áreas de Ciências Sociais, Letras, Geografia e História para participar do curso em Recife no IJNB.
36	1976-06-16	Curso de Especialização em Folclore	Ofício	Braulio do Nascimento - Diretor Executivo da CDFB	Pede a Hugo Moura que entre em contato com o Reitor e o Governador do Estado para que participe da escolha dos bolsistas que participaram do curso.
37	1976-08-18	Dia do Folclore	Ofício	Braulio do Nascimento - Diretor Executivo da CDFB	Congratula pelo dia do Folclore.
38	1976-09-06	Convite	Ofício Circular	Iveraldo Lucena da Costa - Pro-Reitor para Assuntos Comunitários(UFPB)	Convida e ao mesmo tempo indica Hugo Moura para fazer parte da Comissão Executiva do I Encontro de Folclore da Paraíba em Pombal entre os dias 1, 2 e 3 de outubro de 1976.
39	1976-09-27	Homenagem a José Aloísio Vilela	Ofício	Braulio do Nascimento - Diretor Executivo da CDFB	Solicitação de colaboração em um boletim que será lançado em homenagem a Aloísio Vilela.

40	1976-10-11	Convite	Carta	Luiz Vasconcelos	III Salão de Arte Global de Pernambuco - O artesanato e o Homem. Realizado pela Rede Globo de Televisão. Hugo Moura é convidado para participar do Simpósio na condição de comentarista da conferência: Classificação do Artesanato: tipos, materiais e técnicas de produção de Waldemar Valente.
41	1976-10-20	Resposta	Carta	Maria do Carmo Vendramini	Responde a correspondência enviada por Hugo Moura.
42	1977-01-14	Pedido de Publicação	Carta	Hugo Moura	Pede ao professor Harold Curlander do Institute for Cross - Cultural Research(USA) publicações referentes a religião (culto dos mortos, ritos funerários etc.)
43	1977-01-19	Resposta	Carta	Braulio do Nascimento	Responde calorosamente as notícias enviadas por Hugo Moura na carta do dia 4 de janeiro do mesmo ano. Fica feliz em saber da melhora da saúde e de seu trabalho na COEX. Fala da programação para elaboração do Atlas Folclórico que terá Hugo Moura como coordenador geral das pesquisas com o apoio da UFPB. Fala de uma notícia sobre a Nau Catarineta do Mestre Orlando Ferreira e sonda acerca da autenticidade do grupo para poder confirmar o grupo na V Festa do Folclore Brasileiro (19 a 25.08.77).
44	1977-01-28	Folclore de Todos os Estados	Ofício	Braulio do Nascimento - Diretor Executivo da CDFB	Informa e solicita que sejam feitas publicações que dê conta de um panorama do folclore em cada Estado, considerando diversos aspectos, entre eles, o calendário das festas tradicionais, ilustrações e bibliografia básica. Informa como deve ser a publicação, quanto se receberá pelo trabalho e a quantidade de cópias que serão publicadas;

45	1977-03-08	Solicitação	Carta	Dausdet Leitão - Presidente do IHGP	Pedido de envio de um texto sobre a matéria dada por Hugo Moura num curso de história da Paraíba oferecido pelo IHGP. O texto fala de que foram gravadas fitas destas aulas.
46	1977-04-27	Folclore dos Estados	Ofício	Braulio do Nascimento - Diretor Executivo da CDFB	Retifica o ofício enviado no dia 28/01/1977 solicitando incluir no sumário do folclore paraibano o item linguagem popular, precedendo literatura oral; informa que o valor do pagamento pelo trabalho foi aumentado para 10.000,00 Cruzeiros e que o número de publicações foi diminuído para 100 exemplares. Em anexo segue o esquema padrão.
47	1977-05-03	Solicitação	Ofício	Hugo Moura	Solicita ao Secretário de Segurança Pública do Estado da Paraíba que seja registrado os termos e expressões dos marginais em João Pessoa.
48	1977-05-16	Materiais divulgativos Folclóricos (solicitamos)	Circular	Dilson Moreira da Costa - Assessor de Assuntos Turísticos	
49	1977-06-14	Curso de Aperfeiçoamento	Ofício	Fundação Centro Educativo de Comunicação do Nordeste	
50	1977-06-28	Solicitação	Carta	H. Urbano	Resposta a solicitação de Hugo Moura sobre publicações do Departamento de Antropologia da Université de Laval/Quebec-Canadá. Este departamento não tem as publicações sobre o negro na América solicitadas por Hugo, mas o remete a procurar no Departamento de Antropologia da Universidade de Montreal que teve pesquisas recentes sobre populações na Martinica e nas Antilhas em geral.
51	1977-07-26	Convite	Ofício	13º Festival de Folclore de Olímpia	Convite para participação de Hugo Moura no Festival.

52	1977-08-02	V Festa do Folclore Brasileiro	Ofício	Braulio do Nascimento - Diretor Executivo da CDFB	Convite para participação de Hugo Moura na Festa
53	1978-01-18	Solicitação	Carta	Hugo Moura	Pede ao diretor do Centro de Pesquisas Afro-Orientais o número especial sobre assuntos afro-brasileiros. E ainda pergunta sobre cursos e estágios oferecidos neste Centro.
54	1978-01-23	Solicitação de Publicações	Ofício	Iêda Machado Ribeiro dos Santos - Setor de Intercâmbio e Informações/UFBA	Não dispõe dos boletins solicitados por Hugo Moura
55	1978-03-14	Solicitação	Carta	Álvaro Cassiano Ayusso - Prefeito de Olímpia-SP	Pede apoio e declaração de utilidade, necessidade e urgência, relativas à criação de uma Faculdade de Folclore.
56	1978-04-24	envio de publicações	Carta	Junta de Investigações do Ultramar	Relaciona as publicações enviadas: Publicações não seriadas e relação de trabalhos Publicados.
57	1978-05-22	Instruções	Instruções	Não assinado	Instruções e procedimentos para prestação de contas do dinheiro enviado pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro
58	1978-05-23	Informação	Carta	s/i	A carta que não identifico o autor, embora esteja assinada, trata do envio de uma cópia dos Estatutos da Sociedade Paraibana de Folclore fundada em 17 de julho de 1941 em João Pessoa.
59	1978-05-26	Convite	Telegrama	Vernaide Wanderley	Realização de Entrevista para seleção do III Curso de Técnicas em Pesquisas Sociais.
60	1978-05-28	Comunicação, instruções	Ofício	Braulio do Nascimento - Diretor Executivo da CDFB	Informa do depósito no valor de 10.000,00 cruzeiros e das instruções para justificação dos gastos.
61	1978-05-30	Convite	Telegrama	Vernaide Wanderley	Convite para participação da aula inaugural do III Curso de Técnicas em Pesquisa Social no IJNB - PE.
62	1978-06-18	Informativo	Carta	Aurélio	Dá notícias sobre a ocupação das cadeiras da Academia Paraibana de Letras

63	1978-06-24	Comunicado	Ofício	Dinice Tavares de Carvalho Lima	Pede que envie pessoal interessado em participar do 2º Curso de Teatro de Bonecos a nível de pós-graduação - aperfeiçoamento, a ser realizado durante todo o mês de novembro de 1978, com 360 horas de duração.
64	1978-07-05	Relatório e Convite	Relatório	Centro de Pesquisas sobre o Imaginário/Instituto de Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais	Relato das Atividades do Centro de Pesquisas sobre o imaginário. Documento assinado por Virgília Ribeiro Peixoto
65	//1967	Convite	Cartão	Comissão Pernambucana de Folclore	Convidam para a NOITE DO FOLCLORE em homenagem ao Dia Nacional do Folclore. Teatro Santa Izabel.
66	//1975	Divulgação	Carta	**	Primera Conferencia Internacional sobre musica y comunicacion - México 1975, septiembre 3 - 10.
67	/01/1978	Relatório	Relatório	Centro de Pesquisas sobre o Imaginário/Instituto de Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais	Relato das Atividades do Centro de Pesquisas sobre o imaginário. Documento assinado por Virgília Ribeiro Peixoto
68	03/06/19xx	Telegrama	Telegrama	Braulio do Nascimento - Diretor Executivo da CDFB	Pedido de documentação financeira
69	Data não identificada	Resposta	Carta	Mario Solto Maior	Agradece recorte e questionário respondido por H. M. Envia material que H. M pediu para o IHGP e diz cooperar no trabalho que H.M pretende realizar.
70	s/d	Solicitação	Carta	Ministério da Educação e Cultura	Pedido de colaboração para a Revista Cultura, no setor de folclore, com artigo próprio ou indicando pesquisadores especialistas que pudessem submeter algum trabalho.

71	s/d	Resposta a solicitação	Carta	Rossini Tavares de Lima/ Museu das Artes e Técnicas populares (folclore) Associação Brasileira de Folclore.	Na carta Rossini fala do congresso de Brasília e das dificuldades em manter o museu em SP. Responde a Hugo sobre um museu do couro e indica material bibliográfico para estudo. Fala ainda de uma mudança de conceituação do folclore.
72	s/d	Explicações	Carta	Hugo Moura	Acusa recebimento de carta de Bráulio do Nascimento e a responde solicitando apoio para levantamento do folclore na Paraíba.
73	s/d	Solicitação	Carta	Nelson de Figueiredo - Chefe do Departamento de Cultura Popular do Estado de Minas Gerais	Deseja conhecer os trabalhos realizados pela campanha no Estado da Paraíba.
74	s/d		Cartão	Lourdes?	Cartão com Timbre do IBECC. Envio de dados Biográficos de Renato (será o Almeida?). Fala da passagem do reitor da UFPB e que muita coisa fora acertada, lamenta não tê-los encontrado no hotel e se despede de Hugo e manda cumprimentos a sua esposa Maria do Céu.
75	s/d	Felicitções	Cartão	Katarina Real - Secretária Geral da Comissão Pernambucana de Folclore	Cartão endereçado aos folcloristas paraibanos e ao "colega professor Hugo Moura, um abraço folclórico".
76	s/d	Felicitções	Telegrama	Hugo e Betânia, respectivamente filho e nora de Hugo Moura	Pela passagem do aniversário de 50 anos.
77	s/d	Convite	Cartão	s/i	Convite do Governo do Estado da Paraíba, FUNART/MEC, Instituto Nacional do Folclore e a UFPB convidam para o lançamento oficial da VI Festa do Folclore Brasileiro no dia 03 de julho de 1978, no salão nobre do palácio dos despacho, no centro administrativo, em João Pessoa.

78	s/d	Solicitação de Publicações	Carta	Arthur Napoleão Figueiredo	Comunica que foi incluída a disciplina de Folclore em diversos Curso da Universidade Federal do Pará, lotada no departamento de História e Antropologia, do Centro de Ciências Filosofia e Ciências Humanas; Pede publicações da Comissão Paraibana e dos folcloristas; manda o programa piloto da disciplina e pede colaborações.
79	s/d	Comunicação	Carta	Zuleide Ribeiro Rodrigues Sec. Geral do Conselho de Educação e Cultura	Notícia sobre apresentação de ante projeto do decreto oficializando a Semana do Folclore, em reunião ordinária de 7 de agosto de 1969. Livro de Ata folha 120.
Correspondências Pasta da Comissão Paraibana Biblioteca Amadeu Amaral – CNFCP					
1	1975-04-08		Carta	Hugo Moura	A carta trata de três assuntos. Possibilidade de contato pessoal entre Hugo e Braulio que pode ser viabilizada se Braulio solicitar formalmente a sua presença, assim Hugo Moura poderia pleitear passagens via Universidade. Segundo, trata de envio de livros publicados pela Campanha e terceiro correção do endereço de sua residência.
2	1975-04-08		Carta	Hugo Moura	Se alegra por saber que Braulio está em entendimento com o INC para filmagem de um documentário do Folclore da Paraíba. Hugo Moura sugere quais devem ser as manifestações a serem filmadas e solicita a quantia de 10 mil cruzeiros para que seja renovado o vestuários dos grupos, compra de instrumentos musicais e implementos necessárias a efetiva atuação de cada grupo.

3	1975-04-16		Carta	Hugo Moura	O primeiro assunto a ser tratado é quanto a viabilidade de se fazer um documentário sobre o folclore da Paraíba. Segundo tema a ser tratado é sobre uma “intensa movimentação em torno do folclore na Paraíba”; o primeiro motivo diz respeito a um curso de folclore que estava sendo realizado e contava com mais 90 alunos; o segundo é quanto a destinação de verbas do MEC para a pesquisa em folclore. Hugo Moura reclama que muitos folcloristas, pesquisadores e promotores do folclore, apareceram de uma hora para outra. Fala de seu contato com a Universidade e com o governo de Ivan Bichara Sobreira, do qual tem grande penetração e isso pode resultar numa boa articulação entre as instâncias federal e estadual. Por último ele pede que qualquer programação da Campanha seja realizada via Comissão Paraibana e que ele não autorizou ninguém a tratar de tais assuntos em nome desta Comissão.
4	1975-06-25		Carta	Hugo Moura	Hugo Moura relata a Braulio Nascimento a atuação da equipe de filmagem da Agência Nacional de Cinema no Festival Folclórico de Taperoá. Na carta notamos que apesar de alguns “atropelos” causados por Balduino Lelys, que atrasou o evento e os grupos folclóricos que estavam previstos não apareceram, o trabalho da equipe foi realizado. Fala que recebeu cópias do livro Cozinha Baiana e que envia cópia do Mapa Folclórico da Paraíba. Se despede e diz estar sempre a disposição da Campanha para o que for preciso.

5	1977-02-02		Carta	Hugo Moura	Resposta bem curta. Trata de “gravadores” enviados e da presença de Braulio Nascimento em João Pessoa.
6	1977-10-12	79	Comunicação	Braulio do Nascimento	Comunica a Hugo Moura que Maria da Conceição Silva, da Universidade Federal da Paraíba, concluiu o Curso de Especialização em Pesquisa Folclórica no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais no Recife-PE, com realização da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro e com Patrocínio da Fundação Nacional de Arte-FUNARTE. Braulio pede que entre em contato com ela.

APÊNDICE C – Pasta Funcional UFPB

APÊNDICE – C

Pasta Funcional de Hugo Moura na UFPB – Matrícula 098 – A

	Data	Num. Foto	Documento	Síntese
1	1956-03-10	DSC_0058 DSC_0072/67	Certidão	Certidão da Faculdade de Ciências Econômicas da Paraíba atesta que em 30 de outubro de 1956 Hugo Moura é nomeado professor da Cadeira de História Econômica Geral e do Brasil. Tendo sido seu primeiro professor.
2	1961-03-20	DSC_0065 DSC_0066	Curriculum Vitae	Entre outras coisas, é digno de nota os trabalhos publicados: Independência e república na América; Ideias econômicas de um filósofo árabe do século XIV. Professor de História da América da Faculdade de Filosofia da Universidade da Paraíba e professor de História Geral do Colégio Estadual da Paraíba .
3	1961-04-08		RUP/DP/OF/98	Documento de encaminhamento para nomeação.
4	1961-05-29	DSC_0084	Declaração	Opta pelas cadeiras de História Econômica Geral e do Brasil na Faculdade de Ciências Econômicas e História da América na Faculdade de Filosofia, a fim de ser nomeado professor da UFPB, nos termos da lei nº 3.835 de 13 de dezembro de 1960.
5	1961-05-31	DSC_0067	Declaração – Ref	“Vem optar pelas cadeiras de História Econômica Geral e do Brasil , na Faculdade de Ciências Econômicas e de História da América, na Faculdade de Filosofia. Comprovações para ser nomeado professor de Universidade da Paraíba.
6	1961-06-21	DSC_0061 DSC_0062	Termo de Posse	Toma posse como professor catedrático, interino, da cadeira de História Econômica Geral e do Brasil a partir de 18/05/1961.
7	1962-00-00	DSC_0026	Resolução	Fixa o currículo mínimo para o curso de História. Parece que este documento está incompleto. Mas ele oferece um lista de disciplinas e é marcado as disciplinas que Hugo Moura lecionou.
8	1962-06-25	DSC_0087	FFUpb/246/62	Escolhido Vice Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.
9	1962-06-28		FFUpb /254/62	Assume a diretoria da faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em virtude de afastamento temporário do Diretor Milton Paiva.
10	1963-02-04		FFUpb /46/63	Assume a diretoria da faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em virtude de afastamento temporário do Diretor Milton Paiva.
11	1963-03-12	DSC_0023	Comunicado	Indica Hugo Moura, em caráter provisório, a assumir as cadeiras de História Moderna e Contemporânea. José Pedro Nicodemos, chefe do Departamento de História. Universidade da Paraíba, FAFI.

12	1963-03-13	DSC_0022	OF 190/63	Substitui o próprio pai, Aníbal Victor de Lima e Moura, na cadeira de História Moderna e Contemporânea em virtude de falecimento. Universidade da Paraíba Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.
13	1963-03-20	DSC_0026	FFUpb /122/63	Hugo Moura, então Vice-Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras assume as funções de diretor no lugar de Milton Paiva em virtude de afastamento para viagem desse.
14	1963-06-03		FFUpb /343/63	Assume a diretoria da faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em virtude de afastamento temporário do Diretor Milton Paiva.
15	1963-09-21		FFUpb /510/63	Assume a diretoria da faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em virtude de afastamento temporário do Diretor Milton Paiva.
16	1964-10-06		FFUpb /540/64	Assume a diretoria da faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em virtude de afastamento temporário do Diretor Milton Paiva.
17	1965-03-08		Certidão	Certifica que Hugo Moura é Professor Catedrático da Disciplina de História da América de 1961 até a “presente data”.
18	1965-03-10		Certidão	Foi nomeado professor da cadeira de História Econômica Geral e do Brasil.
19	1965-03-10		Certidão	Curriculum Vitae aprovado pelo Conselho Nacional de Educação em 18 de novembro de 1957.
20	1965-06-03	DSC_0082 DSC_0083	Declaração	Declaração redigida pelo próprio Hugo Moura das disciplinas ministradas, horários e locais de trabalho. História Econômica Geral e Formação Econômica do Brasil na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade da Paraíba; História da América na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da mesma universidade.
21	1965-06-04		s/d	Renúncia do cargo de Vice-Diretor da Faculdade de Filosofia.
22	1965-08-19	DSC_0033	FFUpb /500/65	Ministra as disciplinas de História Antiga e Medieval no lugar da Professora Vilma dos Santos Cardoso. Diretor – José Paulo Pires Braga.
23	1966-05-17	DSC_0046	Certidão	Indica o período de “5 anos, 3 meses e 15 dias” em que Hugo Moura foi Professor do Colégio Estadual de João Pessoa , de 9 de junho de 1956 a 21 de setembro de 1961, data de sua exoneração.
24	1966-05-17	DSC_0080	Certidão	Certifica que foi professor do Curso Diurno do Colégio Estadual de João Pessoa a partir de 1950. Foi nomeado em 30/06/1950, cargo de Professor Docente, para lecionar História Geral. Começa a dar aulas em 04/07/1950.
25	1966-05-17	DSC_0081	Certidão	Certifica o tempo de serviço prestado ao Estado como professor da Faculdade de Filosofia, a partir de 1955. Foi nomeado em 07/03/1955, Professor Catedrático de História da América. Função que exerce até 20 de setembro de 1961.
26	1967-01-02		Certidão	Certifica que foi professor da cadeira “História Econômica, Geral e do Brasil”. Admitido em 1965 na Faculdade de Ciências Econômicas da Paraíba.
27	1967-02-23	DSC_0076	Certidão	Certifica que Hugo Moura foi nomeado Professor Catedrático da Disciplina de História da América em 08 de março de 1955, até a “presente data”. Passa 12 anos na cadeira.
28	1967-02-24		s/d	Mapa do tempo de Serviço.

29	1967-03-14	DSC_0032	Portaria R/DA/Nº 118	Autoriza o afastamento de Hugo Moura, de 1 de março a 31 de dezembro de 1967, para realização de Mestrado em Sociologia no Instituto de Ciências do Homem da Universidade Federal de Pernambuco.
30	1967-05-05		Boletim de Pessoal UFPB	Publicação da Portaria que autoriza Hugo Moura a se afastar para realizar estudos de mestrado na Universidade Federal de Pernambuco.
31	1967-05-24	DSC_0050 DSC_0054 DSC_0071	Certidão	Certidão da Faculdade de Ciências Econômicas da Paraíba atesta a Admissão em 31 de março de 1957. Cargo de Professor da Cadeira de História Econômica Geral e do Brasil . Em 1 de abril de 1957. “4 anos, um mês e 18 dias”
32	1967-10-18		Relatório de Atividades	Presta contas ao Reitor de suas atividades no mestrado em Sociologia na UFPE. Relata a elaboração de uma monografia sobre o tema “Áreas culturais da Paraíba”. Aqui ele fala das fases da pesquisa e do envio dos questionários para elaboração do Mapa Folclórico da Paraíba; Sob orientação do professor José Antônio Gonsalves de Mello Neto, elaborou um trabalho intitulado “A Paraíba colonial na bibliografia Holandesa”; Participa do Simpósio Brasileiro de Folclore entre os dias 10 e 15 de Agosto e debate na mesa redonda “Áreas folclóricas em relação as regiões culturais do país”; Participa ainda em São Paulo do Seminário: “O sistema político” na Escola Pós-Graduadas de Ciências Sociais junto ao professor Rubbo Müller.
33	1968-02-22	DSC_0028	DP/Nº 37	Hugo Moura, torna-se Professor Adjunto. Deixa a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e passa a ser lotado no Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas.
34	1968-04-05	DSC_0039	Portaria R/D8/Nº 364	Declara Hugo Moura como Professor Catedrático.
35	1969-03-24	DSC_0013	Portaria DP/Nº 193	Estabelece que Hugo Moura é professor Titular a partir de 12 de fevereiro de 1969.
36	1970-03-23	DSC_0036	OF. DH/18/70	Substitui Otávio de Sá Leitão na disciplina Formação Econômica do Brasil.
37	1970-03-25		22 – ICFCH/268/70	Substitui Otávio de Sá Leitão na disciplina Formação Econômica do Brasil.
38	1973-09-25	DSC_0070	s/d	O Reitor José Rolderick da R. Leitão designa-o sub-chefe do Departamento de História em 25/09/1973. Professor titular das cadeiras de História Econômica I e II no Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas.
39	1974-01-23		Portaria R/DP/Nº 162	Autoriza H.M a participar entre os dias 21 a 26 de janeiro de 1974 a participar do VII Congresso Brasileiro de Folclore.
40	1974-12-23			Projeto de criação da disciplina Folclore no Departamento de Ciências Sociais do CCHLA.
41	1975-03-13	DSC_0045	OF. de Hugo Moura	Solicita que seja incluída em sua ficha individual o tempo de serviço do período em que foi professor de História Geral do quadro permanente do Estado no Colégio Estadual de João Pessoa. (09/06/1956 – 01/04/1957).
42	1975-05-02		s/d	Plano de Pesquisa para Levantamento do Folclore da Paraíba
43	1976-08-19		Certidão Nº 176/DFH/76	Certifica a aprovação do pleito de mudança de função para RETIDE em justificativa a pesquisa de levantamento do folclore paraibano .
44	1976-08-25		Encaminhamento (faz)	Solicitação de Retide (documentos anexos).
45	1976-09-29			Passa da condição de Professor Catedrático para Titular. Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas.

46	1976-12-23	DSC_0015 DSC_0016	Parecer	Gláucia de Vasconcellos Costa, Chefe do DLEM dar parecer favorável para que Hugo Moura seja colocado a disposição da COEX.
47	1977-01-17	DSC_0014	COEX/OF/Nº 15/77	Coloca Hugo Moura a disposição da COEX para “ Levantamento do Folclore Paraibano que já vem realizando desde 01-12-1976 ”. Deram pareceres favoráveis os professores Pedro Nicodemos e Rosa Maria Godoy da Silveira. Projeto aprovado no CONSEPE.
48	1978-07-24		COEX/OF/Nº 562/78	A coordenadora da COEX Carmem Izabel Carlos Silva comunica falecimento de Hugo Moura (+ 21/07/1978) que prestava serviços a esta coordenação.
49	1978-08-15		Portaria DP/Nº 0516	Mudança de categoria funcional.
50	1978-08-15		Portaria DP/Nº 0518	Mudança de categoria funcional.
51	s/d		Curriculum Vitae	Três folhas com as principais atividades desenvolvidas por Hugo Moura.
52	s/d		Curriculum Vitae	A última data que encontramos no documento é referente as suas atividades em 1967. Obtém os títulos e Bacharel e Licenciado em Geografia e História em 1952 e 1953 respectivamente da Universidade Católica do Recife. Bacharelasse ainda em 1957 em Direito em 1957 na Universidade da Paraíba.
53	s/d		s/d	Solicitação de anotação do tempo de serviço.
54	s/d		s/d	Controle de Licença

ANEXO A – Curriculum Vitae



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
REITORIA

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CURRICULUM VITAE

Nome: Francisco Hugo Almeida de Lima e Moura
Nacionalidade: brasileiro
Naturalidade: paraibano
Nome do pai: Aníbal Victor de Lima e Moura
Nome da mãe: Severina Almeida de Lima e Moura
Data do nascimento: 3 de outubro de 1927

DIPLOMAS QUE POSSUI:

- 1 - Bacharel em Geografia e História (Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco - 1952)
- 2 - Licenciado em Geografia e História (Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco - 1953)
- 3 - Bacharel em Direito (Faculdade de Direito da Universidade Federal da Paraíba - 1957).

CARGOS QUE EXERCE:

- 1 - Professor de História Econômica Geral do Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Paraíba
- 2 - Professor de História da América do Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Paraíba

OUTRAS ATIVIDADES:

- 1 - Secretário Geral da Comissão Paraibana de Folclore

CARGOS E FUNÇÕES EXERCIDAS:

- 1 - Professor de Didática Especial de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal da Paraíba
- 2 - Professor de História Geral do Colégio Estadual de João Pessoa (1950-1962)
- 3 - Diretor do Ginásio Castro Pinto da CNEG (1949-1956)
- 4 - Presidente do Grupo de Trabalho para Educação de Base do Conse-



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
REITORIA

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

lho Estadual de Desenvolvimento (1960-1961)

- 5 - Professor de História Geral do Curso de Aperfeiçoamento de CADES (julho de 1960)
- 6 - Professor de História Geral do 1º Curso de Preparação Intensiva de Professores do I Ciclo, promovido pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal da Paraíba (1965)
- 7 - Professor substituto de História e Filosofia da Educação da Escola de Formação de Professores (1956)
- 8 - Chefe do Departamento de História, Geografia e Sociologia da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Pb.
- 9 - Membro da Comissão Editorial da Revista da Faculdade de Filosofia da UFPb.
- 10 - Chefe de Divisão de Bolsas do Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais da Paraíba (1965-1966)
- 11 - Integrante da Comissão Julgadora do Prêmio Rodrigues de Carvalho (Monografia de Folclore) instituído pelo Departamento Cultural da Universidade Federal da Paraíba (1965)
- 12 - Conselheiro do Conselho Estadual de Cultura
- 13 - Presidente da Comissão para estudar a criação do curso de Ciências Sociais no Instituto Central de Filosofia e C. Humanas da UFPb.

CURSO REALIZADO:

- 1 - Treinamento em Problemas de Desenvolvimento Econômico promovido pela CEPAL - Recife 1959)

ASSOCIAÇÕES CIENTÍFICAS A QUE PERTENCE:

- 1 - Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (sócio efetivo)
- 2 - Comissão Paraibana de Folclore (Secretário Geral)
- 3 - Associação dos Geógrafos Brasileiros
- 4 - Sociedade Brasileira de Folclore (membro titular)
- 5 - Associação Brasileira de Folclore (sócio efetivo)
- 6 - Instituto Histórico de Olinda (sócio correspondente)
- 7 - Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (sócio correspondente)
- 8 - Representante do Museu de Arte e Técnica Popular de São Paulo na



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
REITORIA

Fls. 3

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Paraíba

TRABALHOS PUBLICADOS:

- 1 - Independência e República na América (mimiografado)
- 2 - Idéias econômicas de um filósofo árabe do séc.XIV (Revista da Faculdade de Ciências Econômicas da Paraíba)
- 3 - IBN KHALDUN, um precursor (Revista da Universidade da Paraíba)
- 4 - O que vendem os ervateiros das feiras de João Pessoa (Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba)
- 5 - Contribuição ao Estudo do Linguajar Paraibano (Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal da Paraíba)
- 6 - Bibliografia do Folclore Paraibano (Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano)

PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS:

- 1 - Congresso Brasileiro de Folclore (Rio - 1951)
- 2 - 5º Congresso Brasileiro de Folclore (Fortaleza - 1963)
- 3 - 1º Congresso Brasileiro de História e Geografia (Brasília - 1967)
- 4 - 1º Simpósio Brasileiro de Folclore (São Paulo - 1967)

COMENDA:

Medalha Silvio Romero (Folclore)

ANEXO B – Relatório de Atividades UFPB (1967)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

EM 18 DE OUTUBRO DE 1967

MAGNÍFICO REITOR:

EM ATENDIMENTO À DETERMINAÇÃO DE V. MAGNÍFICA TENHO A HONRA DE APRESENTAR O PRESENTE RELATÓRIO SOBRE MINHAS ATIVIDADES COMO BOLSISTA DESTA UNIVERSIDADE NO INSTITUTO DE CIÊNCIAS DO HOMEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO.

COMO JÁ É DO CONHECIMENTO DE V. MAGNÍFICA, FACE À MODIFICAÇÃO DO CRONOGRAMA DO CURSO DE MESTRADO EM SOCIOLOGIA, SOLICITEI À DIREÇÃO DAQUELE ÓRGÃO PARA ALI PERMANECER NA QUALIDADE DE ALUNO ESPECIAL, O QUE ME OBRIGA À REALIZAÇÃO DE PESQUISA SUPERVISIONADA POR PROFESSORES DAS DIVISÕES COMPETENTES.

ASSIM SOB A ORIENTAÇÃO DO DIRETOR DA DIVISÃO DE SOCIOLOGIA, ESTOU ELABORANDO UMA MONOGRAFIA SUBORDINADA AO TEMA "ÁREAS CULTURAIS DA PARAÍBA", TRABALHO QUE ALÉM DO ASPECTO PARTICULAR QUE O TÍTULO SUGERE, INCLUI UMA PARTE TEÓRICO-METODOLÓGICO.

EXM^o.SR.

DR. GUILARDO MARTINS ALVES

MAGNÍFICO REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

NESTA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

2.

COMO SUBSÍDIO PARA O MESMO PROCEDI AO LEVANTAMENTO DOS FATOS FOLCLÓRICOS DA PARAÍBA. NA CONSECUÇÃO DESTA TAREFA JÁ CONCLUI DUAS ETAPAS: A) ENVIO DE QUESTIONÁRIO A TODOS OS MUNICÍPIOS DO ESTADO; B) TABULAÇÃO DE DADOS PARA DETERMINAR A DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DO FENÔMENO PESQUISADO. ESTA PESQUISA FORNECERÁ AINDA OS DADOS PARA A CONFECÇÃO DO MAPA FOLCLÓRICO DA PARAÍBA, QUE POR SUA VEZ INTEGRARÁ O ATLAS FOLCLÓRICO DO BRASIL.

POR OUTRO LADO, VISANDO MINHA PARTICIPAÇÃO NO I CONGRESSO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA A SER REALIZADO EM BRASÍLIA DE 26 A 29 DO CORRENTE, ESTOU, SOB A ORIENTAÇÃO DO PROF. JOSÉ ANTÔNIO GONSALVES DE MELLO, NETO ELABORANDO UM TRABALHO INTITULADO "A PARAÍBA COLONIAL NA BIBLIOGRAFIA HOLANDESA".

PARA REALIZAR ÊSTE TRABALHO TENHO, SOB A ORIENTAÇÃO DO REFERIDO MESTRE, EFETUADO PESQUISA BIBLIOGRÁFICA NO ICH-UFPE, NA BIBLIOTECA PÚBLICA DO RECIFE E NO INSTITUTO ARQUEOLÓGICO E GEOGRÁFICO.

DA DIRETORIA DO IAGP CONSEGUI AUTORIZAÇÃO PARA QUE SE FAÇAM FOTOGRAFIAS DOS MAPAS REFERENTES À PARAÍBA DO ATLAS DE VINGSBOOS (AO QUE CONSTA NÃO HÁ REPRODUÇÃO DOS MAPAS REFERIDOS NA PARAÍBA).

TENHO AINDA REALIZADO PESQUISA BIBLIOGRÁFICA NO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DA PARAÍBA, ALÉM DE CONSULTAS A COLEGAS COMO POR EXEMPLO, OS PROFS. HUMBERTO NÓBREGA E LAURO XAVIER.

OUTROSSIM, NESTA CIDADE TENHO ESTADO EM CONTACTO COM O LABORATÓRIO FOTOGRÁFICO DA UFPB E O DEPTO. DE GEOGRAFIA DA FAFI, ONDE ESTÃO SENDO FEITAS REPRODUÇÕES DO MAPA DA PARAÍBA HOLANDESA, (MAPA DE MACGRAVE).



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

3.

DURANDO ÊSTE PERÍODO LETIVO, ESTIVEMOS POR DIVERSAS OPORTUNIDADES A SERVIÇO DESTA UNIVERSIDADE PARA AS SEGUINTE ATIVIDADES:

- A) CONGREGAÇÃO NA FACE (APRECIÇÃO DA REESTRUTURAÇÃO DA UNIVERSIDADE);
- B) CONGREGAÇÃO NA FAFI (IDEM, IDEM);
- C) PRESIDIR ELEIÇÃO DO D.A. DA FACE;
- D) ORGANIZAR EXPOSIÇÃO DE XILOGRAVURA POPULAR, QUE INTEGROU AS COMEMORAÇÕES CÍVICO-MILITARES DA SEMANA DE CAXIAS;
- E) PRONUNCIAR PALESTRA NAS COMEMORAÇÕES DA REFERIDA SEMANA.

CUMPRE-ME, TAMBÉM, REGISTRAR QUE NO PERÍODO DE 10 A 15 DE AGOSTO ESTIVE IMPEDIDO DE VIAJAR EM VIRTUDE DE TER SIDO ACOMETIDO DA LITIASE RENAL (NA NOITE DO DIA 9 FUI ATENDIDO NO HOSPITAL DO 1º GRUPAMENTO DE ENGENHARIA).

PERMITA-ME AINDA REGISTRAR QUE DE 25 A 31 DE AGOSTO VIAJEI A S.PAULO, ONDE PARTICIPEI DO SIMPÓSIO BRASILEIRO DE FOLCLORE, NO REFERIDO CONCLAVE FUI UM DOS DEBATEDORES NA MESA REDONDA "ÁREAS FOLCLÓRICAS EM RELAÇÃO ÀS REGIÕES CULTURAIS DO PAÍS".

POR OCASIÃO DA MINHA ESTADA EM SÃO PAULO PARTICIPEI DE UMA SESSÃO DO SEMINÁRIO "O SISTEMA POLÍTICO" NA ESCOLA PÓS-GRADUADAS DE CIÊNCIAS SOCIAIS, DIRIGIDO PELO PROF. RUBBO MÜLLER.

Aproveito a oportunidade para renovar a V. MAGNIFICÊNCIA MEUS PROTESTOS DE CONSIDERAÇÃO E ESTIMA PESSOAL.

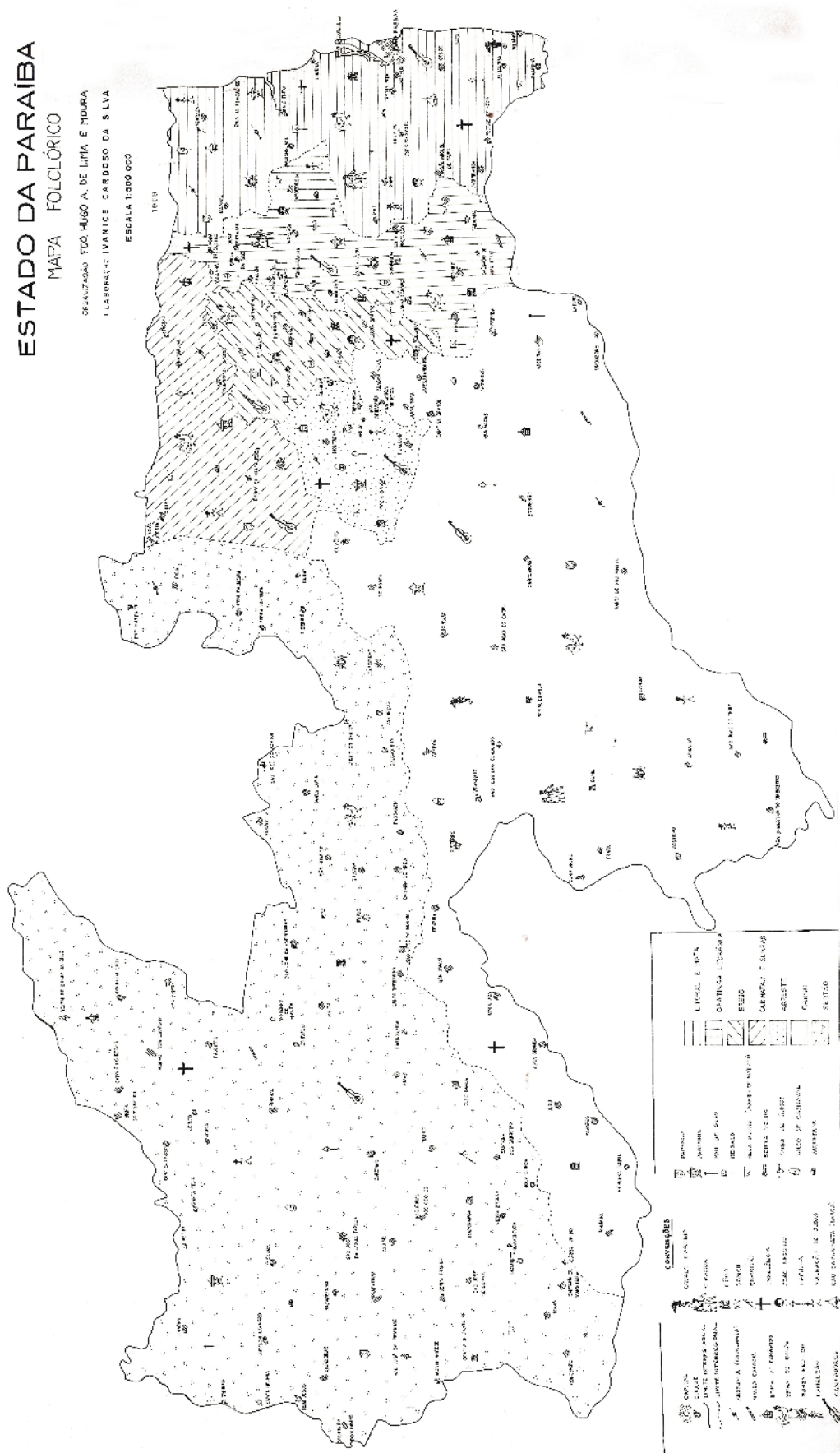
Ass: Fco. Hugo A. de Lima e Moura
PROFESSOR

ANEXO C – Mapa Folclórico da Paraíba (1969)

ESTADO DA PARAIBA

MAPEAMENTO FOLCLÓRICO

ORGANIZADO POR HUGO A. DE LIMA E MOURA
LABORATÓRIO IVANICE CARDOSO DA SILVA
ESCALA 1:500.000



LEGENDA	
	CAPITAL
	CIDADE
	POV. > 10.000
	POV. < 10.000
	RIO
	LAGO
	MONTanha
	Floresta
	Praias
	Fazendas
	Igrejas
	Escolas
	Hospitais
	Presídios
	Detes
	Cemitérios
	Monumentos
	Pontes
	Túneis
	Barragem
	Linhas de Energia
	Rodovias
	Ferrovias
	Aeródromos
	Portos
	Ilhas
	Penínsulas
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías
	Golfinhos
	Sons
	Estreitos
	Baías</

ANEXO D – Atas da Comissão Paraibana de Folclore

Servirá este livro para o Livro de Atas da Comissão Paraibana de Folclore, o qual é constante de cinquenta (50) folhas que vêm tôdas mim rubricadas com a rubrica AS.¹

Afonso Pereira da Silva
Secretário Geral
Em João Pessoa, 20 de abril de 1951

1 Capa encontrada junto com a Ata da primeira Reunião da Comissão Paraibana de Folclore.

Ata da primeira reunião ordinária da Comissão Paraibana de Folclore, realizada no dia cinco de maio de mil novecentos e cinquenta e um.

Aos cinco dias do mês de maio de mil novecentos e cinquenta e um, reuniu-se, pela primeira vez na sede da Associação Paraibana de Imprensa, cedida pelo seu presidente, jornalista José Leal, a Comissão Paraibana de Folclore, ex-subcomissão estadual de folclore, estiveram presentes os srs. dr. Leon Clerot, prof. Rubens Filgueiras, prof. João da Veiga Cabral, sr. Geraldo do Nascimento, jornalista José Leal e o secretário geral dr. Afonso Pereira. Faltaram os srs. dr. Luiz Rodrigues, Jurandir Barroso, Pedro Paulo de Almeida, dr. Arnaldo Tavares e a dr. Leila Guedes. Lido o expediente, constante de cartas e telegramas do Ministro Renato Almeida, a respeito do I Congresso Nacional de Folclore a ser realizado no dia dezoito do ano em curso, o sr. Secretário tratou da organização mais ou menos definitiva da Comissão, que ficou assim constituída: dr. Afonso Pereira (secretária geral), jornalista José Leal, dr. Leon Clerot, dr. Arnaldo Tavares, dr. Luiz Rodrigues, prof. João da Veiga Cabral, prof. Rubens Filgueiras, sr. Geraldo do Nascimento, sr. Pedro Paulo de Almeida e dra. Lélia Guedes. Passou o dr. Afonso Pereira a ler um plano de sua autoria, ao Ministro Renato Almeida, tendo sido muito bem acatado pela Comissão Nacional de Folclore; assim como uma exposição de motivos enviada ao Senador José Américo de Almeida referente à representação da Paraíba, junto ao Primeiro Congresso Nacional de Folclore. Segundo consta, assegurou o dr. Afonso Pereira, sua excelência aceitara os nomes do dr. [Leon Clerot] e dr. Arnaldo Tavares para delegados do Estado da Paraíba. O dr. Leon Clerot aproveitou a oportunidade para ler alguns trechos interessantes de seu “glossário etimológico de termos geológicos, geográficos, Botânicos, Zoológicos, Etnográficos e Folclóricos” que consta de dez mil vocábulos². Por proposta do Sr. Secretário Geral, ficou decidido que seriam criadas, no interior do Estado, sub-comissões municipais com plenas atribuições de falar e agir em nome da Comissão Paraibana de Folclore, dentro de seu setor municipal de atividades. A escolha devia recair sobre pessoas que, realmente, se interessassem pelos estudos e pesquisas do folclóricas. Lembrou, também, o secretário a conveniência de manter-se, nos jornais, uma coluna dominical, sendo no entanto, necessário para isso uma disposição de vontade muito grande, sobretudo unidade de pontos de vista. Confiou ao sr. Geraldo do Nascimento estudar a viabilidade da iniciativa. Falou, ainda, em convidar o folclorista Veríssimo de Mello, de Natal para fazer uma palestra sobre folclore, sugestão que foi por todos respeitada. Foram tomados, em seguida, os endereços dos membros da Comissão presentes: Dr. L. F. R. Clerot – Rua das Trincheiras, nº 469; prof. João da Veiga Cabral – Secretaria do Tribunal de Justiça – Palácio da Justiça; prof. Rubens Filgueiras – Rua Clarisse (ilegível), nº 347; Jornalista José Leal – Rua Senador João Lira, 69; dr. Arnaldo Tavares – por informação – Serviço de Combate a Boubá – Borborema-PB; sr. Geraldo do Nascimento – Rua Gama e Melo, nº 96. Estes endereços deveriam ser enviados a todas as comissões estaduais do país, acrescentou o dr. Afonso Pereira, pois só assim se permitia aprofundar o intercâmbio cultural, até então quase inexistente. Não tendo, digo, não havendo mais quem quisesse usar da palavra, deu então o secretário geral encerrada a reunião, marcando outra para o dia 11 de junho, corrijo para o 9 de junho.

Em João Pessoa, 5 de maio de 1951.

Afonso Pereira – Secretário Geral

Lylia Guedes

Geraldo do Nascimento

L. F. R. Clerot

Arnaldo Tavares

2 Em 2010 foi lançado pela Edições do Senado Federal, volume 143, o livro “Glossário etimológico Tupi/Guarani” de Leon Clerot. cf. http://www.senado.gov.br/publicacoes/livraria/asp/publicacao.asp?COD_PUBLICACAO=1128&COD_CLASSIFICACAO=1

Ata da segunda reunião ordinária, realizada pela Comissão Paraibana de Folclore, no dia nove de junho de mil novecentos e cinquenta e um.

Aos nove dias do ano de mil novecentos e cinquenta e um, reuniu-se ordinariamente, pela segunda vez, a Comissão Paraibana de Folclore, em sua sede provisória, na Associação Paraibana de Imprensa. Estiveram presentes além do Secretário-Geral os srs. dr. Leon Clerot, jornalista José Leal, dr. Arnaldo Tavares, Geraldo do Nascimento e professor João da Veiga Cabral. Não compareceu os srs. dr. Luiz Rodrigues, Jurandir Barroso, Pedro Paulo de Almeida, dra. Lília Guedes e prof. Rubens Filgueiras. Corrida a hora do expediente, que constou da leitura de várias cartas recebidas, sobre o Primeiro Congresso Nacional do Folclore. Comunicou o dr. Afonso Pereira haver, ainda, recebido vários boletins referentes à pesquisa folclórica e à organização de comissões de estudo do folclore. Franqueada a palavra, utilizou-a o dr. Leon Clerot que apresentou três memórias a serem enviadas ao Congresso. Girou o tema daquelas pequenas lembranças, em-torno da origem lendária da mandioca, do mate e do milho. A narração foi muito bem tecida, demonstrando possuir o autor grande bagagem de conhecimento. Discorreu, em seguida, o dr. Arnaldo Tavares sobre as inúmeras denominações da boubá, em muitos países do mundo, estabelecendo comparações e esquematizando, afinal, o plano de trabalho que remeterá ao Rio. O mencionado tem o título seguinte: “Folclore médico rural” (crendices populares sobre as boubas). Finda a hora de estudo, o dr. Clerot comunicou aos presentes que assistido do sr. Secretário de Educação e Saúde, partiria em breve, até o sertões, coletando para enviar à Expressão Folclórica, falando da necessidade de criar representações oficiais e credenciadas da Comissão Paraibana de Folclore, propôs o secretário o nome do dr. Nelson Ribeiro para o município de Conceição, que passaria a ter as atribuições de organizar departamento de estudo e pesquisa. Para representantes em Catolé do Rocha, foram sugeridos e logo aceitos os nomes do sr. David (ilegível) e do dr. Antônio Ribeiro Dantas e Jurandir Barroso. O dr. Afonso Pereira lembrou se considerasse, à próxima reunião, a sra. Maria Luiza Sottomayor e a senhorita Lourenza Sottomayor, mexicanas que disseram entre nós e grandemente interessadas em conhecer o nosso folclore. Como nossos membros da Comissão Paraibana de Folclore, foram recebidos o jornalista Rocha Barreto e o poeta regionalista Mardoqueo Nacre Gomes, apontado pelo jornalista José Leal e pelo dr. Leon Clerot. Não havendo mais quem quisesse falar, deu o sr. Secretário Geral por encerrada a sessão.

Em João Pessoa, 9 de Junho de 1951.

Afonso Pereira – Secretário-Geral

Lylia Guedes

Geraldo Nascimento

Arnaldo Tavares

L. F. R. Clerot

Ata da terceira reunião ordinária realizada pela Comissão Paraibana de Folclore, no dia 7 de julho do ano de 1951. Às quinze horas do dia sete de julho do ano de mil novecentos e cinquenta e um, em sua sede provisória da Associação Paraibana de Imprensa, à rua Duque de Caxias, reuniu-se a Comissão Paraibana de Folclore, sob a presidência do dr. Afonso Pereira, afim-de tratar de assuntos relativos à representação do Estado, junto ao Primeiro Congresso Nacional de Folclore, a realizar-se no dia dezoito de agosto próximo vindouro, na Capital da República. A hora do expediente, o dr. Secretário-Geral leu várias cartas recebidas da Comissão Nacional, instruindo sobre medidas interessantes que a Secretaria-Geral da Paraíba deveria tomar para [maior/mais] êxito do certame. O dr. Afonso Pereira pediu aos delegados que fizessem entrega, urgente, de dois retratos três por quadro (3 x 4) cada um, afim-de enviá-los ao Rio de Janeiro; também que se fizesse a escolha do Hotel onde se hospedaria a representação paraibana. Por sugestão do dr. Arnaldo Tavares, foi escolhido o Hotel Regina, pelas condições de preço e localização. Comunicou o secretário que (ilegível) a Delegação as mexicanas d. Maria Luiza Rollón de Martinez Sottomyor e Lorenza R. De Martinez Sottomayor, grandes interessadas do estudo do folclore regional nordestino. O dr. Leon Clerot havendo chegado do sertão, aonde se dirigira com o fito de recolher material para a Exposição do Rio de Janeiro, fez ciente aos presentes haver coletado muitos objetos e material importante, a serem remetidos, com brevidade. Esta comunicação foi recebida com grande alegria de todos. Passou-se, em seguida, a discutir sugestões e monções a serem apresentadas pela Comissão Paraibana ao Primeiro Congresso. O dr. Clerot focalizou a criação do primeiro Museu de Folclore, aparecendo ou como seção nova do Museu Nacional ou como um novo Museu, à parte. Discutiu, também, a possibilidade de criarem-se museus regionais, como seções dos museus existentes, ou como museus separados. O dr. Afonso Pereira lembrou a confecção de um emblema ou escudo para os membros das Comissões Estaduais, a semelhança do fez a Rotary; também lembrou que se devia instituir, nas emissoras oficiais, ou oficiosas, a Hora Folclórica, e assim a distribuição de fichas de coleta e dados, sobre pesquisa, digo, para uma certa uniformidade na pesquisa de Folclore. Adiantou o dr. Afonso Pereira ser imprescindível a criação, por parte do governo federal, de um Serviço Nacional de folclore. O dr. Arnaldo Tavares disse ser de sua intenção defender um projeto sobre o estabelecimento de Bibliotecas especializadas, com musicoteca, pinacoteca, filmoteca etc., bem assim a instituição de Congressos Estaduais ou Regionais, de Folclore. Passando-se a outra ordem de assunto, o secretário-geral propôs para serem membros da Comissão Paraibana de Folclore, aos (ilegível) Luiz de Gonzaga e Pe. Francisco Lima, além do prof. José Batista de Mello, que antes, compusera a sub-comissão. O prof. João da Veiga Cabral apresentou o nome do poeta George Mato para a Comissão que foi muito bem recebido. Para secretários das sub-comissões municipais, o dr. Afonso Pereira nomeou, depois de justificadas as escolhas ao dr. José Rafael para secretário-geral em Monteiro, e para Princesa Isabel o deputado Nominando Diniz. Seriam representantes em Patos, o dr. José Afonso Gayoso (secretário-geral), dr. José Urquiza e o deputado Otacílio Queiroz, e, em Pombal, o dr. José Medeiros, ora neta capital, (secretário) e o dr. Leon Clerot propôs para Piancó o Sr. Manoel Otaviano, com atribuições de secretário. Por indicação do dr. Arnaldo Tavares, foi aceito para secretário, em Ingá, o prof. Severino da Rocha. O prof. João da Veiga Cabral, indicou para secretário em Campina Grande, ao dr. Cristiano Pimentel, nome bastante conhecido nos meios intelectuais da província. O dr. Afonso Pereira sugeriu que não fossem mais aceitos, por este ano de 1951, nenhum outro membro para Comissão, a não ser que apresentasse algum trabalho de mérito, considerando, que a dita comissão pode indicar pessoas estrangeiras estudiosas para membros correspondentes, como é o caso de considerarem-se como tais a sra. Maria Luiza Rollón de Martinez Sottomayor e Lorenza Rollón de Martinez Sottomayor, ambas mexicanas e que tem já serviços prestados à Comissão Paraibana de Folclore. Não havendo mais ninguém que quisesse fazer uso da palavra, deu o senhor secretário por encerrada a sessão. Em João Pessoa, 7 de julho de 1951. Afonso Pereira da Silva (Secretário-Geral).